



12^a

**MOSTRA
ECOFALANTE
DE CINEMA
2023**

12th
Ecofalante Environmental
Film Festival



12^a

**MOSTRA
ECOFALANTE
DE CINEMA
2023**

12th
Ecofalante Environmental
Film Festival

12ª MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA

A Spcine comemora mais uma edição da **Mostra Ecofalante de Cinema**, parceria firmada desde 2016. Admiramos a responsabilidade e a importância do festival em trazer produções audiovisuais que contribuem para o debate sobre os impactos das questões ambientais no cotidiano da sociedade.

A Spcine se orgulha de mais uma vez ser patrocinadora deste evento e, para celebrar, contamos com uma grade especial para Formação e Difusão.

A programação da **Mostra Ecofalante** estará presente no Circuito Spcine, rede de salas de cinema públicas da Prefeitura de São Paulo, com a exibição de filmes entre os dias 07 e 12 de junho nas salas dos Centros Culturais e Centros Educacionais Unificados (CEUs).

Além disso, a Formação Spcine realizará ações para aproximar talentos do audiovisual ao mercado de trabalho através de um *workshop* presencial, uma *masterclass* online e a contratação de dois agentes cineclubistas para a monitoria da Mostra.

Desejamos um ótimo evento a todos e vida longa à **Mostra Ecofalante de Cinema**.

12TH ECOFALANTE FILM FESTIVAL

Spicine is celebrating another edition of the **Ecofalante Film Festival**, a partnership established since 2016. We admire the responsibility and importance of the Festival in bringing audiovisual productions that contribute to debates about the impacts of environmental issues in the daily life of society.

Spicine is proud to once again be a sponsor of this event. In celebration, we have a special program for Training and Dissemination.

The **Ecofalante Festival** program will be exhibited in Circuito Spicine, a series of movie theaters owned by the São Paulo City Hall, from June 7th to 12th in the Centros Culturais and Centros Educacionais Unificados (CEUs).

Spicine Training will also carry out actions to bring audiovisual talents to the job market through a pre-sential workshop, an online master-class, and the hiring of two film club agents to monitor the Festival.

We wish you all a great event. Long live the **Ecofalante Film Festival**.

20 23

Em sua 12^a edição, a **Mostra Ecofalante de Cinema** retoma de forma integral o formato

presencial e seu lugar no calendário da agenda cultural de São Paulo, ocupando as duas primeiras semanas de junho, de 1 a 14. No ano que marca o fim da emergência global da pandemia, a Mostra exhibe 101 filmes de 39 países em 25 salas de cinema, que incluem o Espaço Itaú de Cinema - Augusta, o Centro Cultural São Paulo e o Circuito SPCine, além de uma programação que chega a mais de 20 espaços culturais e educacionais da cidade. O evento traz ainda quatro debates presenciais, três estreias mundiais de filmes brasileiros que contam com a presença de convidados especiais, uma *masterclass* e um *workshop*.

Neste novo momento do país, grande parte da programação discute questões constitutivas da sociedade brasileira, como a importância da Amazônia, os direitos dos povos originários, a desigualdade social e a persistência do racismo estrutural.

O programa deste ano está dividido em oito seções: *Mostra Histórica: Fraturas (Pós-)Coloniais e as Lutas do Plantationoceno*, *Panorama Internacional Contemporâneo*, *Competição Latino-Americana*, *Concurso Curta Ecofalante*, *Estreias Mundiais*, *Infantil*, *Realidade Virtual* e *Programa Ecofalante Universidades*.

A *Mostra Histórica* é dedicada este ano ao tema *Fraturas (Pós-)Coloniais e as Lutas do Plantationoceno* e traz 17 títulos icônicos realizados de 1966 a 1984, que discutem a herança do colonialismo em diferentes partes do planeta. Cunhado nos anos 2010 pelas teóricas norte-americanas Donna Haraway e Anna Tsing, o termo “Plantationoceno”, que está no título da *Mostra*, se contrapõe ao difundido Antropoceno ao reconhecer os fundamentos coloniais e escravagistas da globalização e do sistema socioeconômico hegemônico hoje. A *Mostra* estreia a cópia restaurada do clássico do cinema militante *A Batalha de Argel*, além de raridades como *Festival Pan-africano de Argel* e *I Heard It through the Grapevine*, documentário lendário que conta com a participação de James Baldwin.

Em reconhecimento à transversalidade das temáticas, o *Panorama Internacional Contemporâneo* deixa, pela primeira vez, de organizar os filmes por temas. São 27 filmes de 26 países que abarcam questões que se sobrepõem, como racismo, economia, migração e trabalho.

Quatro debates que partem de uma seleção de filmes deste programa discutem temas como o racismo ambiental, o futuro da energia, a economia e o desmatamento.

Filmes de sete países foram selecionados para a *Competição Latino-Americana*, com 13 longas e 20 curtas-metragens representando Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru. Questões relativas aos povos indígenas têm uma forte presença nas produções deste ano, além de temas como racismo, migração, trabalho, gênero e preservação florestal.



O *Concurso Curta Ecofalante* exhibe 18 curtas-metragens de alunos de universidades e cursos livres de cinema de nove estados brasileiros: Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo. Criado com o objetivo de estimular a produção audiovisual brasileira, incentivando aqueles que estão iniciando suas carreiras, o *Concurso* seleciona filmes que dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Tanto ele

como a *Competição Latino-Americana* conferem prêmios de Júri e de Público, a serem entregues na cerimônia de premiação do festival.

A programação dedicada às estreias mundiais em salas de cinema conta com três títulos brasileiros que abordam o embate entre indígenas e garimpeiros, queimadas em quatro biomas do país e práticas para manter a floresta em pé. As estreias contam com a participação de André D’Elia, Mundano, Amilton Sá e Vagner Kraho Kanela (*Cinzas da Floresta*) e Davi Kopenawa, Maial Paiakan Kaiapó e Beka Saw Munduruku (*Escute, A Terra Foi Rasgada*).

Voltamos a exhibir uma obra de realidade virtual, *Amazônia Viva*, uma visita impactante ao coração da Amazônia com Raquel Tupinambá, estreia do diretor premiado Estêvão Ciavatta (*Amazônia Sociedade Anônima*) nesta modalidade audiovisual.

Em parceria com a Spcine, organizamos ainda uma *masterclass* gratuita aberta ao público com Malcom Ferdinand, autor do livro *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho* (Ubu, 2022). No evento online e ao vivo, o pensador martiniquês faz uma apresentação onde expõe seu pensamento, voltado a uma compreensão das deteriorações ambientais a partir da crítica ao colonialismo e das práticas colonialistas, e nos faz entender de que maneira o cinema pode dar conta de mostrar essa realidade. Por fim, com *A Prática do Cinema Documental*, Jorge Bodanzky propõe um *workshop* para estudantes, jovens cineastas e os demais interessados em conhecer mais sobre a linguagem e a prática do cinema documental.

Não poderíamos deixar de mencionar a novidades desta edição do festival: o anúncio da realização da **Mostra Ecofalante** em várias cidades em 2023. No primeiro semestre, realizamos a **Mostra Ecofalante 2023 - Bahia**, que tem continuidade no segundo semestre. Estão incluídas na rota da nossa programação as cidades de Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, além de municípios no interior dos estados de São Paulo e Rio Grande Sul. Nunca antes estivemos presencialmente em tantas cidades de várias regiões do país e, por isso, a expectativa de alcançar um público presencial altamente diverso é grande.

Desejamos a todes uma ótima Mostra!

2023

In its 12th edition, the **Ecofalante Film Festival** fully resumes its presential format and its place in the São Paulo cultural calendar, from June 1st to 14th. In the year that marks the end of the global pandemic emergency, the Festival will screen 101 films from 39 countries in 25 theaters, including Espaço Itaú de Cinema - Augusta, Centro Cultural São Paulo, and Circuito SPCine, in addition to a programming that reaches more than 20 cultural and educational spaces in the city. The event also brings four face-to-face debates, three world premieres featuring Brazilian films with special guests, a masterclass, and a workshop.

In this new moment of our country, a great part of the program discusses issues that constitute Brazilian society, such as the importance of the Amazon, the rights of native peoples, social inequality, and the persistence of structural racism.

This year's program is divided into eight sections: *Historical Panorama: (Post-)Colonial Fractures and the Struggles of the Plantationocene*, *International Contemporary Program*, *Latin American Competition*, *Ecofalante Short Film Contest*, *World Premier*, *Kid's Program*, *Virtual Reality*, and *Ecofalante University Circuit*.

The *Historical Panorama* is dedicated this year to the theme *(Post-)Colonial Fractures and the Struggles of the Plantationocene*, and brings 17 iconic titles made from 1966 to 1984, which discuss the legacy of colonialism in different parts of the planet. Coined in the 2010s by American theorists Donna Haraway and Anna Tsing, the term "Plantationocene," which is in the title of the *Panorama*, opposes the widespread Anthropocene by recognizing the colonial and slave-based foundations of globalization and the hegemonic socio-economic system today. The *Festival* premieres the restored copy of the militant cinema classic *The Battle of Algiers*, as well as other rarities such as *The Pan-African Festival of Algiers*, and *I Heard It through the Grapevine*, a legendary documentary featuring James Baldwin.

In recognition of the transversality of the themes, the *International Contemporary Program* no longer organizes the films by themes. There are 27 films from 26 countries that cover overlapping issues such as racism, economy, migration, and labor.

Four debates based on a selection of films in this program discuss issues such as environmental racism, the future of energy, the economy, and deforestation.

Films from seven countries have been selected for the *Latin American Competition*, with 13 feature films and 20 short films representing Argentina, Brazil, Chile, Colombia, Ecuador, Mexico, and Peru. Issues related to indigenous peoples have a strong presence in this year's productions, besides themes such as racism, migration, labor, gender, and forest preservation.

The *Ecofalante Short Film Contest* exhibits 18 short films from students of universities and free film courses from nine Brazilian states: Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, and São Paulo. Created with the objective of promoting Brazilian audiovisual production, encouraging those who are beginning their careers, the *Contest* selects films that engage with the UN's Sustainable Development Goals. Both the *Contest* and the *Latin American Competition* grant Jury and Audience awards, to be handed out at the Festival's award ceremony.

The program dedicated to world premieres in movie theaters includes three Brazilian titles that address the clash between indigenous people and miners, wildfires in four biomes in the country, and practices to keep the forest standing. The premieres feature André D'Elia, Mundano, Amilton Sá, and Vagner Kraho Kanela (*Ashes of the Forest*), and Davi Kopenawa, Maial Paiakan Kaiapó, and Beka Saw Munduruku (*Listen: The Land Was Torn*).

We will again screen a virtual reality piece, *Amazônia Viva*, an impactful visit to the heart of the Amazon

with Raquel Tupinambá, the debut of award-winning director Estêvão Ciavatta (*Amazon Uncovered*) in this audiovisual modality.

In partnership with Spcine, we have also organized a free masterclass open to the public with Malcom Ferdinand, author of the book *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho* (Ubu, 2022). In the online and live event, the Martiniquan thinker makes a presentation that exposes his thought, oriented to an understanding of the environmental deterioration from the criticism of colonialism and colonialist practices, and helps us see how cinema can show this reality. Finally, with *The Practice of Documentary Cinema*, Jorge Bodanzky proposes a workshop for students, young filmmakers, and anyone else interested in learning more about the language and practice of documentary filmmaking.

We could not fail to mention the novelty of this edition of the Festival: The **Ecofalante Film Festival** will be held in several cities in 2023. In the first semester, we held the **Mostra Ecofalante 2023 - Bahia**, which will continue in the second semester. The cities of Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, and Porto Alegre are included in our program route, as well as cities in the countryside of the states of São Paulo and Rio Grande Sul. Never before have we been face-to-face in so many cities in various regions of the country and, for this reason, we expect to reach a highly diverse audience.

We wish you all a great Festival!

15

Panorama Histórico

*Fraturas (Pós-)Coloniais e
as Lutas do Plantationoceno*

Historical Panorama

*(Post-)Colonial Fractures and the
Struggles of the Plantationocene*

26

**Afroperspectivismo: O Pensamento
Afro-Diaspórico e Sua Presença
em Alguns Filmes**

37

**Afroperspectivism: Afro-Diasporic Thought
and its Presence in Some Films**

GILBERTO SOBRINHO

61

Panorama Internacional Contemporâneo

International Contemporary Program

62

A Teimosia das Sementes Diante da Morte

69

The Stubbornness of Seeds in the Face of Death

LUCAS COELHO PEREIRA

74

**Em Busca de um Novo Pacto
Econômico, Social e Ambiental**

81

**In Search of a New Economic,
Social, and Environmental Pact**

LADISLAU DOWBOR

85

**Migração e Fronteiras em
Três Documentários**

94

Migration and Borders in Three Documentaries

PEDRO RUSSI, TIAGO RANGEL CÔRTEZ,
VERA SILVA TELLES

127

Estreia Mundial

World Premiere

133

Competição Latino-Americana

Latin American Competition

138

Competição Longas

Feature Competition

153

Competição Curtas

Short Film Competition

175

Concurso Curta Ecofalante

Ecofalante Short Film Contest

197

Sessão Infantil

Kid's Program

200

Realidade Virtual

Virtual Reality

203

Sessão Especial

Special Screening

205

Atividades Paralelas

Parallel Activities

212

Programa Ecofalante Universidades

University Circuit

índice de filmes

- 100** A Apropriação
44 A Batalha de Argel
45 A Coragem do Povo
155 A Febre da Mata
101 A Felicidade Vale 4 Milhões
140 A Ferrugem
141 A Invenção do Outro
102 A Máquina do Petróleo
179 A Nossa Festa Já Vai Começar
142 A Praia dos Enchaquirados
199 A Viagem do Príncipe
46 A Zerda e os Cantos do Esquecimento
103 Águas de Pastaza
202 Amazônia Viva
143 Amazônia, A Nova Minamata?
104 Amianto: Crônica de um Desastre Anunciado
105 Amor e Luta em Tempos de Capitalismo
144 Aqui en la Frontera
106 Aralkum
156 Aribada
180 As Lavadeiras do Rio Acaraú Transformam a Embarcação em Nave de Condução
47 Cabra Marcado para Morrer
157 Chão de Fábrica
129 Cinzas da Floresta
48 Community Control
181 Concha de Água Doce
182 Da Ponte pra Cá
107 Davi e Golias: O Caso de Dewayne Johnson Contra Monsanto
108 Deep Rising: A Última Fronteira
183 (D)elas - Mulheres Pretas e o Direito de Ocupar
109 Delikado
184 Deus Não Deixa
145 Deuses do México
146 Diálogos com Ruth de Souza
110 Duas Vezes Colonizada
49 El Pueblo Se Levanta
50 Emitaï
158 Entre a Colônia e as Estrelas
130 Escute, A Terra Foi Rasgada
51 Estas São as Armas
159 Estrelas do Deserto
52 Etnocídio
53 Eu, Sua Mãe
147 Exu e o Universo
160 Fantasma Neon
161 Fantasmagoria
54 Festival Pan-africano de Argel
111 Filhos do Katrina
185 Fique na Luz
162 Fogo no Mar
112 Forrageadores
113 Free Money
114 Girl Gang
115 Good Life
55 I Heard It through the Grapevine
163 Infantaria
164 Levante Pela Terra
116 Lixo Fora de Lugar
148 Mamá
165 Mãri Hi: A Árvore do Sonho
186 Medo na Minha Pele
204 Mulheres na Conservação
56 Na Selva Há Muito por Fazer

film index

- 117** Nação Lakota Contra os Estados Unidos
118 Nada Dura para Sempre
149 No Vazio do Ar
57 Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro
119 O Cuidado em Tempos Impiedosos
187 O Fundo do Ar É Cinza
120 O Retorno da Inflação
121 O Sonho Americano e Outros Contos de Fadas
58 O Tigre e a Gazela
122 O Último Refúgio
150 Odisseia Amazônica
188 Olho d'Água
189 Paola
123 Para Além de Estradas
132 Parceiros da Floresta
166 Paulo Galo: Mil faces de um Homem Leal
151 Perlimps
190 Pescadoras em Rede: As Mulheres da Gamboa de Baixo
191 Piratinin
192 Puba
167 Quem de Direito
59 Quilombo
124 Recursos
193 Reticências
168 Solmatalua
194 Sou Point 44, Amor, um Arco-íris Multicor
195 T de Tubarão
169 Tekoha
60 Terra dos Índios
170 Terremoto
171 Thuë Pihî Kuuwi: Uma Mulher Pensando
172 Um Tempo para Mim
125 Uma História de Ossos
152 Vento na Fronteira
173 XAR - Sonho de Obsidiana
126 Xaraasi Xanne (Vozes Cruzadas)
196 Xicas de Ianlá
174 Xixiá - Mestre dos Cânticos Fulni-ô
105 A Guide to Love and Fighting Capitalism
125 A Story of Bones
172 A Time for Me
202 Amazônia Viva
106 Aralkum
156 Aribada
129 Ashes of the Forest
158 Between the Colony and the Stars
48 Community Control
146 Conversations with Ruth de Souza
108 Deep Rising
109 Delikado
159 Desert Lights
170 Earthquake
49 El Coraje del Pueblo
193 Ellipsis
50 Emitaï
147 Esu and the Universe
52 Ethnocide
161 Fantasmagoria
186 Fear in My Skin
162 Fire in the Sea
112 Foragers
132 Forest Partners
113 Free Money
181 Freshwater Shell
182 Filming in the Hood
114 Girl Gang
184 God Won't Allow It
145 Gods of Mexico

- 115** Good Life
101 Happiness Is £4 Million
194 I Am Point 44, Love, a Multicolor Rainbow
55 I Heard It through the Grapevine
53 I, Your Mother
56 In the Jungle There Is Much to Do
149 In the Void of Air
163 Infantry
107 Into the Weeds: Dewayne "Lee" Johnson vs. Monsanto Company
155 Jungle Fever
111 Katrina's Babies
117 Lakota Nation vs. United States
130 Listen: The Land Was Torn
157 Lunch Break
183 Mahins: Black Women and the Right to Occupy
47 Man Marked for Death, 20 Years Later
165 Māri Hi
116 Matter Out of Place
148 Mom
160 Neon Phantom
123 Not Just Roads
118 Nothing Lasts Forever
144 On the Border
57 Our Party Is About to Start
57 Our Voice of Earth, Memory and Future
189 Paola
151 Perlimps
191 Piratinin
192 Puba
59 Quilombo
124 Resources
166 Rise and Burn: Paulo Galo
119 Ruthless Times - Songs of Care
168 Solmatalua
185 Stay in the Light
195 T for Tubarão
169 Tekoha
60 Terra dos Índios
143 The Amazon, A New Minamata?
121 The American Dream and Other Fairy Tales
104 The Asbestos Grave: Chronicle of a Disaster Foretold
44 The Battle of Algiers
142 The Beach of Enchaquirados
187 The Bottom of the Air is Gray
190 The Fisherwomen of Gamboa de Baixo
100 The Grab
141 The Invention of the Other
122 The Last Shelter
102 The Oil Machine
54 The Pan-African Festival of Algiers
49 The People Are Rising
199 The Prince's Voyage
120 The Return of Inflation
167 The Rightful
140 The Rust
58 The Tiger and the Gazelle
180 The Washerwomen of the Acaraú River Transform the Caravel into a Starship
152 The Wind Blows the Border
46 The Zerda and the Songs of Forgetting
51 These Are the Weapons
171 Thuê Pihi Kuuwi
110 Twice Colonized
164 Uprising for the Land
150 Veins of the Amazon
188 Water Spring
103 Waters of Pastaza
204 Women in Conservancy
173 XAR - Obsidian Dream
126 Xaraasi Xanne - Crossing Voices
196 Xicas of Ianlá
174 Xixiá - Master of Fulni-ô Chants



Panorama Histórico

*Fraturas (Pós-)Coloniais
e as Lutas do
Plantationoceno*

Historical Panorama

(Post-)Colonial Fractures and the Struggles of the Plantationocene



Fraturas (Pós-) Coloniais e as Lutas do Plantationoceno

LICIANE MAMEDE *Equipe Ecofalante*

No momento em que as marcas da destruição dos ecossistemas e da diversidade natural, cultural e social do planeta se fazem sentir de maneira cada vez mais nefasta e desigual, a seção histórica da 12ª Mostra Ecofalante de Cinema propõe que, a partir de uma seleção de filmes emblemáticos, possamos refletir sobre as profundas raízes desse problema. Estas se encontram na disseminação insidiosa e inexorável de um modelo socioeconômico predatório, adotado em escala planetária, que beneficia de maneira dispar pessoas, sociedades e espaços geopolíticos (necessariamente divididos entre centro e periferia).

A esse modelo as teóricas Donna Haraway e Anna Tsing deram o nome de “Plantationoceno”¹. Posteriormente, o conceito foi também trabalhado pelo filósofo martiniquês Malcom Ferdinand – que, aliás, ministrará uma *masterclass* online na Mostra Ecofalante deste ano – na obra *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*, recentemente lançada no Brasil. Para seus defensores, o termo “Plantationoceno” – ao contrário de outros, como o bastante difundido “Antropoceno” – permite a inserção da historicidade na discussão das mudanças ambientais globais, reconhecendo os “fundamentos coloniais e escravagistas da globalização”² e o fato de que eles tiveram e têm um papel determinante na crise socioecológica em que nos encontramos.

Em suma, o “Plantationoceno” tem como característica a redução da Terra a um “mercado de recursos consumíveis”³ e a restrição das formas de habitar o planeta à lógica colonial: o mundo é transformado em uma grande *plantation*, onde há, necessariamente, senhores e explorados, ou melhor, privilegiados e aqueles a quem restam as “condições tóxicas de vida”⁴. Segundo Anna Tsing, do modelo colonial da *plantation*, decorreram não apenas as condições econômicas para a industrialização da Europa e para seu expansionismo imperialista, mas também a concepção moderna de raça, a alienação e o condicionamento do trabalhador moderno e a disciplina dos espaços, com a objetificação da terra, das plantas e dos animais.

O termo permite tornar claras as “injustiças espaciais globais, as relações de poder e de dependência entre lugares situados em diferentes pontos da Terra”, estabelecendo uma conexão entre a violência da *plantation*, “confinada em um longínquo lá, enquanto os produtos finais são consumidos em um tranquilo aqui”⁵. Segundo Haraway (2016), “O ‘Plantationoceno’ prossegue com crescente ferocidade na produção global de carne industrializada, no agronegócio da monocultura e nas imensas substituições de florestas multiespecíficas, que sustentam tanto os humanos quanto os não humanos (...)”.

Ao falarmos de “Plantationoceno”, portanto, deixamos claro que não é mais possível pensar a preservação do planeta sem questionar, nas palavras de Ferdinand, o *habitar colonial* – que constitui, ainda hoje, a forma hegemônica de se habitar a Terra –, e sem desmontar a ideologia que o sustenta. Ora, os pilares ideológicos desse sistema são a supremacia branca, o eurocentrismo, o racismo e a misoginia.



Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro
Our Voice of Earth, Memory and Future

As diversas e cruéis faces do “Plantationoceno” em nossas sociedades (pós-)coloniais aparecem nesta seleção de filmes. Elegemos um período – os filmes programados foram produzidos entre 1966 e 1984 – que consideramos emblemático não apenas para a história do cinema, que também, nesse período, conheceu um momento de renovação estética e ideológica, mas também para a história recente das lutas sociais por direitos, justiça e liberdade.

Em particular, vale destacar a militância do cinema latino-americano do período, do qual trazemos nesta Mostra alguns exemplos representativos, que tratam de questões prementes no continente nos anos 1970 e ainda hoje, uma vez que não se supera a condição (pós-)colonial com um mero ajuste ou rearranjo superficial do sistema. Esses filmes falam de questões agrárias nunca resolvidas (*Terra dos Índios, Cabra Marcado para Morrer, Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro*); genocídio, opressão, racismo, etnocídio contra os povos originários e aqueles que foram escravizados durante séculos pelo sistema colonial que aqui perdurou (*Etnocídio, A Coragem do Povo, Quilombo, Terra dos Índios, Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro*); denunciam o imperialismo, o neocolonialismo e o fato de

que ele se traduziu, nos países do continente, em regimes autoritários, violentos e restritivos que causaram traumas e fraturas sociais que não podem ser superados por um simples pacto de anistia (*Na Selva Há Muito por Fazer, Cabra Marcado para Morrer*).

São marcantes os pontos de contato entre filmes realizados em diferentes países como México, Bolívia, Colômbia e Brasil. Em particular, citamos a luta do povo Coconuco pela defesa de suas terras, mostrada no belo ensaio documental de Marta Rodríguez e Jorge Silva, *Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro*. Filmado durante toda a segunda metade dos anos 1970, ele retrata a luta dos indígenas pela defesa de suas terras e mostra o quanto ela está inscrita numa linha-gem de resistência que passa por várias gerações de líderes. Assim como exposto no brasileiro *Terra dos Índios*, a luta pela terra simboliza, em última instância, a luta pela sobrevivência do próprio povo, uma vez que a manutenção de sua cultura e identidade depende disso.

O outro lado da luta também é denunciado pelo filme de Rodríguez e Silva: os recorrentes assassinatos de militantes e líderes do movimento. Ao escutar o depoimento da mulher que teve seu marido assassinado nessas condições, impossível não fazer o paralelo com Elisabeth Teixeira, personagem principal de *Cabra Marcado para Morrer*, que teve a vida destruída primeiro pelo assassinato do marido, um líder camponês, e, em seguida, pelo golpe militar de 1964. A importância da mobilização das mulheres também está enfatizada em *A Coragem do Povo*, de Jorge Sanjinés.

Mas, ao falarmos de marcas e fraturas do “Plantationoceno”, não podemos obviamente deixar de nos referir ao cinema produzido no continente que foi um dos principais protagonistas da luta anticolonial na segunda metade do século XX. No período em questão, muitos países africanos ainda lutavam por sua independência ou celebravam vitórias recentes – e é interessante notar o quanto os filmes são testemunhas desse processo. Nesse sentido, citamos em particular *Festival Pan-africano de Argel e Estas São as Armas*.

O primeiro, apesar de trazer a assinatura do renomado fotógrafo William Klein, é na verdade um filme coletivo produzido pelo órgão estatal de cinema então recém criado na Argélia, o ONCIC (Organisme National du Commerce et de l’Industrie Cinématographique). Ele retrata o evento cultural e político de celebração da luta anticolonial e da(s) identidade(s) africana(s) que teve lugar em 1969, em Argel, “a Meca dos revolucionários”, segundo as palavras do te-

órico da libertação africana Amílcar Cabral⁶. A capital da Argélia se tornara emblema da luta anticolonial no continente graças à longa, traumática e então recente guerra pela independência travada contra a França, retratada no filme de Gillo Pontecorvo, *A Batalha de Argel*, também presente nesta programação.

Assim como *Festival Pan-africano de Argel, Estas São as Armas* também foi produzido pelo órgão estatal de cinema de Moçambique, o então recém criado Instituto Nacional do Cinema. Daí, podemos constatar o quanto a aposta nessa linguagem foi, no geral, importante para os países africanos recém libertos; o cinema tinha uma função de denúncia e propaganda da causa anticolonial, mas também de afirmação de uma identidade. Nesse sentido, o primeiro filme de Murilo Salles, ao mesmo tempo que cumpre a função de denunciar a invasão e o bombardeamento de Moçambique pelas forças imperialistas representadas pelo governo da Rodésia, assume também o tom de um mito inaugural, que narra o próprio nascimento da nação graças ao recurso às “armas” – entre elas, certamente o cinema.

Sintomático, ainda, é o fato de que três dos filmes africanos aqui programados, notadamente os documentários que possuem um discurso anticolonial mais diretamente engajado, *Festival Pan-africano de Argel, Estas São as Armas* e *A Zerda e os Cantos do Esquecimento*, se valem de imagens de arquivo para compor sua argumentação. São imagens majoritariamente tomadas do colonizador e que são submetidas a um processo de resignificação a fim de dar conta de um novo momento histórico. Nesse sentido, o filme da escritora e poeta argelina Assia Djebar (*A Zerda e os Cantos do Esquecimento*) ganha particular relevo ao contestar a tradição orientalista do olhar eurocêntrico.

Os preconceitos e racismos segregatórios sustentados pela ideia de raça e pela ideologia do supremacismo branco são temáticas que estão particularmente presentes nos filmes do coletivo Newsreel, *Community Control* e *El Pueblo Se Levanta*, mas também em outro filme norte-americano, o belíssimo *I Heard It through the Grapevine*, que tem o escritor James Baldwin como protagonista. *Eu, Sua Mãe*, da senegalesa Safi Faye, o brasileiro *Quilombo* e o também senegalês *Emitai* tratam da mesma questão, embora em contextos diferentes.

Ao reunir esses filmes sob a ótica crítica do “Plantationoceno” e de suas premissas, ou seja, a partir de histórias que narram e denunciam um modelo colonial e predatório ainda não superado, que



Estas São as Armas
These Are the Weapons

subjuga e objetifica humanos, não humanos e o planeta como um todo, a *Mostra Ecofalante* aposta na potência do cinema não apenas enquanto importante testemunha desse processo, mas também como protagonista na articulação das resistências que se opõem a ele. É graças ao registro atento de cineastas que já estavam, há algumas décadas, pensando e problematizando as injustiças e as feridas sociais abertas por meio de narrativas e imagens que podemos, hoje, compor um quadro mais rico e aprofundado de nossa história recente.

- 1 HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>; HARAWAY, D. *et al.* Anthropologists are talking — About the Anthropocene. *Ethnos*, 81, n. 3, pp. 535–564, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>.
- 2 FERDINAND, M. Uma Ecologia Decolonial – Pensar a Partir do Mundo Caribenho. São Paulo: UBU, 2022, p. 66.
- 3 *Ibid.* p. 129.
- 4 *Ibid.* p. 131.
- 5 *Ibid.* p. 67.
- 6 HADDOUCHI, O. Les cinémas dans les luttes de libération: genèses, initiatives pratiques et inventions formelles autour de la Tricontinentale (1966-1975). 2012. Tese (Doutorado). École doctorale 267 - Arts et médias, Université Sorbonne-Nouvelle, Paris, 2012. p. 205.

(Post-)Colonial Fractures and the Struggles of the Plantationocene

LICIANE MAMEDE
Ecofalante Team

At a time when the destruction of ecosystems and the planet's natural, cultural, and social diversity is making itself felt in an increasingly harmful and unequal manner, the historical section of the 12th **Ecofalante Film Festival** proposes that, through a selection of emblematic films, we reflect on the deep roots of this problem. They are found in the insidious and inexorable dissemination of a predatory socioeconomic model, adopted on a planetary scale, which benefits people, societies, and geopolitical spaces (necessarily divided between center and poor outskirts) in a very unequal way.

The theorists Donna Haraway and Anna Tsing called this model the “Plantationocene.”¹ Later, the concept was also used by the Martiniquan philosopher Malcom Ferdinand — who will give an online masterclass at this year's **Ecofalante Festival** — in the book *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho [A Decolonial Ecology: Thinking from the Caribbean World]*, published recently in Brazil. For its proponents, the term “Plantationocene” — unlike others, such as the widespread “Anthropocene” — allows the insertion of historicity in the discussion of global environmental change, recognizing the “colonial and slave foundations

of globalization”² and the fact that they had and have a determining role in the socioecological crisis in which we find ourselves.

In short, the “Plantationocene” is characterized by the reduction of the Earth to a “market of consumable resources”³ and the restriction of the ways of inhabiting the planet to colonial logic: the world is transformed into a large plantation, where there are necessarily masters and exploited, or rather privileged and those who are left with “toxic living conditions”⁴. According to Anna Tsing, the colonial plantation model provided not only the economic conditions for the industrialization of Europe and its imperial expansionism, but also the modern conception of race, the alienation and conditioning of the modern worker, and the discipline of spaces, with the objectification of land, plants, and animals.

The term explains clearly the “global spatial injustices, the relations of power and dependency between places located at different points on Earth”, establishing a connection between the violence of the plantation, “confined in a distant there, while the final products are consumed in a tranquil here”⁵. According to Haraway (2016), “The ‘Plantationocene’ continues with increasing ferocity in global industrialized meat production, monoculture agribusiness, and the immense replacements of multi-species forests that sustain humans and non-humans alike (...).”

Therefore, when we speak of the “Plantationocene”, we make it clear that it is no longer possible to think about the preservation of the planet

without questioning, in Ferdinand's words, the *colonial inhabitation* — which is still today the hegemonic way of inhabiting the Earth — and without dismantling the ideology that sustains it. Now, the ideological pillars of this system are white supremacy, Eurocentrism, racism, and misogyny.

The various and cruel faces of the “Plantationocene” in our (post-) colonial societies appear in this selection of films. We have chosen a period — the films in this program were produced between 1966 and 1984 — that we consider emblematic not only for the history of cinema, which also, at this time, experienced a moment of aesthetic and ideological renewal, but also for the recent history of social struggles for rights, justice, and freedom.

In particular, it is worth highlighting the militancy of Latin American cinema of the period. We bring to this Festival some representative examples, addressing pressing issues in the continent in the 1970s and still today, since the (post-)colonial condition cannot be overcome with a mere adjustment or superficial rearrangement of the system. These films speak of agrarian issues that have never been resolved (*Terra dos Índios, Man Marked for Death, 20 Years Later, Our Voice of Earth, Memory and Future*); genocide, oppression, racism, ethnocide against native peoples and those who were enslaved for centuries by the colonial system that lasted here (*Ethnocide, El Coraje del Pueblo, Quilombo, Terra dos Índios, Our Voice of Earth, Memory and Future*); denounce imperialism, neocolonialism, and the fact

that it translated, in the countries of the continent, into authoritarian, violent, and restrictive regimes that caused traumas and social fractures that cannot be overcome by a simple amnesty pact (*In the Jungle There Is Much to Do, Man Marked for Death, 20 Years Later*).

The points of contact between films made in different countries such as Mexico, Bolivia, Colombia, and Brazil are striking. In particular, we can mention the struggle of the Coconuco people to defend their lands, shown in the beautiful documentary essay by Marta Rodríguez and Jorge Silva, *Our Voice of Earth, Memory and Future*. Filmed throughout the second half of the 1970s, it portrays the indigenous struggle for the defense of their lands and shows how it is inscribed in a lineage of resistance that runs through several generations of leaders. As exposed in the Brazilian *Terra dos Índios*, the fight for the land ultimately symbolizes the fight for the survival of the very people, since the maintenance of their culture and identity depends on it.

The other side of the struggle is also exposed by Rodríguez and Silva's film: the recurrent murders of militants and leaders of the movement. Listening to the testimony of the woman who had her husband murdered under these conditions, it is impossible not to draw parallels with Elisabeth Teixeira, the main character in *Man Marked for Death, 20 Years Later*, whose life was shattered first by the murder of her husband, a peasant leader, and then by the military coup of 1964. The importance of women's mobilization

is also emphasized in Jorge Sanjinés' *El Coraje del Pueblo*.

But when talking about marks and fractures of the “Plantationocene”, we obviously cannot leave out the cinema produced in the continent that was one of the main protagonists of the anti-colonial struggle in the second half of the twentieth century. In that period, many African countries were still fighting for their independence or celebrating recent victories — and interestingly enough, films bear witness to this process. Here we particularly mention *The Pan-African Festival of Algiers* and *These Are the Weapons*.

The former, despite bearing the signature of renowned photographer William Klein, is, in fact, a collective film produced by Algeria's then-newly created state film body, the ONCIC (Organisme National du Commerce et de l'Industrie Cinématographique). It depicts the cultural and political event celebrating the anti-colonial struggle and African identity(ies) that took place in 1969 in Algiers, “the Mecca of revolutionaries,” in the words of African liberation theorist Amílcar Cabral⁶. The capital of Algeria had become an emblem of the anti-colonial struggle on the continent thanks to the long, traumatic, and then-recent war for independence waged against France, portrayed in Gillo Pontecorvo's film, *The Battle of Algiers*, also present in this program.

Like *The Pan-African Festival of Algiers*, *These Are the Weapons* was also produced by Mozambique's state film body, the then-recently created National Film Institute. From this, we can see how important the

investment in this language was, in general, for the newly liberated African countries; cinema had a role of denunciation and propaganda of the anti-colonial cause, but also of affirmation of an identity. In this sense, the first film by Murilo Salles, while fulfilling the role of denouncing the invasion and bombing of Mozambique by the imperialist forces represented by the Rhodesian government, also takes on the tone of an inaugural myth, which narrates the very birth of the nation thanks to the use of “weapons” — among which, certainly, cinema.

It is also significant that three of the African films programmed here, notably the documentaries with a more directly engaged anti-colonial discourse, *The Pan-African Festival of Algiers*, *These Are the Weapons*, and *The Zerda and the Songs of Forgetting*, make use of archival images to compose their arguments. These are images taken mostly from the colonizer and submitted to a process of re-signification in order to account for a new historical moment. For that matter, the film by Algerian writer and poet Assia Djebar (*The Zerda and the Songs of Forgetting*) gains particular relevance by contesting the orientalist tradition of the Eurocentric perspective.

The themes of segregatory prejudice and racism sustained by the idea of race and the ideology of white supremacy are particularly present in the films of the Newsreel collective, *Community Control* and *The People Are Rising*, but also in another American film, the beautiful *I Heard It through the Grapevine*, which has the writer James Baldwin

as its protagonist. *I, Your Mother*, by Senegalese Safi Faye, the Brazilian *Quilombo*, and the also Senegalese *Emitai* deal with the same issue, although in different contexts.

By putting together these films under the critical viewpoint of the “Plantationocene” and its premises, that is, from stories that narrate and denounce a colonial and predatory model not yet overcome, which subjugates and objectifies humans, non-humans, and the planet as a whole, the *Ecofalante Festival* is relying on the power of cinema not only as an important witness of this process but also as a protagonist in the articulation of resistances that oppose it. Thanks to the attentive register of filmmakers who, some decades ago, were already thinking and problematizing injustices and open social wounds through narratives and images, we can, today, compose a richer and deeper picture of our recent history.

- 1 HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, year 3, n. 5, 2016. Available at: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>; HARAWAY, D. et al. Anthropologists are talking — About the Anthropocene. *Ethnos*, 81, n. 3, pp. 535–564, 2015. Available at: <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>.
- 2 FERDINAND, M. *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenh*. São Paulo: UBU, 2022, p. 66.
- 3 Ibid. p. 129.
- 4 Ibid. p. 131.
- 5 Ibid. p. 67.
- 6 HADOUCHI, O. *Les cinémas dans les luttes de libération: genèses, initiatives pratiques et inventions formelles autour de la Tricontinentale (1966-1975)*. 2012. (Doctoral Thesis). École doctorale 267 - Arts et médias, Université Sorbonne-Nouvelle, Paris, 2012. p. 205.

Afroperspectivismo: O Pensamento Afro-Diaspórico e Sua Presença em Alguns Filmes

GILBERTO SOBRINHO

Pensadores como Frantz Fanon, Abdias Nascimento e Achille Mbembe, por exemplo, distantes espaço-temporalmente, aproximam-se conceitualmente em suas visões sobre a negritude como um projeto, *a priori*, construído em bases negativas pelo colonizador europeu e, seguidamente, positivado pelos movimentos de libertação e emancipação dos negros nas Américas, em África e por alguns dissidentes no continente europeu.

Mesmo fragmentário e dispersivo, é próprio do desenvolvimento afro-diaspórico nomear e encontrar lugares em que se asseguram as reflexões, lutas e conquistas da libertação e da reivindicação de outros territórios físicos e imaginários que possam recontar, numa perspectiva política reposicionada, as narrativas colonialistas e seus efeitos

na formação de um capitalismo predatório. Zumbi dos Palmares, a Revolução do Haiti, Luiza Mahin, Frederick Douglass, Booker T. Washington, Luiz Gama, Sojourner Truth, Marcus Garvey e W.E.B. Du Bois são fontes de referência nesse processo estratégico de afirmação identitária e luta política. Desse conjunto de ideias, a noção de dupla consciência, de Du Bois, irrompeu em seu poder de síntese para calcular a condição dos sujeitos diaspóricos: “Todos sentem alguma vez sua dualidade – um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz é apenas o que a impede de se dilacerar.” (DU BOIS, 1999, p. 90).

Vontade de liberdade. Potência de imaginação. Invenção de mundo. As articulações da negritude informam o ser-estar no mundo diante da violência colonizadora e do racismo estrutural. Nesse sentido, proponho, a partir de alguns filmes desta Mostra, o afroperspectivismo como ponto de partida para esta e outras reflexões do campo do desenvolvimento conceitual. Assumindo-o como um motivo libertador, alocado numa ética *ubuntu*, o afroperspectivismo seria “o conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas” (NOGUEIRA, 2012, p. 147). Aqui, pesam valores tais como o reconhecimento integral da cidadania da pessoa negra e a recuperação de uma autoimagem negada, reposicionando o sujeito na afirmação identitária, na luta antirracista e no policentrismo multiculturalista, visando a formas de partilha comunitária, numa relação desafiadora com o eurocentrismo que se impõe sobre nossos saberes e modos de ser.

A reflexão busca articular ideias e conceitos para entendermos o campo vasto das relações entre diáspora africana, o pensamento intelectual e artístico negro e a projeção dessas articulações em filmes específicos, levando-se em consideração a afro-diáspora como disparadora potencial do que se entende por dinâmicas redes de comunicação, tecnologia, cultura, conhecimento e afeto, particularmente nas relações entre estética e política. E o que entendemos como diáspora? Nos termos de Manthia Diawara (1999, p. 315): “É costume definir a diáspora como a dispersão voluntária ou involuntária de um grupo social ou étnico. Os estudos da diáspora, portanto, buscam a estabilidade ou a descontinuidade da identidade de indivíduos ou grupos desde suas origens até sua localização atual. Ao pensar sobre a diáspora negra e sua representação, algumas das questões de retenção de cul-



Emitai
Emitai



Eu, Sua Mãe
I, Your Mother/Man Sa Yay

turas africanas ou ruptura com origens e tradições geralmente entram em jogo.” O par estabilidade/descontinuidade presente nessa definição, associado à ideia de travessia e deslocamento, físico e imaginário, é um marco caro aos intelectuais e artistas afro-diaspóricos, que lidam com o passado traumático da retirada forçada dos antepassados no processo de colonização das Américas e suas marcas profundas, ao mesmo tempo, com as conexões de heranças ancestrais que resistem e ressignificam no tempo.

A diáspora, compreendida em sua heterogeneidade e diversidade, num território de disputas entre tempos e espaços, memórias e narrativas e o que se desdobrou e se constitui nas rotas do Atlântico entre Europa, África e América — e que, necessariamente, inclui outros atravessamentos de mares, oceanos e continentes — é o grande domínio de uma abordagem afroperspectivista. Conscientemente fragmentário e incompleto, o afroperspectivismo prevê a recuperação e a criação de rotas estratégicas e de reposicionamento, uma vez que se trata de histórias traumáticas, violências praticadas, genocídios, interrupções e interpelações que informam sobre formas desumanizadoras com que homens e mulheres foram (e são) tratados – sendo a

sombra da escravidão o maior fantasma a ser transposto – ao mesmo tempo que estes reivindicam as histórias contadas, muitas vezes silenciadas, de sujeitos que ressignificaram não só a própria experiência, mas a de todo um povo, num processo de luta que começa no período colonial e avança para contextos pós-coloniais.

Numa perspectiva histórica, o Pan-africanismo pode ser dimensionado como a expressão aglutinadora, transcontinental, portanto, multilinguística e multicultural, que promoveu o engajamento necessário para atrair forças e provocar mudanças radicais em relação à edificação do pensamento negro em sua pluralidade. Definido como a “teoria e a prática da unidade essencial do mundo africano (...), reivindica a unificação do continente africano, e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida” (NASCIMENTO, 1981, p.73). Pode-se pensar no Pan-africanismo como um conjunto de ideologias políticas que tomam para si o desafio de transpor, política, social e culturalmente, a situação de inferioridade dos povos negros por meio de uma corrente solidária e de estratégias arregimentadas. Resumidamente, e sem avançar em relação às especificidades, disputas e contradições, é próprio do Pan-africanismo, primeiramente, o reconheci-

mento da Revolução no Haiti (1804) como marco do protagonismo negro; em segundo lugar, esse movimento tem na figura de W.E.B. Du Bois (Estados Unidos/Gana) seu principal articulador conceitual. Em seguida, um dos nomes mais representativos do ideal de libertação, em chave nacionalista-separatista, é Marcus Garvey (Jamaica/Estados Unidos), nos anos 1920. Apelando para valores de autodeterminação e interesses econômicos da maioria dos afro-americanos, Marcus Gavey criou a Universal Negro Improvement Association (UNIA), a maior organização de massa com pessoas negras de todos os tempos. A UNIA foi fundada em 1914 na Jamaica e, posteriormente, instaurada nos Estados Unidos em 1918, dois anos após a imigração de seu fundador. Dedicado a uma mistura de nacionalismo negro militante e dos ideais de autoconfiança de Booker T. Washington, Garvey criou uma organização bastante representativa, com sede no Harlem, e que se estendia a quarenta e um países e incluía milhões de membros (OGBAR, 2004, p. 5-6). Foi nesse contexto que emergiu o Renascimento do Harlem, movimento em que artistas de diferentes linguagens, com ênfase no jazz e nas artes visuais, fizeram vibrar o norte de Manhattan, em Nova Iorque, com as artes das gentes negras. Finalmente, há também o chamado movimento transcontinental da *négritude* [negritude], que inclui Aimé Césaire (Martinica), Leon-Gontran Damas (Guiana Francesa), Léopold Sédar Senghor (Senegal) e Wole Soyinka (Nigéria), entre outros, uma frente de poetas de língua francesa e inglesa que fortaleciam a corrente pan-africanista, centrados no plano da cultura. Evidentemente, outros nomes também compõem a linhagem pan-africanista, e essas articulações incluem congressos e outras ações. Por ora, cabe reconhecer o peso dessas ideias e seus feitos, que se conectam a Frantz Fanon e outros sujeitos à frente da libertação colonialista da África, tais como Kwane Nkrumah (Gana), Amílcar Cabral (Guiné-Bissau), Patrice Lumumba (Congo), entre outros, bem como, no contexto norte-americano, o movimento dos direitos civis, com nomes como os de Martin Luther King e Malcolm X, que despontam desses movimentos de lutas emancipatórias. Seguidamente, destacam-se as expressões políticas do *Black Power*, como o Partido dos Panteras Negras, em suas múltiplas articulações e também em disputa no plano da cultura, e o *Black Arts Movement*, desdobramentos de uma verve política e artística que almejava transformar a sociedade norte-americana dos anos 1960 e 1970, com amplo diálogo internacional, sobretudo com países africanos, mas ecoando em outros territórios. Nesse



A Batalha de Argel
The Battle of Algiers/La Battaglia di Algeri

movimento político-artístico-cultural, ainda no século XX, também se encontram a Imprensa Negra Brasileira, a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o Movimento Negro Unificado, que, de modos distintos e singulares, oferecem-se como respostas, no campo da política, da arte, do pensamento e da comunicação, para potentes narrativas de reposicionamento, ressignificação e refazimento da própria experiência coletiva da construção da cidadania. Na segunda metade do século XX, eclodiam as lutas libertárias africanas em frentes revolucionárias e nomes heróicos também integraram essa rede emancipadora.

O cinema africano das repúblicas independentes tem revelado filmes, esteticamente, opacos e transparentes dessas histórias, lutas e processos emancipatórios. O Senegal tem sido um dos países mais prolíficos no surgimento de cineastas e, principalmente, filmes que narram em perspectivas espaço-temporais pouco ortodoxas. Ousmane Sembène é uma das vozes mais robustas desse cinema africano libertário, com uma trajetória ímpar na condução de suas narrativas, que olham, em perspectiva, as transformações sociais e os deslocamentos diaspóricos, ao mesmo tempo que analisam o passado colo-

nial. *Emitai* (Senegal, 1971), por exemplo, volta-se para o contexto colonizador francês no país, em uma história de opressão, desapropriação, tortura e violência colonial por parte do exército contra uma aldeia. Trata-se de uma ficção fortemente inspirada em acontecimentos reais que se passa na região de Casamansa, de maioria Diola, onde Sembène nasceu e foi criado. O filme explora as relações de violência e poder por parte do exército francês contra a população local, a partir dos motivos do recrutamento militar e, principalmente, do confisco de arroz. A partir disso, irrompe uma dimensão forte da resistência local, organizada sobretudo em torno da cosmovisão da comunidade e do modo como as mulheres articulam esse poder contra-hegemônico. A fabulação ganha, assim, com esses elementos — uma narrativa testemunhal que lança o olhar sobre o poder colonizador, ao mesmo tempo que garante voz e contrapoder libertador, de uma maneira pouco previsível, às mulheres e suas posturas reivindicatórias.

Também de origem senegalesa, Safi Faye tem uma obra cinematográfica pioneira e contundente a partir da ficção e do documentário. O olhar atento e aprofundado sobre a conjunção/disjunção entre cultura e território está em seu horizonte estético. No documentário *Eu, Sua Mãe* (Senegal/Alemanha, 1980), vemos os sentidos do deslocamento de um senegalês para a Alemanha a fim de realizar seus estudos universitários. Ele executa múltiplas tarefas para sobreviver, juntar dinheiro e lidar com cobranças familiares diversas, visando, sobretudo, ao envio de dinheiro para a terra natal. Em um momento em que o filme documentário começava a ser afetado por transformações radicais de linguagem, Safi Faye oferece sua contribuição, elaborando o que o campo passou a nomear, bem posteriormente, como um dispositivo de construção estético-narrativa. Assim, a dimensão do deslocamento diaspórico, as tensões entre modos de cultura contrastantes, o diálogo entre cá e lá se dão, primeiramente, pelas andanças, trabalhos, estudos e vivências variadas do personagem central, Moussa, um jovem estudante da Technische Universität de Berlim. Ao lado desses elementos da moldura ficcional, desenvolve-se uma dinâmica epistolar em que as cartas trocadas com seus familiares funcionam como um eficiente mecanismo para lidar com as tensões entre os dois territórios e, principalmente, o peso da cultura de origem sobre o seu destino.

Em território africano, um filme realizado por um diretor italiano reúne aspectos testemunhais em sua dimensão narrativa e discursiva, além de ser quase um manifesto das lutas libertárias de África.

Trata-se de *A Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo (Argélia/Itália, 1966). No filme, a população argelina assume o controle de seu destino e parte para a luta contra o colonizador francês. Suas imagens e sons buscam a reconstituição desse processo, principalmente dos conflitos mais tensos, vividos por atores não profissionais, em uma disputa inclusive espacial pela cidade e pelo território, na qual os residentes de *Casbah* pegam em armas para se impor contra os dominadores, armados pelo exército francês, e também contra os moradores da Cidade Europeia. São as táticas da Frente de Libertação Nacional que ecoam ao longo do filme e, com elas, a influência de Frantz Fanon, psiquiatra e ideólogo da descolonização africana, cuja influência é transcontinental. Sobre imagens e conflitos, o documentário *Estas São as Armas*, de Murillo Salles (Moçambique, 1978), é um texto com intensa carga testemunhal, filmado em Moçambique após o processo revolucionário que retira os portugueses do poder e instaura o governo soberano da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), tendo à frente a figura central de Samora Machel. Trata-se de um “documento” que expõe o processo contínuo revolucionário como resistência, à medida que, mesmo conquistando a independência, as ameaças estão postas, num contexto de polarização da Guerra Fria, com a guerra da então Rodésia, atual Zimbábue, contra a ex-colônia portuguesa. Finalmente, um filme celebrativo das conquistas pan-africanistas, *Festival Pan-africano de Argel*, dirigido por William Klein (França/Alemanha/Argélia, 1969), reúne, de forma fragmentária, imagens de arquivo e, principalmente, a observação de artistas em performance e discursos de lideranças africanas durante esse encontro emblemático, centrado nos movimentos revolucionários que libertaram os países de África.

Os EUA são um dos países em que a dimensão cinematográfica afroperspectivista mais se desenvolveu, com experiências plurais que se conectam aos diferentes momentos de articulação política (ativista) e estética. Três filmes documentários norte-americanos trazem, em chaves diferenciadas, imagens e sons muito fortes de trajetórias e acontecimentos relacionados aos afro-americanos. O aspecto de uma “câmera metralhadora” ou um “cinema de guerrilha” estava no horizonte do coletivo cinematográfico *Newsreel*, uma experiência incisiva, mas ainda pouco destacada no universo acadêmico e no circuito cultural, a despeito de ter sido objeto do estudo aprofundado de Bill Nichols, cujo trabalho surgiu como uma das primeiras teorias siste-



El Pueblo Se levanta
The People Are Rising

matizadas sobre o campo documentário. Iniciando seus trabalhos em Nova Iorque e espalhando-se por diferentes regiões do país, os realizadores do *Newsreel* pautaram as relações entre imagem em movimento e a luta política e social, sendo aqui destacadas as articulações que envolvem as reivindicações do movimento negro e que convergem com a revolta latina, especificamente a porto-riquenha. Ideologicamente, o *Newsreel* era fortemente influenciado pelo *Black Power*, que tinha uma agenda para além das reivindicações dos movimentos de direitos civis e incluía, por exemplo, a organização do Partido dos Panteras Negras como um dos seus “lugares” de enfrentamento, visando, sobretudo, ao orgulho e à autodeterminação dos negros. *Community Control* (1969) e *El Pueblo Se Levanta* (1971) são dois documentários do coletivo que se voltam para pautas raciais. O primeiro filme lida com o tema da educação e da autodeterminação da comunidade negra na condução de seu projeto cidadão. O filme explora falas bem elaboradas e assertivas sobre a reação da branquitude diante de um experimento que organizava escolas para os negros e pelos negros. Abundam policiais em frente às escolas, ao mesmo tempo que a comunidade se engaja, se unifica e afro-americanos e porto-riquenhos se



I Heard It through the Grapevine
I Heard It through the Grapevine

unem em gestos fortes de combate pela defesa de seus direitos e auto-governança. Já *El Pueblo Se Levanta* apresenta a comunidade porto-riquenha que habitava o Harlem novaiorquino entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970. A precariedade das condições de vida do grupo social é notória e, da insatisfação e da necessidade de luta, surge o movimento político organizado denominado *Young Lords*, com vestimentas, performance e voz política tributária dos Panteras Negras. O documentário foca na organização política, evidencia essa precariedade e a repressão policial e é, sobretudo, um documentário-testemunho desse modo específico de resistência.

Finalmente, *I Heard It through the Grapevine* (Dick Fontaine, EUA, 1981), o terceiro extrato fílmico norte-americano a ser destacado, também possui forte carga testemunhal. Nele, o escritor James Baldwin, durante o início da Era Reagan, revisita lugares e, principalmente, encontra-se com pessoas chave em um processo de revisão e reflexão da luta negra que contempla o Movimento dos Direitos Civis e o *Black Power*. Ambos são instâncias emancipatórias pela cidadania plena da população negra, porém se atribui o aspecto integracionista ao primeiro e a versão mais radical do processo revolucionário ao

segundo. No documentário, James Baldwin viaja pelo país e visita lugares historicamente importantes para o protesto negro estadunidense, como Selma e Birmingham, por exemplo. Nas conversas, o tom melancólico da revisão do passado ganha espaço. São encontros importantes, emocionantes e de grande impacto, já que se trata de pensadores sobreviventes de um processo estrutural de violência racial. Entre eles, destaca-se Amiri Baraka, uma das vozes mais potentes do *Black Arts Movement*, a frente artística que se articulava ao *Black Power*. Com forte carga emocional, imagens e testemunhos de pessoas entre duas épocas (1960 e 1980) impregnam o filme de emoção e potência memorialística em uma narrativa de luta, sobrevivência e desengano. Por esse recorte, pretende-se tangenciar o campo do cinema intercultural, em chave afroperspectivista. Questões estéticas e políticas emergem do cinema da afro-diáspora, na eclosão da modernidade e na contemporaneidade, em disputas pelo imaginário, na denúncia das opressões e nos processos revolucionários, nos modos como as construções identitárias, as subjetividades e a memória são enunciadas nos filmes, entre processos de reposição, enfrentamento e criação.

REFERÊNCIAS

- DUBOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- DIAWARA, Manthia. The “I” Narrator in Black Diaspora Documentary. In: KLOTMAN, Phyllis; CUTLER, Janet. *Struggles for representation: African American Documentary Film and Video*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-Africanismo na América do Sul. Emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NOGUEIRA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN*, v. 3, p. 147, 2012.
- OGBAR, Jeffrey Ogbonna Green. *Black Power: Radical Politics and African American Identity*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

GILBERTO SOBRINHO é professor de Cinema, TV e Vídeo no Instituto de Artes da Unicamp. Tem livros e artigos publicados em diferentes editoras e revistas acadêmicas. Realizador de cinema e audiovisual, com ênfase no formato documentário. Curador e crítico de cinema e artes visuais em diferentes mostras, festivais e exposições.

Afroperspectivism: Afro-Diasporic Thought and Its Presence in Some Films

GILBERTO SOBRINHO

Thinkers such as Frantz Fanon, Abdias Nascimento, and Achille Mbembe, for example, distant in time and space, are conceptually close in their views of blackness as a project a priori built on a negative basis by the European colonizer and, subsequently, made positive by liberation and emancipation movements of blacks in the Americas, Africa, and by some dissidents on the European continent. Despite being fragmentary and dispersive, it is characteristic of the Afro-diasporic development to name and find places where the reflections, struggles, and conquests of liberation and the claim to other physical and imaginary territories can be secured to retell, in a newly positioned political perspective, the colonialist narratives and their effects in the formation of a predatory capitalism. Zumbi dos Palmares, the Haitian Revolution, Luiza Mahin, Frederick Douglas, Booker T. Washington, Luiz Gama, Sojourner Truth, Marcus Garvey, and W.E.B. Du Bois are sources of reference in this strategic process of identity affirmation and political struggle. From this set of ideas, Du Bois’ notion of double consciousness erupted in its power of synthesis to calculate the condition of diasporic subjects: “Ev-

eryone is aware of their duality at some time – an American side, a black side; two souls, two thoughts, two unreconcilable efforts; two ideals at war in one dark body, whose tenacious strength is the only thing that keeps it from tearing itself apart.” (DU BOIS, 1999, p. 90).

Will of freedom. Power of imagination. Invention of the world. The articulations of blackness inform the being-in-the-world in the face of colonizing violence and structural racism. In this regard, based on some of the films in this Festival, I propose Afroperspectivism as a starting point for this and other reflections in the field of conceptual development. Assuming it as a liberating motif, allocated in an *ubuntu* ethic, Afroperspectivism would be “the set of points of view, strategies, systems, and ways of thinking and living of African matrices” (NOGUEIRA, 2012, p. 147). Here, values such as the full recognition of the citizenship of the black person and the recovery of a denied self-image are important, repositioning the subject in identity affirmation, in the anti-racist struggle, and in multiculturalist polycentrism, aiming at forms of community sharing, in a challenging relationship with the Eurocentrism that imposes itself on our knowledge and ways of being.

The reflection seeks to articulate ideas and concepts to understand the vast field of relations between the African diaspora, black intellectual and artistic thought, and the projection of these articulations in specific films, taking into account the Afro-diaspora as a potential trigger of what is understood

as dynamic networks of communication, technology, culture, knowledge, and affection, particularly in the relations between aesthetics and politics. And what is meant by diaspora? In the terms of Manthia Diawara (1999, p. 315): “Diaspora is usually defined as the voluntary or involuntary dispersion of a social or ethnic group. Diaspora studies, therefore, seek the stability or discontinuity of the identity of individuals or groups from their origins to their current location. In thinking about the black diaspora and its representation, some of the issues of retention of African cultures or rupture with origins and traditions usually come into play.” The stability/discontinuity pairing present in this definition, coupled with the idea of crossing and displacement, physical and imaginary, is a cherished touchstone for Afro-diasporic intellectuals and artists, who deal with the traumatic past of the forced removal of ancestors in the process of colonization of the Americas and its deep marks, at the same time, with the connections of ancestral heritages that resist and re-signify over time.

Diaspora, understood in its heterogeneity and diversity, in a territory of disputes between times and spaces, memories and narratives and what unfolded and constitutes itself in the Atlantic routes between Europe, Africa, and America – and that, necessarily, includes other crossings of seas, oceans, and continents – is the great domain of an Afroperspectivist approach. Consciously fragmentary and incomplete, Afroperspectivism envisions

the recovery and creation of strategic routes and of repositioning, given that we are dealing with traumatic histories, practiced violence, genocides, interruptions, and interpellations that inform about dehumanizing ways in which men and women were (and are) treated – the shadow of slavery being the greatest ghost to be transposed – at the same time that they reclaim the stories told, which are often silenced, of subjects who have re-signified not only their own experience but that of an entire people, in a process of struggle that begins in the colonial period and moves forward to post-colonial contexts.

From a historical perspective, Pan-Africanism can be described as the agglutinative, transcontinental, therefore, multilingual, and multicultural expression that promoted the necessary engagement to attract forces and provoke radical changes in relation to the edification of Black thought in its plurality. Defined as the “theory and practice of the essential unity of the African world (...), it claims the unification of the African continent, and the concrete and progressive alliance with a united Diaspora” (NASCIMENTO, 1981, p. 73). One can think of Pan-Africanism as a set of political ideologies that take upon themselves the challenge of overcoming, politically, socially, and culturally, the situation of inferiority of Black people through a chain of solidarity and regimented strategies. In short, and without going into specificities, disputes, and contradictions, Pan-Africanism is, first of all, the recognition of the Haitian Revolution (1804) as

a landmark of Black protagonism; secondly, W.E.B. Du Bois (United States/Ghana) is the main conceptual articulator of this movement. Then, one of the most representative names of the liberation ideal, in a nationalist-separatist spirit, is Marcus Garvey (Jamaica/United States), in the 1920s. Appealing to the values of self-determination and economic interests of the majority of African Americans, Marcus Gavey created the Universal Negro Improvement Association (UNIA), the largest mass organization with black people ever. The UNIA was founded in 1914 in Jamaica and then established in the United States in 1918, two years after its founder’s immigration. Dedicated to a mixture of militant black nationalism and the self-confident ideals of Booker T. Washington, Garvey created a very representative organization, headquartered in Harlem, that extended to forty-one countries and included millions of members (OGBAR, 2004, p. 5-6). It was in this context that the Harlem Renaissance emerged, a movement in which artists of different languages, with an emphasis on jazz and the visual arts, caused the north of Manhattan in New York City to vibrate with the arts of black people. Finally, there is also the so-called transcontinental movement of the *négritude* [blackness], which includes Aimé Césaire (Martinique), Leon-Gontran Damas (French Guiana), Léopold Sédar Senghor (Senegal), and Wole Soyinka (Nigeria), among others, a group of French- and English-speaking poets who strengthened the Pan-Africanist current, focusing on the level of culture. Evidently, other names also

make up the Pan-Africanist lineage, and these articulations include congresses and other actions. For now, we must recognize the relevance of these ideas and their achievements, which are connected to Frantz Fanon and other individuals ahead of the decolonization of Africa, such as Kwane Nkrumah (Ghana), Amílcar Cabral (Guinea-Bissau), Patrice Lumumba (Congo), among others, as well as, in the North-American context, the civil rights movement, with names like Martin Luther King and Malcolm X, who emerged from these movements of emancipatory struggles. Then there are the political expressions of Black Power, such as the Black Panthers Party, in its multiple articulations, and also in dispute on the cultural level, and the Black Arts Movement, developments of a political and artistic verve that aimed to transform the American society of the 1960s and 1970s, with broad international dialogue, especially with African countries, but echoing out in other territories. In this political-artistic-cultural movement, still in the twentieth century, we also find the Black Brazilian Press, the Black Brazilian Front, the Experimental Black Theater, and the Unified Black Movement, which, in distinct and unique ways, offer themselves as answers, in the field of politics, art, thought, and communication, for potent narratives of repositioning, re-signifying, and re-making of the collective experience of building citizenship. In the second half of the twentieth century, African liberation struggles erupted on revolutionary fronts, and heroic names were also part of this emancipatory network.

The African cinema of the independent republics has revealed films, aesthetically, both opaque and transparent of these histories, struggles, and emancipatory processes. Senegal has been one of the most prolific countries in the emergence of filmmakers and, especially, films that narrate from unorthodox spatiotemporal perspectives. Ousmane Sembène is one of the most robust voices of this liberating African cinema, with a unique trajectory in the conduct of his narratives, which look, in perspective, at social transformations and diasporic displacements, while analyzing the colonial past. *Emitai* (Senegal, 1971), for example, turns to the French colonizing context in the country, through a story of oppression, dispossession, torture, and colonial violence by the army against a village. This is a fiction heavily inspired by real events that takes place in the Diola-majority Casamance region, where Sembène was born and raised. The film explores the relations of violence and power on the part of the French army against the local population, starting with the reasons for military conscription and especially the confiscation of rice. From this, a strong dimension of local resistance erupts, organized mainly around the community's worldview and the way women articulate this counter-hegemonic power.

With these elements, the narrative becomes testimonial, casting a glance at colonizing power, while at the same time guaranteeing a voice and liberating countervailing power, in an unpredictable manner, to women and their vindicatory

stances. Also of Senegalese origin, Safi Faye has a pioneering and compelling cinematographic work based on fiction and documentary. The attentive and in-depth look at the conjunction/disjunction between culture and territory is in her aesthetic horizon. In the documentary *I, Your Mother* (Senegal/Germany, 1980), we see the meanings of the displacement of a Senegalese boy to Germany to pursue his university studies. He performs multiple tasks in order to survive, earn money, and deal with various family demands, aiming, above all, to send money back to his homeland. At a time when documentary films were beginning to be affected by radical transformations in language, Safi Faye offers her contribution by elaborating what much later would be known as an aesthetic-narrative construction device in this field. Thus, the dimension of the diasporic displacement, the tensions between contrasting modes of culture, the dialogue between here and there occur, first of all, through the wanderings, works, studies, and varied experiences of the central character, Moussa, a young student at Berlin's Technische Universität. Alongside these elements of the fictional framework, a dynamic epistolary process develops, in which the letters exchanged with his relatives serve as an efficient mechanism for dealing with the tensions between the two territories and, above all, the weight of the culture of origin on his destiny.

In African territory, the film *The Battle of Algiers*, made by Ital-

ian director Gillo Pontecorvo (Algeria/Italy, 1966) brings together testimonial aspects and a discursive dimension in its narrative, becoming practically a manifesto of the African liberation struggles. In the film, the Algerian population takes control of its destiny and goes into battle against the French colonizer. Its images and sounds seek to reconstitute this process, especially the tensest conflicts, lived by non-professional actors, in a dispute that includes space for the city and the territory. The residents of the Casbah take up arms to impose themselves against the dominators, armed by the French army, and also against the residents of the European City. It is the tactics of the National Liberation Front that echo throughout the film, and with them the influence of Frantz Fanon, psychiatrist and ideologue of African decolonization, whose influence is transcontinental. About images and conflicts, the documentary *These Are the Weapons*, by Murillo Salles (Mozambique, 1978), is an intensely testimonial text, shot in Mozambique after the revolutionary process that removed the Portuguese from power and established the sovereign government of the Front for the Liberation of Mozambique (FRELIMO), led by Samora Machel. It is a "document" that uncovers the continuous revolutionary process as resistance, as, by achieving independence, threats continue to be posed in a context of Cold War polarization, with the war of the then Rhodesia, today Zimbabwe, against the former Portuguese colony. Finally, a film cele-

brating the Pan-African conquests, *The Pan-African Festival of Algiers*, directed by William Klein (France/Germany/Algeria, 1969), brings together, in a fragmentary way, archival images and, mainly, the observation of artists in performance and speeches of African leaders during this emblematic meeting, focused on the revolutionary movements that liberated the countries of Africa.

The United States is one of the countries in which the Afroperspectivist cinematographic dimension has developed the most, with plural experiences that connect to different moments of political (activist) and aesthetic articulation. Three North American documentary films bring, in very distinctive modes, very strong images and sounds of trajectories and events related to African Americans. The perspective of a "machine gun camera" or a "guerrilla cinema" was on the horizon of the cinematographic collective Newsreel, an incisive experience, yet poorly highlighted in the academic universe and in the cultural circuit, despite having been the object of an in-depth study by Bill Nichols, whose work emerged as one of the first systematized theories on the documentary field. Beginning their work in New York and spreading out to different regions of the country, the directors of the Newsreel focused on the relations between the moving image and the political and social struggle, with emphasis here on the articulations involving the demands of the black movement and converging with the Latin rebellion, specifically

the Puerto Rican one. Ideologically, Newsreel was strongly influenced by Black Power, which had an agenda beyond the claims of the civil rights movements and included, for example, the organization of the Black Panthers Party as one of its “places” of confrontation, aiming, above all, at black pride and self-determination. *Community Control* (1969) and *The People Are Rising* (1971) are two of the collective’s documentaries that focus on racial agendas. The first film deals with the theme of education and the self-determination of the black community in the conduction of their citizen projects.

The film explores well-crafted and assertive lines about the white reaction to an experiment that organized schools for blacks and by blacks. Police officers abound in front of the schools, at the same time as the community engages, unites, and African Americans and Puerto Ricans unite in strong gestures of struggle for the defense of their rights and self-governance. *The People Are Rising* presents the Puerto Rican community that inhabited New York’s Harlem between the late 1960s and early 1970s. The precarious living conditions of the social group are notorious, and out of dissatisfaction and the need to fight, an organized political movement called Young Lords arises, with clothing, performance, and political voice tributary to the Black Panthers. The documentary focuses on the political organization, highlights this precariousness and police repression, and is, above all, a documentary-testimonial of this specific mode of resistance.

Finally, *I Heard It through the Grapevine* (Dick Fontaine, USA, 1981), the third American film extract to be highlighted, also has a strong testimonial element. In it, the writer James Baldwin, during the beginning of the Reagan era, revisits places and, mainly, meets key people in a process of review and reflection of the black struggle that includes the Civil Rights Movement and Black Power. Both are emancipatory arenas for the full citizenship of the black population, but the integrationist aspect is attributed to the former and the more radical version of the revolutionary process to the latter. In the documentary, James Baldwin travels around the country and visits historically important places for black American protest, such as Selma and Birmingham, for example. In the conversations, the melancholic tone of a past revisited gains space. They are important encounters, emotional and of great impact since they involve thinkers who survived a structural process of racial violence. Among them is Amiri Baraka, one of the most powerful voices of the Black Arts Movement, the artistic movement that articulated itself to Black Power. With a strong emotional charge, images and testimonies of people between two eras (1960 and 1980) infuse the film with emotion and memorialistic power in a narrative of struggle, survival, and disillusionment. Through this approach, we intend to touch on the field of intercultural cinema, from an Afroperspectivist perspective. Aesthetic and political issues emerge from the cinema of the Afro-diaspora, at the outbreak

of modernity and in contemporary times, in disputes over the imaginary, in the denouncement of oppression and revolutionary processes, in the ways in which identity constructions, subjectivities, and memory are enunciated in the films, among processes of replacement, confrontation, and creation.

REFERENCES

- DUBOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- DIAWARA, Manthia. The “I” Narrator in Black Diaspora Documentary. In: KLOTMAN, Phyllis; CUTLER, Janet. *Struggles for representation: African American Documentary Film and Video*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-Africanismo na América do Sul. Emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NOGUEIRA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN*, v. 3, p. 147, 2012.
- OGBAR, Jeffrey Ogbonna Green. *Black Power: Radical Politics and African American Identity*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

GILBERTO SOBRINHO is a professor of Cinema, TV, and Video at the Institute of Arts at Unicamp, and has published books and articles in several publishing houses and academic magazines. Film and audiovisual director, with a focus on the documentary format. Curator and critic of cinema and visual arts, in different shows, festivals, and exhibitions.



A Batalha de Argel

The Battle of Algiers/La Battaglia di Algeri

ITÁLIA/ARGÉLIA, 1966, 121'

A Batalha de Argel é um filme emblemático para os movimentos revolucionários dos anos 1960 e 1970, tendo sido também alvo de polêmicas e censuras na época de seu lançamento. Ficção de estilo neo-realista, conta a história de libertação da Argélia a partir da luta dos rebeldes da Frente de Libertação Nacional e como essa luta, em determinado momento, extrapolou as possibilidades do governo francês de controlar a situação.

The Battle of Algiers is an emblematic film for the revolutionary movements of the 1960s and 1970s. It was also the target of controversy and censorship at the time of its release. A neo-realist style fiction, it tells the story of the liberation of Algeria through the fight of the rebels of the National Liberation Front and how this fight, at a certain point, exceeded the possibilities of the French government to control the situation.

DIREÇÃO DIRECTOR
Gillo Pontecorvo
PRODUÇÃO PRODUCER
Fred Baker, Antonio Musu, Yacef Saadi
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Marcello Gatti
ROTEIRO WRITER
Franco Solinas, Gillo Pontecorvo
EDIÇÃO EDITOR
Mario Morra, Mario Serandrei
ELENCO CAST
Brahim Hadjadj, Jean Martin, Yacef Saadi
CONTATO CONTACT
monica@surfilm.com



A Coragem do Povo

The Courage of The People/El Coraje del Pueblo

BOLÍVIA, 1981, 90'

Em 24 de junho de 1967, seria realizada uma reunião de trabalhadores para discutir que tipo de apoio seria dado a Che Guevara e seus guerrilheiros, que lutavam em Ñancahuazú. O exército boliviano, pressionado pela missão militar norte-americana, assaltou à noite o acampamento mineiro de Siglo XX, em San Juan, prendendo e assassinando líderes e causando a morte de muitas pessoas. O filme é uma reconstituição desse fato, mas não é apenas ficcional; ele é também um documento que reúne informações e depoimentos, reforçando o ponto de vista das vítimas do massacre.

On June 24, 1967, a meeting of workers was to be held to discuss what kind of support would be given to Che Guevara and his guerrillas, who were fighting in Ñancahuazú. The Bolivian army, pressured by the US military mission, stormed the Siglo XX mining camp in San Juan at night, arresting and murdering leaders and causing the death of many people. The film is a reconstitution of this fact, but it is not only fictional; it is also a document that gathers information and testimonials, reinforcing the point of view of the victims of the massacre.

DIREÇÃO DIRECTOR
Jorge Sanjinés
PRODUÇÃO PRODUCER
Alberto Luna y Roberto Savio
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Antonio Eguino
ROTEIRO WRITER
Oscar Soria
EDIÇÃO EDITOR
Jorge Sanjinés, Sergio Buzzi, Juan Carlos Macias
ELENCO CAST
Federico Vallejos, Felicidad Coca, Domitila Chungura, Eusebio Gironde, Cooperativa Villa Imperial e Trabajadores da mina Siglo XX.
CONTATO CONTACT
pedro@entrecruzar.com



A Zerda e os Cantos do Esquecimento

The Zerda and the Songs of Forgetting/

La Zerda et les Chants de l'Oubli

ARGÉLIA, 1982, 57'

Filme de montagem realizado pela poeta e escritora argelina Assia Djebar, que revisita imagens produzidas durante o período colonial em países do Magrebe, ressignificando-as a partir da perspectiva do colonizado. Trata-se de um ensaio visual em que a poesia e os cantos nos ajudam a enxergar, nas entrelinhas das imagens, a barbárie, a violência e a resistência.

DIREÇÃO DIRECTOR
Assia Djebar
ROTEIRO WRITER
Malek Alloula,
Assia Djebar
EDIÇÃO EDITOR
Nicole Schlemmer
CONTATO CONTACT
gk@arsenal-berlin.de

An edited film by Algerian poet and writer Assia Djebar, which revisits images produced during the colonial period in Maghreb countries, re-signifying them from the perspective of the colonized. It is a visual essay in which poetry and songs help us to see, between the lines of the images, the barbarity, the violence, and the resistance.



Cabra Marcado Para Morrer

Man Marked for Death, 20 Years Later

BRASIL, 1984, 120'

Em 1964, o diretor Eduardo Coutinho começou a realizar um filme de ficção baseado na história do líder da liga camponesa de Sapé (Paraíba), João Pedro Teixeira, que havia sido assassinado por ordem de latifundiários dois anos antes. Contudo, as filmagens, que contavam com Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro, em seu elenco, foram bruscamente interrompidas pelo golpe militar. Dezesete anos depois, Coutinho resolve retomar o filme, dessa vez a partir de um projeto de documentário, disposto a contar a história dos atores de seu filme interrompido.

DIREÇÃO DIRECTOR
Eduardo Coutinho
PRODUÇÃO PRODUCER
Zelito Viana, Eduardo Coutinho
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Fernando Duarte,
Edgar Moura
ROTEIRO WRITER
Eduardo Coutinho
EDIÇÃO EDITOR
Eduardo Escorel
ELENCO CAST
Elizabeth Teixeira, João Virgílio Silva, José Daniel do Nascimento
CONTATO CONTACT
mapafilmes@mapafilmes.com.br

In 1964, director Eduardo Coutinho began to make a fiction film based on the story of the peasant league leader from Sapé (Paraíba) João Pedro Teixeira, who had been murdered by order of landowners two years before. The filming, however, that included Elizabeth Teixeira, João Pedro's widow, in its cast, was abruptly interrupted by the military coup. Seventeen years later, Coutinho decides to take up the film again, this time as a documentary project, willing to tell the story of the actors in his interrupted film.



Community Control

Community Control

EUA, 1969, 38'

Em seu filme de número 24, o coletivo norte-americano *Newsreel* documenta os esforços das comunidades negra e latina em três distritos da cidade de Nova Iorque para participar da administração da educação local. Uma das reivindicações é a transferência de professores considerados racistas. Rapidamente, as manifestações são violentamente reprimidas pela polícia, o que faz o nível da revolta nos bairros aumentar.

DIREÇÃO DIRECTOR
Coletivo Newsreel
PRODUÇÃO PRODUCER
Coletivo Newsreel
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER
Coletivo Newsreel
ROTEIRO WRITER
Coletivo Newsreel
EDIÇÃO EDITOR
Coletivo Newsreel
CONTATO CONTACT
tw@tw.org

In their film number 24, the North American collective Newsreel registers the efforts of the Black and Latino communities in three districts of New York City to participate in the administration of local education. One of the demands is the transfer of teachers considered racist. Quickly, the demonstrations are violently suppressed by the police, which raises the level of revolt in the neighborhoods.



El Pueblo Se Levanta

The People Are Rising

EUA, 1971, 42'

No final dos anos 1960, as condições para os porto-riquenhos nos Estados Unidos atingiram o ponto de ebulição. Neste filme de número 63, o coletivo *Newsreel* mostra a reação da comunidade diante da discriminação racial, de serviços comunitários deficientes, da gentrificação urbana, da educação e de oportunidades de trabalho precárias. Em particular, o filme apresenta a organização e a militância dos *Young Lords*, movimento de luta pelos direitos dos porto-riquenhos nos EUA, ativo principalmente na primeira metade dos anos 1970.

DIREÇÃO DIRECTOR
Coletivo Newsreel
PRODUÇÃO PRODUCER
Coletivo Newsreel
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER
Coletivo Newsreel
ROTEIRO WRITER
Coletivo Newsreel
EDIÇÃO EDITOR
Coletivo Newsreel
CONTATO CONTACT
tw@tw.org

In the late 1960s, conditions for Puerto Ricans in the United States reached boiling point. In this film number 63, the Newsreel collective shows the community's reaction in the face of racial discrimination, poor community services, urban gentrification, and poor education and job opportunities. In particular, the film presents the organization and militancy of the Young Lords, a movement fighting for the rights of Puerto Ricans in the US, active mainly in the first half of the 1970s.



Emitai

Emitai

SENEGAL/FRANÇA, 1971, 95'

1942. O Senegal ainda é uma colônia francesa e os homens jovens do país são obrigados a partir para a Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial. Numa aldeia de Casamance, os Diola, revoltados contra essa situação, recusam-se a cumprir a ordem do governo colonial de entregar o arroz produzido pela comunidade para que ele seja enviado às tropas. As mulheres, responsáveis pela colheita, irão liderar esse movimento de resistência.

1942. Senegal is still a French colony and the country's young men are forced to leave for Europe to fight in World War II. In a village in Casamance, the Diola people, revolted by this situation, refuse to comply with the colonial government's order to deliver the rice produced by the community to be sent to the troops. The women, responsible for the harvest, will lead this resistance movement.

DIREÇÃO DIRECTOR
Ousmane Sembène
PRODUÇÃO PRODUCER
Ibrahima Barro,
Paulin Vieyra
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Georges Caristan,
Michel Renaudeau
ROTEIRO WRITER
Ousmane Sembène
EDIÇÃO EDITOR
Gilbert Kikoine
ELENCO CAST
Ibou Camara, Michel
Remaudeau, Ousmane
Camara, Pierre Blanchard,
Robert Fontaine
CONTATO CONTACT
farkas@doriane-films.com



Estas São as Armas

These Are the Weapons

MOÇAMBIQUE, 1978, 56'

Após o fim da guerra colonial, Moçambique ainda tem que lidar com as oposições à sua nova condição de nação independente. Produzido pelo Instituto Nacional de Cinema do país, *Estas São as Armas* denuncia a invasão do território moçambicano pela então Rodésia, cujo governo é aliado das antigas nações coloniais imperialistas. Por meio de imagens de arquivo, o filme também revisita o passado colonial e a luta pela independência, sendo ao mesmo tempo um documento de afirmação e uma celebração da nação livre.

*After the end of the colonial war, Mozambique still has to deal with opposition to its new status as an independent nation. Produced by the country's National Film Institute, *These Are the Weapons* denounces the invasion of Mozambican territory by the then Rhodesia, whose government is an ally of the former imperialist colonial nations. Through archival footage, the film also revisits the colonial past and the struggle for independence, and is at once a document of affirmation and a celebration of the free nation.*

DIREÇÃO DIRECTOR
Murilo Salles
PRODUÇÃO PRODUCER
Instituto Nacional
de Cinema
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Murilo Salles, Fernando
Silva, Luís Simão,
José Soares
ROTEIRO WRITER
Luís Bernardo Honwana
EDIÇÃO EDITOR
Ophera Hallis, Murilo
Salles, Luís Simão
ELENCO CAST
Samora Machel
CONTATO CONTACT
ms@murilosalles.com



Etnocídio

Ethnocide/Etnocidio: Notas sobre El Mezquital

MÉXICO/CANADÁ, 1977, 103'

Neste documentário, Paul Leduc trata do crime perpetrado contra os Otomis, povo indígena do Vale do Mezquital, região central do México. Por meio de verbetes expostos em ordem alfabética, ele faz uma análise detalhada das marcas deixadas sobre esse território pela colonização, que se traduziu em exploração exaustiva e consequente destruição da terra, expulsão e dispersão da população nativa ou mesmo sua dizimação pura e simples.

In this documentary, Paul Leduc deals with the crime perpetrated against the Otomis, the indigenous people of the Mezquital Valley, central Mexico. Through alphabetical entries, he makes a detailed analysis of the marks left on this territory by colonization, which translated into exhaustive exploitation and consequent destruction of the land, expulsion and dispersion of the native population, or even its outright decimation.

DIREÇÃO DIRECTOR
Paul Leduc
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Georges Dufaux
ROTEIRO WRITER
Paul Leduc, Roger Bartra
EDIÇÃO EDITOR
Rafael Castanedo
CONTATO CONTACT
E.Seguín@nfb.ca



Eu, Sua Mãe

I, Your Mother/Man Sa Yay

SENEGAL/ALEMANHA, 1980, 60'

Entre a ficção e o registro documentário, Safi Faye mostra o cotidiano em Berlim do jovem estudante senegalês Moussa: a relação com outros estudantes africanos, sua percepção da sociedade alemã, suas perspectivas e, sobretudo, as trocas epistolares com a família que ficou no Senegal. A rotina de Moussa, em grande parte solitária, é afetivamente preenchida por essas cartas que trazem notícias e também pedidos da família.

Between fiction and documentary, Safi Faye shows the daily life in Berlin of the young Senegalese student Moussa: his relationship with other African students, his perception of German society, his perspectives, and, above all, the epistolary exchanges with his family who stayed in Senegal. Moussa's largely solitary routine is affectionately filled by these letters with news and requests from his family.

DIREÇÃO DIRECTOR
Safi Faye
PRODUÇÃO PRODUCER
Safi Faye
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Patrick Fabry, Papa Moctar Ndoye
ROTEIRO WRITER
Safi Faye
EDIÇÃO EDITOR
Hormos Khossoussi
ELENCO CAST
Moussa J. Sarr, Omar e Babacar Cheick, Djibril, Abdourahmane
CONTATO CONTACT
gk@arsenal-berlin.de



Festival Pan-africano de Argel

The Pan-African Festival of Algiers/

Festival Panafricain d'Alger

ARGÉLIA/FRANÇA/ALEMANHA OCIDENTAL, 1969, 90'

O ano é 1969. A África está em processo de descolonização: alguns países já se encontram livres do jugo dos colonizadores europeus, outros ainda estão em guerra. Um grande festival cultural reúne delegações de países de todo o continente nas ruas de Argel. Apresentações de dança, teatro e música tomam conta da cidade, onde uma celebração catártica reafirma a resistência e a(s) identidade(s) cultural(is) africana(s).

The year is 1969. Africa is in the process of decolonization: some countries are already free from the yoke of the European colonial rule, others are still at war. A great cultural festival gathers delegations from countries all over the continent in the streets of Algiers. Dance, theater, and music performances take over the city, where a cathartic celebration reaffirms resistance and African cultural identity(ies).

DIREÇÃO DIRECTOR

William Klein

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFER

Dahou Boukerche, Michel Brault, Bernard Gosselin, N.E. Guenifi, William Klein, S. Lakhdar Hamina, Pierre Lhomme, Yann Lemasson, Ali Maroc, Dominique Merlin, Bruno Muel, Guy Vernadet

EDIÇÃO EDITOR

Ragnar, Jacqueline Meppiel, A.-M. Deshayes, Jean Ravel, Valérie Mayoux

ELENCO CAST

Agostinho Neto, Mario de Andrade, Amílcar Cabral, Nina Simone, Miriam Makeba, Archie Shepp

CONTATO CONTACT

t-rivera@artefrance.fr



I Heard It through the Grapevine

I Heard It through the Grapevine

EUA, 1981, 82'

Pouco mais de duas décadas depois da eclosão do Movimento dos Direitos Civis, o escritor James Baldwin revisita lugares históricos que se estendem do sul ao norte dos EUA. Neste *road movie* que mistura depoimentos e imagens de arquivo, ele encontra pelo caminho amigos, ativistas e colegas escritores como Amiri Baraka, Oretha Castle Haley e Chinua Achebe, e faz um balanço das lutas contra o racismo e das injustiças arbitrarias cometidas desde sempre contra a população negra de seu país.

A little over two decades after the outbreak of the Civil Rights Movement, writer James Baldwin revisits historical sites stretching from the US South to the North. In this road movie that mixes testimonies and archive footage, he meets friends, activists, and fellow writers such as Amiri Baraka, Oretha Castle Haley, and Chinua Achebe, and takes stock of the struggles against racism and the arbitrary injustices that have always been committed against the black population of his country.

DIREÇÃO DIRECTOR

Dick Fontaine

PRODUÇÃO PRODUCER

Dick Fontaine

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFER

Ivan Strasburg, Jane Jackson

EDIÇÃO EDITOR

Julian Ware, Keith James, Nigel Mercer

ELENCO CAST

James Baldwin, David Baldwin, Amiri Baraka, Chinua Achebe

CONTATO CONTACT

perlin@conservecinema.org



Na Selva Há Muito por Fazer

In the Jungle There Is Much to Do/

En la Selva Hay Mucho por Hacer

URUGUAI, 1974, 17'

Este curta-metragem de animação realizado por Walter Tournier, Alfredo Echaniz e Gabriel Peluffo sob o pseudônimo “Grupo Experimental de Cine” é um clássico do cinema político latino-americano dos anos 1970. Trata-se de uma alegoria do imperialismo, da repressão e da perseguição política em curso no Uruguai, no momento em que o filme foi realizado. Inspirado no conto homônimo de Maurício Gatti (à época, ele mesmo um preso político), este foi o último filme produzido pelo grupo Cinemateca del Tercer Mundo, que seria desfeito logo após o golpe militar de 1974.

This animated short film made by Walter Tournier, Alfredo Echaniz, and Gabriel Peluffo under the pseudonym “Grupo Experimental de Cine” [Experimental Cine Group] is a classic of Latin American political cinema of the 1970s. It is an allegory of imperialism, repression, and political persecution underway in Uruguay at the time the film was made. Inspired by the short story of the same name by Maurício Gatti (at the time, a political prisoner himself), this was the last film produced by the Cinemateca del Tercer Mundo group, which would be disbanded soon after the 1974 military coup.

DIREÇÃO DIRECTOR

Grupo Experimental de Cine (Alfredo Echaniz, Gabriel Peluffo, Walter Tournier)

PRODUÇÃO PRODUCER

Walter Achugar

ROTEIRO WRITER

Walter Tournier, Maurício Gatti

ELENCO CAST

Jorge Estela (cantor)

CONTATO CONTACT

walter@tournieranimation.com



Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro

Our Voice of Earth, Memory and Future/

Nuestra Voz de Tierra, Memoria y Futuro

COLÔMBIA, 1974-1981, 105'

Este clássico do cinema latino-americano, realizado ao longo de cinco anos pelos cineastas Marta Rodríguez e Jorge Silva, mostra a organização e a luta indígena pela recuperação de suas terras na região dos Andes colombianos. Segundo os próprios indígenas, apenas a retomada da terra pode permitir a regeneração de sua cultura, assim como a recuperação crítica de seu passado.

This classic of Latin American cinema, made over the course of five years by filmmakers Marta Rodríguez and Jorge Silva, shows the organization and struggle of indigenous people to regain their lands in the Colombian Andes region. According to the indigenous people themselves, only the retaking of the land can allow the restoration of their culture, as well as the critical recovery of their past.

DIREÇÃO DIRECTOR

Marta Rodríguez, Jorge Silva

PRODUÇÃO PRODUCER

Marta Rodríguez, Jorge Silva, Wim Koole

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Jorge Silva

ROTEIRO WRITER

Marta Rodríguez, Jorge Silva

EDIÇÃO EDITOR

Marta Rodríguez, Jorge Silva, Caita Villalón

CONTATO CONTACT

gk@arsenal-berlin.de



O Tigre e a Gazela

The Tiger and the Gazelle

BRASIL, 1977, 14'

Ensaio visual que reflete sobre a realidade brasileira a partir do pensamento e dos escritos do filósofo e psiquiatra martiniquês Frantz Fanon.

Visual essay that reflects on the Brazilian reality based on the thought and writings of the Martiniquan philosopher and psychiatrist Frantz Fanon.

DIREÇÃO DIRECTOR
Aloysio Raulino
PRODUÇÃO PRODUCER
Aloysio Raulino, Tânia Savietto, Jorge Bouquet
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Aloysio Raulino
ROTEIRO WRITER
Aloysio Raulino
EDIÇÃO EDITOR
Aloysio Raulino
CONTATO CONTACT
gustavo@movafilmes.com.br



Quilombo

Quilombo

BRASIL, 1975, 24'

Retrato da situação dos 800 habitantes da comunidade quilombola de Arraial dos Pretos, também conhecida como Fazenda do Mesquita, localizada a menos de uma hora de Brasília. Em 1975, eles ainda não conheciam a energia elétrica e se dedicavam exclusivamente à lavoura de subsistência e à produção caseira de marmelada e cachaça. Os mais jovens já começavam a querer sair dali, mas frequentemente acabavam nas periferias das grandes cidades.

A portrait of the situation of the 800 inhabitants of the quilombola community of Arraial dos Pretos, also known as Fazenda do Mesquita, located less than an hour from Brasília. In 1975, they still didn't know electricity and dedicated themselves exclusively to subsistence farming and the home production of marmalade and cachaça. The youngest ones were beginning to want to leave but often ended up on the poor outskirts of the big cities.

DIREÇÃO DIRECTOR
Vladimir Carvalho
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Walter Carvalho
ROTEIRO WRITER
Vladimir Carvalho
EDIÇÃO EDITOR
João Ramiro Mello
CONTATO CONTACT
conterraneovladimir@gmail.com



Terra dos Índios

Terra dos Índios

BRASIL, 1979, 100'

O filme mostra a luta de diversas tribos indígenas do Amazonas até o Rio Grande do Sul pela demarcação de suas terras. Além de dar voz a lideranças indígenas, traz depoimentos do antropólogo Darcy Ribeiro e de Dom Tomás Balduino, que presidiu a Comissão Pastoral da Terra.

The film shows the struggle of several indigenous tribes from the Amazon to Rio Grande do Sul for the demarcation of their lands. In addition to giving voice to indigenous leaders, it includes testimonials from anthropologist Darcy Ribeiro and Dom Tomás Balduino, who headed the Pastoral Land Commis-

sion.

DIREÇÃO DIRECTOR

Zelito Viana

PRODUÇÃO PRODUCER

Zelito Viana

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Affonso Beato

ROTEIRO WRITER

Zelito Viana

EDIÇÃO EDITOR

Eduardo Escorel

ELENCO CAST

Fernanda Montenegro (narração), Darcy Ribeiro, Dom Tomás Balduino, Aniceto Tzudzauéré

CONTATO CONTACT

mapafilmes@

mapafilmes.com.br



Panorama Internacional Contemporâneo

International Contemporary Program



A Teimosia das Sementes Diante da Morte

LUCAS COELHO PEREIRA

A violência colonial possui um roteiro. Primeiro ato: apropriação das terras pelos colonizadores europeus. Segundo ato: destruição da vegetação local, o desbravamento. Terceiro ato: escravização e massacre contra os povos nativos.

Malcom Ferdinand (2022) caracteriza essas ações como fundamentos do habitar colonial. Apesar da enumeração dramatúrgica, não se trata de uma sequência, mas de movimentos conjuntos. Disso tiramos uma primeira lição: articular os impactos no meio ambiente com o dilaceramento e desterro de corpos racializados é desenvolver um pensamento ecológico sensível às causas ambientais e, ao mesmo tempo, atento às lutas antirracistas. Os movimentos negros, indígenas e quilombolas nos educam nesse sentido. Eles ensinam o quanto reagir à opressão e reivindicar seus territórios, por exemplo, é um caminho de refazimento de si, do meio e dos outros com quem se compartilha a vida (sejam humanos ou não humanos).



Nação Lakota Contra os Estados Unidos
Lakota Nation vs. United States

“É possível mudar o mundo e remendar suas feridas ao mesmo tempo?”, pergunta Aaju Peter, advogada inuíte da Groelândia. Em *Duas Vezes Colonizada* (Groenlândia/Dinamarca/Canadá, 2022), documentário dirigido por Lin Alluna, acompanhamos a luta de uma mulher indígena frente à União Europeia na defesa de condições dignas de existência e participação política para os povos indígenas do Ártico. Ao exercer seu ativismo, Aaju enfrenta uma série de dilemas, como os conflitos internos causados por um sistema educacional que negava sua cultura. A prática também existe nos EUA, onde as violações do sistema educacional contra povos indígenas eram expressas na máxima “mate o índio, salve o homem”, como vemos em *Nação Lakota Contra os Estados Unidos* (EUA, 2022), de Jesse Bull e Laura Tomaselli. No caso de Aaju, nas escolas canadenses pelas quais passou após deixar seu povo, o lema era: “tire o índio da criança”.

A trajetória dessa liderança fala da violência colonial ligada à dimensão do ser. As investidas estatais contra seu território, a ponto de proibir atividades tradicionais de vital importância para os seus, como a caça de focas, anda junto com o desmantelamento das subjetividades indígenas. São feridas abertas pela violência colonial que

continuam a reverberar. A possibilidade de cura, no contexto de um mundo despedaçado, é a criação de alianças com outros povos indígenas.

Aliança também é palavra forte para Annina Van Neel, que, em *Uma História de Ossos* (Reino Unido, 2022), dirigido por Joseph Curran e Dominic Aubrey de Vere, articula parcerias internacionais na tentativa de criar um memorial para centenas de africanos livres enterrados em valas comuns na ilha de Santa Helena, lugar estratégico para colonizadores no tráfico atlântico de pessoas escravizadas. “Não faz parte da nossa tradição não lembrar dos nossos antepassados”, pontua Annina, mulher africana que chega à Santa Helena para inspecionar a construção de um aeroporto na Ilha, momento em que descobre os ossos. Corpos negros são, por um lado, desejáveis como mão de obra em uma engenharia colonial altamente lucrativa; por outro, são também descartáveis. Nem as vidas, nem as memórias negras importam. Desafiar esse veredito é travar uma batalha solitária e trazer à superfície lembranças de trauma e sofrimento. As ruínas e destroços também fazem morada dentro.

Como se reerguer depois da destruição? Como criar mundos possíveis em meio ao caos? *Filhos do Katrina* (EUA, 2021), documentário dirigido por Edward Buckles Jr., também aciona os caminhos tortuosos da memória. Não aquela sistematicamente negada, como no caso de Annina na ilha de Santa Helena, mas aquela soterrada por escombros de casas destruídas, pela negligência do Estado e da sociedade norte-americana em prestar auxílio às famílias atingidas pelo furacão Katrina. São as crianças da Nova Orleans de anos atrás, hoje jovens adultos, que evocam lembranças soterradas. Casos como o do Katrina, muito frequentemente, acionam um ambientalismo global e totalizante que, ao focalizar as consequências do aquecimento global e das mudanças climáticas, por exemplo, desconsideram os impactos da colonialidade e do racismo na forma como grupos racializados vivenciam esses fenômenos. Foram famílias negras que vivenciaram desterramentos compulsórios, fome, perseguição policial e mortes perante um mundo em desmantelo.

Furacões, tornados, poluição química, derretimento das calotas polares impactam o modo de vida de diferentes comunidades no planeta. Contudo, são geralmente os corpos de pessoas pobres, mulheres, crianças, negros, indígenas e outros racialmente marcados que ocupam categorias abstratas como “vítimas de catástrofes ambientais”



Xaraasi Xanne (Vozes Cruzadas)
Xaraasi Xanne - Crossing Voices

ou “refugiados climáticos”. Ações que atacam a polarização humano/meio ambiente (ou a “fratura ambiental”, nas palavras de Malcom Ferdinand) sem reconhecer a “fratura colonial” (Ferdinand, 2022: 27), isto é, as assimetrias entre colonizados e colonizadores, brancos e negros, homens e mulheres, entre outras, estão – além de impotentes no enfrentamento ao racismo e outras opressões – fadadas a uma cegueira com relação à forma como coletividades não hegemônicas compõem seus mundos e se relacionam com o meio.

É seguindo as tramas dessa incapacidade de compreensão do outro que *Forageadores* (Palestina, 2022), documentário dirigido por Jumana Manna, lança-nos no meio de um conflito entre políticas de conservação ambiental e práticas comunitárias de relação com a terra e as plantas. Guardas israelenses perseguem, detêm e interrogam mulheres e homens que se aventuram pelos campos da Cisjordânia na procura de folhagens tradicionais da culinária local. A expertise científica dos órgãos ambientais confronta os conhecimentos ecológicos tradicionais, negando-os.

As perseguições às comunidades desconsideram ainda o quanto

sair à procura de *Akkoub* (gundelia) e *Za'atar* (tomilho selvagem) é uma das principais formas de se relacionar com a terra, conhecer seus caminhos e vivenciar seus ritmos. Discursos de autoridade sobre o meio ambiente, nesse contexto, andam junto com a vigilância dos corpos daqueles mais conectados à terra. Em meio a tantas violências e conflitos, porém, são sempre as potências criativas dos encontros que garantem respiros de vida.

“Tem um ditado assim: se você for para um lugar isolado, mesmo na Savana, são os pássaros e as formigas que te darão as boas-vindas e você ficará em dívida com eles por tudo o que fizer naquele lugar”, fala um agricultor africano em *Xaraasi Xanne (Vozes Cruzadas)* (França/Alemanha/Mali, 2022). O filme – dirigido por Bouba Touré e Raphaël Grisey – acompanha a resistência de migrantes africanos na França que, diante de condições de vida e trabalho degradantes, decidem voltar para sua região de origem, onde começam a desenvolver atividades agrícolas e fundam uma cooperativa na década de 1970.

As relações interespecíficas dão o tom para um conjunto de práticas de convivência entre os agricultores e a Savana. Longe da ideia de dominação da natureza, ou mesmo de combate a condições ambientais áridas e extremas, o que os homens africanos de *Xaraasi Xanne* nos evidenciam é como conviver com outros mais que humanos. “Desde cedo nossos mais velhos colaboraram com os cupins para construir canais de irrigação”. A convivialidade é a negação das plantations, que, ao atualizarem o habitar colonial, deixaram um rastro de destruição e seca por todo o continente.

É o emaranhamento entre diferentes modos de existência – verdadeiros ajuntamentos, *assemblages*, na perspectiva de Anna Tsing (2019) – que torna a vida possível. A abundância alimentar obtida pela cooperativa evoca a felicidade de quem sabe que “sementes são diamantes” e, enquanto houver terra, pássaros, cupins e formigas, haverá a garantia do que é necessário. As potencialidades criativas da relação com o meio e outros seres (humanos ou não) – mesmo diante da perenidade da violência colonial – aparecem também em *Exu e o Universo* (Brasil, 2022), dirigido por Thiago Zanato.

Baba King, figura central no documentário, nos ensina o quanto o culto aos orixás é um culto à natureza, uma oferenda às águas, às matas, ao chão e todas as suas potencialidades geradoras da vida. Sua voz paciente e segura, feito flecha que atravessa o tempo, conflui com o pensamento de Beatriz Nascimento em *Ôri*, filme de Raquel Gerber

(1989). O ebó é um presente à terra, afirma Beatriz, que continua: “todos os elementos vivos estão na terra. E vão participar daquele banquete, que é o ebó. E esse é o princípio do axé, da força. (...) Porque Gagarin viu a Terra azul, mas existe a Terra preta, existe a Terra que é terra, que é a coisa que a gente tem mais medo de perder”. Longe de ser apenas o lugar onde se está, a terra é o lugar onde se é. Perdê-la é desconstruir-se de si, dos que vieram antes e dos que ainda estão por vir. Nesse ponto, as experiências afro-diaspóricas e indígenas pisam em um terreno comum.

Retomo as vozes indígenas de *Nação Lakota Contra os Estados Unidos* (EUA, 2022). Com uma riqueza de documentos históricos e relatos contundentes, o filme expõe o racismo colonial dos EUA em artimanhas jurídicas espúrias cujo principal objetivo era o roubo das terras Lakota. Acordos entre as lideranças indígenas e o Estado norte-americano eram reiteradamente quebrados e o território dos povos originários, seus lugares sagrados – como o Monte Rushmore – e suas fontes de água e alimento eram profanados e destruídos. Na linguagem do Estado, tudo isso pode ser revertido em mercadoria e, em última instância, dinheiro capaz de indenizar os povos originários pelos danos sofridos. Os Lakota respondem: não!! Eles viram seu chão ancestral, lugar coletivo de plantas, bichos e gente, ser esquadrihado em pequenos cubículos de terra e designado como propriedade privada. É o modo de vida dos povos originários na mira do racismo colonial.

Não – repetem e lutam os indígenas –, nossa terra não é objeto inanimado, ela não tem dono, ela é uma entidade viva e “nós, Lakota, temos um direito inerente à vida”. Se nas religiosidades de matriz africana o ebó é um oferecimento à terra, entre os Lakota os cantos e adorações se direcionam ao sol e a religião é a própria mãe terra. Não se vende o útero criador, essa força motriz criadora de mundos. E, assim, bem ao estilo Conceição Evaristo (2015), os indígenas lutam por seus territórios como se dissessem: “combinaram de nos matar, mas combinamos de não morrer”. Lutar contra a morte – seus desterramentos – é também uma forma radical de celebrar a vida.

Nas cosmologias africanas, Exu aparece como aquele que provê a energia necessária para que a vida seja celebrada, lembra-nos Baba King. Exu, orixá sobre o qual a colonialidade conferiu a alcunha de Demônio. São inúmeras as tentativas da colonização de exterminar e despotencializar os modos de vida africanos e indígenas, como temos

observado até aqui. Mas “você só acaba com o que não tem semente”, responde o pensamento afrodiáspórico a partir de Exu.

Esta seleção de filmes da 12ª edição da Mostra Ecofalante de Cinema se debruça sobre as consequências nefastas do habitar colonial, marcado pela degradação ambiental e pela violação de corpos racializados. A dor de não poder enterrar seus ancestrais, a angústia de ver a casa alagando enquanto as crianças choram, o sofrimento de se saber um corpo facilmente morto e descartável. Retomo as ideias de Malcom Ferdinand. Reagir ao habitar colonial começa com o desenvolvimento de ações capazes de costurar as lutas dos povos colonizados e as questões ambientais. Junto com as dores e violências, os filmes apontam para a potencialidade vital da luta de povos negros, indígenas e outros coletivos marginalizados.

É fato que o empreendimento colonial transforma terras, territórios, meio ambiente e corpos subalternizados em mercadorias. Escapar dessa máquina moedora requer não só criatividade, mas, sobretudo, retomadas – para usarmos um termo do movimento indígena brasileiro: retomar um pensamento ecológico desobediente capaz de juntar o que a colonização estilhaçou; retomar o entendimento de que a vida se faz a partir de alianças colaborativas entre as mais variadas espécies. Não se trata de uma competição sob a égide do “que vença o mais forte”. É preciso retomar a habilidade de se perceber rio, pedra, vento, cupim, ensinamento precioso dos Lakota e dos agricultores africanos da savana. Retomar, insisto, palavra-força capaz de criar outros mundos possíveis enquanto se resiste ao caos e à destruição.

REFERÊNCIAS

- EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In.: *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- FERDINAND, Malcom. *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- GERBER, Raquel. 1989. *Óri*. Cor, 131'.
- TSING, Anna, 2019. *Viver nas Ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas

LUCAS COELHO PEREIRA é mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Realiza pesquisas no campo das relações entre humanos, plantas e animais; antropologia das práticas; antropologia ecológica e antropologia da pesca. É professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), fotógrafo e realizador audiovisual.

The Stubbornness of Seeds in the Face of Death

LUCAS COELHO PEREIRA

Colonial violence has a script. Act One: appropriation of the land by the European colonizers. Act Two: destruction of the local vegetation, clearing of the land. Act Three: enslavement and massacre of the native peoples. Malcom Ferdinand (2022) characterizes these actions as foundations of colonial inhabitation. Despite the dramaturgical enumeration, these are not a sequence, but joint movements. From this, we draw a first lesson: Articulating the impacts on the environment with the laceration and banishment of racialized bodies is to develop an ecological thinking that is sensitive to environmental causes and, at the same time, attentive to antiracist struggles. The black, indigenous, and quilombola movements educate us in this sense. They teach how reacting to oppression and claiming their territories, for example, is a way of remaking oneself, the environment, and the others with whom one shares life (whether human or non-human).

“Is it possible to change the world and mend its wounds at the same time?” asks Aaju Peter, an Inuit lawyer from Greenland. In *Twice Colonized* (Greenland/Denmark/Canada, 2022), a documentary directed by Lin Alluna, we follow the struggle of an indigenous woman against the European Union to defend decent

conditions of existence and political participation for the indigenous peoples of the Arctic. In exercising her activism, Aaju faces a series of dilemmas, such as the internal conflicts caused by an educational system that denied her culture. The practice also exists in the U.S., where violations of the educational system against indigenous peoples were expressed in the maxim “Kill the Indian, save the man,” as we see in Jesse Bull and Laura Tomaselli’s *Lakota Nation vs. United States* (USA, 2022). In Aaju’s case, in the Canadian schools she went to after leaving her people, the motto was “Take the Indian out of the child.”

The trajectory of this leadership speaks of colonial violence linked to the dimension of being. The State attacks against their territory, to the point of prohibiting traditional activities of vital importance to their people, such as seal hunting, go hand in hand with the dismantling of indigenous subjectivities. These are wounds opened by colonial violence that continue to reverberate. The possibility of healing, in the context of a shattered world, is the creation of alliances with other indigenous peoples.

Alliance is also a strong word for Annina Van Neel, who, in *A Story of Bones* (UK, 2022), directed by Joseph Curran and Dominic Aubrey de Vere, articulates international partnerships in an attempt to create a memorial for hundreds of free Africans buried in mass graves on the island of St. Helena, a strategic place for colonizers in the Atlantic slave trade. “It is not part of our tradition not to remember our

ancestors,” points out Annina, an African woman who arrives on St. Helena to inspect the construction of an airport on the island, at which point she discovers the bones. Black bodies are, on the one hand, desirable as labor in a highly profitable colonial engineering; on the other hand, they are also disposable. Neither black lives nor black memories matter. To challenge this verdict is to fight a lonely battle and to bring to the surface memories of trauma and suffering. Ruins and wreckage also make their abode within.

How to get back on your feet after destruction? How to create possible worlds in the midst of chaos? *Katrina's Babies* (USA, 2021), a documentary directed by Edward Buckles Jr., also explores the tortuous paths of memory. Not the one systematically denied, as in the case of Annina on the island of St. Helena, but the one buried by the debris of destroyed houses, by the negligence of the State and the American society in providing help to families affected by Hurricane Katrina. It is the children of the New Orleans of years ago, now young adults, who evoke buried memories. Cases like Katrina too often trigger a global and totalizing environmentalism that, by focusing on the consequences of global warming and climate change, for example, disregards the impacts of coloniality and racism in the way racialized groups experience these phenomena. It was black families who experienced compulsory evictions, starvation, police persecution, and deaths in the face of a dismantling world.

Hurricanes, tornadoes, chemical

pollution, melting polar ice caps impact the way of life of different communities on the planet. However, it is usually the bodies of poor people, women, children, blacks, indigenous, and other racially marked people that occupy abstract categories like “victims of environmental catastrophes” or “climate refugees.” Actions that attack the human/environment polarization (or the “environmental fracture,” in Malcom Ferdinand’s words) without acknowledging the “colonial fracture” (Ferdinand, 2022: 27), that is, the asymmetries between colonized and colonizers, whites and blacks, men and women, among others, are – in addition to being impotent in confronting racism and other oppressions – doomed to a blindness with regard to how non-hegemonic collectivities compose their worlds and relate to the environment.

It is by following the threads of this inability to understand the other that *Foragers* (Palestine, 2022), a documentary directed by Jumana Manna, throws us into the middle of a conflict between environmental conservation policies and community practices of relationship with the land and plants. Israeli guards pursue, detain, and interrogate women and men who venture into the fields of the West Bank in search of traditional foliage from local cuisine. The scientific expertise of environmental agencies confronts traditional ecological knowledge, denying it.

The persecutions against the communities also disregard the fact that going out in search of *Akkoub* (gundelia) and *Za'atar* (wild thyme) is one of the main ways of relating to the land, discovering its pathways,

and experiencing its rhythms. Discourses of authority over the environment, in this context, are linked to the surveillance of the bodies of those most connected to the land. In the midst of so much violence and conflict, however, it is always the creative potential of encounters that allows us a breath of life.

“There is a saying: if you go to an isolated place, even in the Savannah, the birds and the ants will welcome you, and you will be indebted to them for everything you do there”, says an African farmer in *Xaraasi Xanne - Crossing Voices* (France/Germany/Mali, 2022). The film – directed by Bouba Touré and Raphaël Grisey – follows the resistance of African migrants in France who, faced with degrading living and working conditions, decide to return to their place of origin, where they start to develop agricultural activities and found a cooperative in the 1970s.

Interspecific relationships set the tone for a number of practices of coexistence between farmers and the Savannah. Far from the idea of dominating nature, or even fighting against barren and extreme environmental conditions, what the African men of *Xaraasi Xanne* show us is how to coexist with others that are more than human. “From an early age, our elders collaborated with termites to build irrigation canals.” Convivial living is the negation of plantations, which, by enacting colonial inhabitation, have left a trail of destruction and drought across the continent.

It is the entanglement between different modes of existence – true gatherings, assemblages, in Anna Ts-

ing’s (2019) perspective – that makes life possible. The food abundance obtained by the cooperative evokes the happiness of those who know that “seeds are diamonds,” and as long as there is soil, birds, termites, and ants, subsistence is guaranteed. The creative potentialities of the relationship with the environment and other beings (human or otherwise) – even in the face of perennial colonial violence – also appear in *Esu and the Universe* (Brazil, 2022), directed by Thiago Zanato.

Baba King, the central figure in the documentary, teaches us how much the cult of the *orixás* is a cult of nature, an offering to the waters, the forests, the ground, and all its life-giving potentialities. His patient and assuring voice, like an arrow that crosses time, converges with Beatriz Nascimento’s thought in *Ôrí*, a film by Raquel Gerber (1989). The *ebó* is a gift to the earth, says Beatriz, who continues: “All the living elements are in the earth. And they will participate in that banquet, which is the *ebó*. And this is the principle of *axé*, of strength (...) Because Gagarin saw the blue Earth, but there is the black Earth, there is the Earth that is earth, which is the thing that we are most afraid of losing.” Far from being only the place where one is located, the earth is the place where one *is*. To lose it is to lose oneself, those who came before, and those who are yet to come. At this point, Afro-diasporic and indigenous experiences tread on common ground.

I return to the indigenous voices of *Lakota Nation vs. United States* (USA, 2022). With a wealth of historical documents and compelling

accounts, the film exposes US colonial racism in spurious legal machinations whose main goal was the theft of Lakota lands. Agreements between the indigenous leaders and the US State were repeatedly broken, and the territory of the native peoples, their sacred places – such as Mount Rushmore – and their sources of water and food were desecrated and destroyed. In the language of the State, all this can be converted into merchandise and, ultimately, money to compensate the native peoples for the damage they suffered. The Lakota answer: No! They have seen their ancestral ground, a collective place of plants, animals, and people, being parcelled out in little slots of land and designated as private property. It is the way of life of the original peoples in the crosshairs of colonial racism.

No, the indigenous people repeat, and fight, our land is not an inanimate object, it has no owner, it is a living entity and “we, the Lakota, have an inherent right to life.” If in the African-derived religions the *ebó* is an offering to the earth, among the Lakota the songs and worship are directed to the sun and religion is the mother earth itself. One does not sell the creative uterus, that driving force that creates worlds. And so, in the style of Conceição Evaristo (2015), the indigenous people fight for their territories as if they were saying: “They agreed to kill us, but we agreed not to die.” Fighting against death – their banishment and sickness – is also a radical way of celebrating life.

In African cosmologies, Esu appears as the one who provides the

necessary energy for life to be celebrated, Baba King reminds us. Esu, the *orixá* upon whom coloniality conferred the name Demon. There have been numerous attempts by colonization to exterminate and disempower African and indigenous ways of life, as we have observed up to this point. But “you only destroy that which has no seed,” answers the Afrodiasporic thought stemming from Esu.

This selection of films from the 12th edition of the **Ecofalante Film Festival** focuses on the nefarious consequences of colonial inhabitation, marked by environmental degradation and the violation of racialized bodies. The pain of not being able to bury your ancestors, the anguish of seeing your house flooding while your children cry, the suffering of knowing you are a body that is easily dead and disposable. I take up Malcom Ferdinand’s ideas again. Reacting to colonial inhabitation begins with the development of actions capable of stitching together the struggles of colonized peoples and environmental issues. Along with pain and violence, the films point to the vital potentiality of the struggles of black, indigenous, and other marginalized collectives.

It is a fact that the colonial enterprise transforms land, territories, environment, and subordinated bodies into commodities. Escaping this grinding machine requires not only creativity but, above all, recovery – to use a term from the Brazilian indigenous movement: to recover a disobedient ecological thinking capable of putting together what colonization has shattered; to

recover the understanding that life is made from collaborative alliances among the most varied species. This is not about a competition under the aegis of “may the strongest win.” It is necessary to recover the ability to perceive oneself as river, rock, wind, termite, the precious teachings of the Lakota and the African savanna farmers. Recover, I insist, a word-force capable of creating other possible worlds while resisting chaos and destruction.

REFERENCES

- EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In.: *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- FERDINAND, Malcom. *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- GERBER, Raquel. 1989. *Óri. Cor*, 131’.
- TSING, Anna, 2019. *Viver nas Ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas

LUCAS COELHO PEREIRA holds a Master’s and a Ph.D. in Social Anthropology from the University of Brasília. He conducts research in the field of relations between humans, plants, and animals; anthropology of practices; ecological anthropology and fishing anthropology. He is a professor at the Federal University of the Recôncavo of Bahia (UFRB), a photographer, and an audiovisual director.

Em Busca de um Novo Pacto Econômico, Social e Ambiental

LADISLAU DOWBOR

Os documentários que são apresentados nesta 12ª Mostra Ecofalante, na dimensão econômica, lançam muita luz sobre alguns dos nossos principais desafios. Não se trata de economês. A economia é uma dimensão de tudo o que fazemos. E os interesses econômicos, gostemos ou não, estão no centro dos nossos desafios – geram oportunidades, mas também as crises estruturais que hoje enfrentamos. O mundo está procurando novos rumos.

Basicamente, a economia se globalizou, mas não temos governo mundial. O resultado é o poder descontrolado das corporações, e o caos crescente no planeta. Passamos de 8 bilhões de habitantes – quando nasceu meu pai, éramos 1,5 bilhão; é meu pai, não é tão longe –, e todos querendo mais, sem se dar conta dos limites da na-

tureza. Comportamo-nos como gafanhotos em um campo de trigo, e a cultura que domina é que quem arrancar mais deve ser admirado. Temos tecnologias que permitem que façamos coisas em escala gigantesca, sem a governança correspondente: a revolução digital mudou o mundo, mas as instituições e os valores são do século passado. O desajuste é sistêmico.

A revolução digital em curso nos leva a um novo modo de produção. Trata-se de muito mais do que uma “indústria 4.0”, como apresentado em Davos e outros centros de irradiação de teorias. A revolução digital é tão profunda, em termos de impactos estruturais, como foi a revolução industrial há dois séculos. A ONU sugere que os nossos problemas não resultam de defeitos no sistema, e sim do fato de que é o próprio sistema que se tornou disfuncional.

Encontramos por toda parte sugestões de um “novo pacto global”, ou “pacto verde global”. Muitos falam na necessidade de um “novo Bretton Woods”, o pacto que definiu o marco institucional econômico no fim da Segunda Guerra Mundial, com a ONU, o FMI, o Banco Mundial, o dólar como moeda de reserva, o poder hegemônico dos EUA. Nada disso está funcionando hoje: na realidade, funcionou apenas por 30 anos, e nos países ricos, no chamado Ocidente. A partir dos anos 1980, entramos na deriva geral.

Enquanto a cacofonia mundial nos indica incessantemente quem são os culpados, quem devemos odiar, a realidade é que não há saída no quadro do marco institucional presente, com 193 países buscando os seus rumos frente à catástrofe econômica, social e ambiental, sem que haja clima para a construção de uma nova ordem econômica mundial. O desafio que enfrentamos é bem resumido na expressão “*slow-motion catastrophe*”, catástrofe em câmera lenta.

Não é falta de saber o que deve ser feito. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com horizonte de 2030, nos colocam 17 grandes objetivos, detalhados em 169 metas, e inclusive com mais de 200 indicadores para medir os resultados. Temos também todas as tecnologias necessárias para identificar onde estão os pontos críticos, como mudar a base energética, como evoluir para a agricultura sustentável, como assegurar renda básica, como democratizar a comunicação, como generalizar conhecimentos avançados em todas as áreas.

E temos, e isso é fundamental, os recursos necessários. As teorias da austeridade representam uma imensa farsa, uma defesa de interesses privados que carecem de legitimidade. Em termos teóricos,



O Sonho Americano e Outros Contos de Fadas
The American Dream and Other Fairy Tales

não se trata de ciência econômica, e sim de justificativas da apropriação indébita de riqueza. A conta é simples: o valor dos bens e serviços produzidos anualmente, o PIB mundial, atingiu no ano passado 100 trilhões de dólares, o que, dividido pela população mundial, representa 4.200 dólares por mês por família de 4 pessoas, ou seja, um pouco mais de 20 mil reais. O que hoje produzimos é suficiente para todos terem uma vida digna e confortável. O nosso problema não é econômico, no sentido de falta de recursos: é um problema de organização política e social.

É o caso também do Brasil, ainda que em nível inferior: os 10 trilhões de reais do nosso PIB equivalem a 15 mil reais por mês por família de 4 pessoas. Bastaria reduzir em alguns porcentos as fortunas do topo da pirâmide para assegurar a todos uma vida digna e confortável e, em todo caso, para eliminar o dramático sofrimento dos que carecem do mínimo. Lembrando que, no caso do Brasil, só de grãos produzimos mais de 4 quilos por pessoa por dia, e temos 33 milhões de pessoas passando fome e 125 milhões em insegurança alimentar. Isso não é pobreza, é um escândalo moral e político.

Esse quadro de referência estrutural que apresentamos em poucas linhas é importante para entendermos os esforços de explicitação



A Máquina do Petróleo
The Oil Machine

dos nossos dramas que encontramos nos documentários de área econômica que nos traz esta 12ª Mostra Ecofalante. Eles focam problemas diferentes, mas convergem no que hoje é consenso mundial: temos de construir uma sociedade economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável. No conjunto, a mera descrição dos dramas em diversos setores aqui apresentados nos faz pensar nos limites do absurdo do que estamos construindo.

O Sonho Americano e Outros Contos de Fadas apresenta a Disneylândia como um universo mágico aonde as pessoas vão aos milhões para se sentirem em outro mundo, onde tudo é sorriso e faz-de-conta, fazendo-nos viver uma outra realidade em vez de transformar a que temos. Ao detalhar o funcionamento da máquina de gestão que está por trás dos bonecos, descobrimos o bilhão de dólares de subsídios públicos que a Disney conseguiu – dinheiro dos impostos –, bem como o salário dos executivos, na faixa de 60 milhões de dólares anuais, enquanto os trabalhadores cantam e sorriem para os visitantes, mas recebem salários de miséria. Os dividendos distribuídos aos acionistas fazem parte da fórmula. A força política do grupo permitiu obter isenção de impostos de 45 anos em Anaheim, onde funciona a

Disneylândia. Como dizem alguns dos entrevistados, é uma questão moral. E, como sugere um professor de Harvard, eles deveriam “fazer um lucro decente de forma decente” (*making decent profit decently*).

Os outros documentários não buscam desfazer sonhos, vão diretamente para a realidade. *Amor e Luta em Tempos de Capitalismo* mostra a perplexidade da sociedade francesa. Um país rico, que produz amplamente o suficiente para uma vida muito próspera, vive na ansiedade, sentindo os absurdos de uma sociedade *high-tech*, das manipulações publicitárias, da nova aristocracia financeira que impõe a permanente corrida para o “sucesso”, enquanto a população busca resgatar os valores do cotidiano. Estamos aqui na era Macron, com os Coletes Amarelos, os protestos jovens, e um sentimento de desorientação e de ansiedade. O que transparece com força é um sentimento de perda de controle das próprias vidas e uma indignação com a arrogância das elites. O resgate da dignidade humana vai muito além das necessidades econômicas.

O Retorno da Inflação traz outra dimensão da perda de qualidade de vida das famílias: gera um clima permanente de aflição, de não poder se organizar para fazer face ao cotidiano. Os exemplos permitem desmontar a farsa de que os preços apenas “sobem”, como se não houvesse quem os elevasse na origem. Na era dos gigantes corporativos, a concorrência é um mecanismo pouco presente, os grupos se entendem entre eles, gerou-se o poder de fixar preços (*the pricing power of corporations*). Fica evidente como grandes grupos elevam o preço da energia, o que vai repercutir numa onda mais ampla, na medida em que a energia faz parte de quase todos os setores. Igualmente importante é o exemplo da privatização da saúde, também com controle de grupos financeiros, que aproveitam e precificam a angústia das pessoas com a saúde própria e dos familiares. A inflação não “acontece”, é construída, e constitui um dreno financeiro por parte das corporações, e contos de fadas sobre o papel dos juros.

A Máquina do Petróleo mostra o funcionamento de uma máquina econômica poderosa, construída em cima de um produto natural: ninguém produz petróleo, mas companhias gigantes controlam a extração, a transformação e a enorme gama de produtos de nosso cotidiano que dele dependem, a começar pelos plásticos. O petróleo é um bem que herdamos da natureza, que permitiu imensos avanços econômicos, mas que também gera um desastre ambiental. Entre o lucro a curto prazo e o desastre a longo prazo, as corporações não



A Apropriação
The Grab

hesitam. Como herança de milhões de anos de transformação de matéria orgânica, pertencente à terra, seria natural que o petróleo fosse utilizado para o bem-estar da sociedade e sem estar a serviço do que no filme é apresentado como *Self-serving Capital*, capital a serviço de si mesmo. E o desastre ambiental vai muito além do clima, com plástico e inúmeros resíduos químicos contaminando todo o planeta, inclusive nossos corpos. É um exemplo impressionante de *mismanagement*, de má-gestão.

“*The Grab*”, título em inglês do filme norte-americano *A Apropriação*, é um título forte: sugere uma apropriação indébita e violenta. Filme muito poderoso, apresenta uma dinâmica menos conhecida, mas essencial: a guerra pela água e pelos alimentos e, conseqüentemente, pelo controle do solo agrícola. Com 8 bilhões de habitantes e formas de produção, transformação, distribuição e consumo que geram imenso desperdício, estamos frente a um dilema planetário. Os gigantes do agro usam a água sem preocupação, reduzindo no planeta todo as reservas subterrâneas (lençóis freáticos) acumuladas durante muito séculos e gerando crises hídricas nos mais diversos países, a começar pelos Estados Unidos. Grandes corporações compram terras

e praticam monocultura intensiva até esgotar o solo e as reservas de água, mudando então para outras regiões. O que o filme mostra é como estamos construindo uma catástrofe planetária. O mundo produz alimentos suficientes, um quilo por pessoa por dia, só de grãos. Mas os grãos são cada vez mais para a pecuária, para satisfazer o consumo mais sofisticado de carne, enquanto quase um bilhão de pessoas passa fome, e 2,3 bilhões estão em insegurança alimentar. Cerca de um quarto delas são crianças. As tensões políticas e as guerras regionais estão cada vez mais centradas na luta pelo acesso à terra com água. Um quilo de grãos exige milhares de litros de água. É o que já chamamos de “ouro azul”.

Há uma convergência muito forte entre os documentários, em particular porque apresentam desafios em áreas diferentes – como a inflação, o petróleo, a agricultura –, mas que convergem para a compreensão de como gigantes corporativos, organizados para maximizar dividendos no curto prazo, se divorciaram da busca do bem comum, da proteção ambiental, não hesitando inclusive em gerar catástrofes no médio prazo, conquanto consigam lucros. E investem pesadamente na comunicação, no *green washing*, na cosmética corporativa. O ESG (*Environment, Social, Governance*) está presente em todos os departamentos de relações públicas e de comunicação corporativas, mas não no essencial, que é para onde vão os recursos. Aqui, o que interessa é o lucro no curto prazo. Esse divórcio entre a lógica corporativa e os interesses da sociedade e da natureza constitui um denominador comum de tantas áreas, em particular as finanças, a comunicação, o comércio de informações pessoais, o rentismo sobre produtos naturais.

O poder de documentários como esses, apresentando casos concretos, com imagens e análises, é de preencher um gigantesco vazio que tantas angústias nos causa: a incompreensão das origens de tanta desgraça, quando temos tantos avanços tecnológicos e tanta riqueza no planeta. O problema, voltamos a dizer, não é de falta de recursos, tecnológicos ou financeiros, e sim de quem os controla. Os documentários não se resumem a apresentar os dramas, mostram como são gerados.

LADISLAU DOWBOR é economista e professor titular de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi consultor de diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, além de várias organizações do sistema “S”. Autor e co-autor de mais de 40 livros, toda sua produção intelectual está disponível online na página dowbor.org.

In Search of a New Economic, Social, and Environmental Pact

LADISLAU DOWBOR

The documentaries shown in this 12th Ecofalante Festival, in the economic dimension, shed a lot of light on some of our main challenges. This is not “economese.” The economy is a dimension of everything we do. And economic interests, whether we like it or not, are at the core of our challenges — they generate opportunities, but also the structural crises we face today. The world is looking for new directions.

Basically, the economy has gone global, but we have no world government. The result is the uncontrolled power of corporations and growing chaos on the planet. We have surpassed 8 billion people — when my father was born, there were 1.5 billion of us; that’s my father, not so far away — and everyone wants more, without realizing the limits of nature. We behave like grasshoppers in a wheat field, and the prevailing culture says that whoever gets the most out of it should be admired. We have technologies that allow us to do things on a gigantic scale, without the corresponding governance: the digital revolution has changed the world, but the institutions and values are from the last century. The mismatch is systemic.

The ongoing digital revolution takes us into a new mode of production. It is much more than an “indus-

try 4.0,” as presented in Davos and other centers for irradiation of theories. Regarding structural impacts, the digital revolution is as profound as the industrial revolution was two centuries ago. The UN suggests that our problems do not result from defects in the system, but rather from the fact that it is the system itself that has become dysfunctional.

Suggestions of a “new global covenant,” or “global green covenant” are everywhere. Many talk about the need for a “new Bretton Woods,” the pact that set the economic institutional framework at the end of World War II, with the UN, the IMF, the World Bank, the dollar as a reserve currency, the hegemonic power of the US. None of this is working today: in fact, it only worked for 30 years, and in the rich countries, in the so-called West. Since the 1980s we have gone into a general drift.

While the world cacophony tells us incessantly who is to blame, who to hate, the reality is that there is no way out within the present institutional framework. We have 193 countries trying to find their own solutions to the economic, social, and environmental catastrophe, and there is no atmosphere in which to build a new world economic order. The challenge we face is well summed up in the expression “slow-motion catastrophe.”

It is not that we do not know what needs to be done. The 2030 Sustainable Development Goals give us 17 major goals, detailed in 169 targets, with more than 200 indicators to measure results. We also have all the necessary technologies to

identify where the critical points are, how to change the energy base, how to evolve towards sustainable agriculture, how to ensure basic income, how to democratize communication, how to generalize advanced knowledge in all areas.

And we have, this is very important, the necessary resources. Austerity theories are a huge farce, a defense of private interests that lack legitimacy. Theoretically speaking, these are not economic science, but justifications for the misappropriation of wealth. The calculation is simple: the value of the goods and services produced annually, the world GDP, reached 100 trillion dollars last year, which, divided by the world population, represents 4,200 dollars per month per family of four, or a little more than 20,000 reais. What we produce today is enough for everyone to have a comfortable and dignified life. Our problem is not economic, in the sense of lack of resources: it is a problem of political and social organization.

This is also the case in Brazil, although at a lower level: the 10 trillion reais of our GDP is equivalent to 15 thousand reais per month per family of four. It would be enough to reduce by a few percent the fortunes of the top of the pyramid to assure everyone a comfortable and dignified life and, in any case, to eliminate the dramatic suffering of those who lack the minimum. We must remember that, in the case of Brazil, we produce more than 4 kilos of grains per person per day, and we have 33 million hungry people and 125 million food insecure. This is not poverty, it is a moral and political scandal.

This structural frame of reference that we have presented in a few lines is important for us to understand the efforts of explicitness of our dramas that we find in documentaries in the economic area that the 12th Ecofalante Festival brings us. They focus on different problems, but they converge on what today is a worldwide consensus: we have to build a society that is economically feasible, but also socially fair and environmentally sustainable. All in all, the mere description of the dramas in various sectors presented here makes us think about the absurd limits of what we are building.

The American Dream and Other Fairy Tales portrays Disneyland as a magical universe where people go by the millions to feel like they are in another world, where everything is smiles and make-believe, making us live another reality instead of transforming the one we have. In detailing the workings of the management machine that is behind the puppets, we discover the billion dollars of public subsidies that Disney has obtained — tax money — as well as the executives' salaries, which amount to 60 million dollars a year, while the workers sing and smile to the visitors, but receive poverty wages. Dividends distributed to shareholders are part of the formula. The group's political strength has made it possible to get a 45-year tax exemption in Anaheim, where Disneyland operates. As some of the interviewees say, it is a moral issue. And, as a Harvard professor suggests, they should “make decent profit decently.”

The other documentaries do

not seek to shatter dreams, they go straight to reality. *A Guide to Love and Fighting Capitalism* shows the perplexity of French society. A rich country, which produces massively, enough for a very prosperous life, lives in anxiety, feeling the absurdities of a high-tech society, of the advertising manipulations, of the new financial aristocracy that imposes the permanent race for “success,” while the population seeks to recover the values of everyday life. Here we are in the Macron era, with the Yellow Vests, the youth protests, and a feeling of disorientation and anxiety. What comes through strongly is a feeling of loss of control over one's own life and indignation at the arrogance of the elites. The rescue of human dignity goes far beyond economic needs.

The Return of Inflation brings another dimension of the families' loss of quality of life: it generates a permanent feeling of distress, of not being able to organize oneself to face daily life. The examples allow us to dismantle the farce that prices just “go up,” as if there were no one to raise them at the root. In the era of corporate giants, competition is a mechanism that is not very present, groups have an understanding among themselves, creating the pricing power of corporations. It is evident how large groups raise the price of energy, which will have a broader impact since energy is part of almost every sector. Equally important is the example of the privatization of health care, also controlled by financial groups, which take advantage of and price people's fear for their own and their families' health. Inflation

doesn't “just happen,” it is constructed, and constitutes a financial drain by corporations, and fairy tales about the role of interest.

The Oil Machine shows the workings of a powerful economic machine built on top of a natural product: nobody produces oil, but giant companies control the extraction, processing, and the enormous range of products in our daily lives that depend on it, starting with plastics. Oil is a good that we inherited from nature, which allowed immense economic advances, but also generates an environmental disaster. Between short-term profit and long-term disaster, corporations do not hesitate. As the heritage of millions of years of transformation of organic matter, belonging to the earth, it would be only natural that oil be used for the well-being of society without being at the service of what is presented in the film as Self-serving Capital. And the environmental disaster goes far beyond the climate, with plastic and countless chemical waste contaminating the entire planet, including our bodies. It is a stunning example of mismanagement.

The North American film *The Grab* has a strong title: it suggests a violent expropriation. A very powerful film, it presents a lesser-known but essential dynamic: the war for water and food and, consequently, for the control of agricultural land. With 8 billion inhabitants and forms of production, transformation, distribution, and consumption that generate immense waste, we are facing a planetary dilemma. The agribusiness giants use water without concern, reducing the underground water

reserves (groundwater tables) that have been accumulated for centuries, and generating water crises in the most diverse countries, starting with the United States. Large corporations buy land and practice intensive monoculture until the soil and water reserves are exhausted, and then move to other regions. What the film shows is how we are building a planetary catastrophe. The world produces enough food, one kilo per person per day, from grains alone. But the grain is increasingly for livestock, to satisfy the most sophisticated meat consumption, while almost a billion people go hungry, and 2.3 billion are food insecure. About a quarter of them are children. Political tensions and regional wars are increasingly centered on the struggle for access to land with water. One kilogram of grain requires thousands of liters of water. It is what we already call “blue gold.”

There is a very strong convergence between the documentaries, especially because they present challenges in different areas — such as inflation, oil, agriculture — but which converge towards the understanding of how corporate giants, organized to maximize dividends in the short term, have divorced themselves from the pursuit of the common good, from environmental protection, not even hesitating to generate catastrophes in the medium term, as long as they achieve profits. And they invest heavily in communication, in greenwashing, in corporate cosmetics. ESG (Environment, Social, Governance) is present in all public relations and corporate communication departments, but

not in the essentials, which is where the resources go. Here, what matters is short-term profit. This divorce between corporate logic and the interests of society and nature is a common denominator in many areas, in particular finance, communication, personal information trading, and the “living-off” of natural resources.

The power of documentaries like these ones, presenting concrete cases, with images and analysis, is to fill a gigantic void that causes us so much anguish: the incomprehension of the origins of so much misfortune, when we have so many technological advances and so much wealth on the planet. The problem, we repeat, is not the lack of resources, whether technological or financial, but rather who controls them. Documentaries don't just present the dramas; they show how they are generated.

LADISLAU DOWBOR is an economist and a professor of graduate studies at the Pontifícia Universidade Católica of São Paulo (PUC-SP). He has been a consultant to several United Nations agencies, governments, and municipalities, in addition to several “S” system organizations. Author and co-author of more than 40 books, all his intellectual production is available online at dowbor.org.

Migração e Fronteiras em Três Documentários

Na 12ª Mostra Ecofalante de Cinema, três documentários propõem olhares distintos para entender os processos migratórios. São perspectivas que expõem o que muitas vezes é silenciado.

Em *Recursos* (Canadá, 2021), de Hubert Caron-Guay & Serge-Olivier Rondeau, retrata-se a necessidade de mão de obra para a indústria da carne, em expressivo desenvolvimento no Quebec. Para continuar produzindo de forma competitiva na lógica do sistema movimentado pelo capitalismo, otimizando a produção, contratam requerentes de asilo. Vemos especialmente latino-americanos e latino-americanas. Nas adjacências das fabricas, somente o milho cresce. Em *O Último Refúgio* (Mali/França/África do Sul, 2021), documentário do malinês Ousmane Samassékou, as imagens, silêncios e conversas das e dos migrantes acontecem ao sul do deserto do Saara, na Casa dos Migrantes, um abrigo temporário para aqueles e aquelas que buscam chegar à Europa cruzando a África. Ilusões e incertezas, sonhos e medos pelas suas vidas e destinos são vivenciados nesse lugar. A intimidade transcorrida e experimentada nos espaços desse refúgio transmite instantes do que virá, como esperança, incertezas e a melan-

colia do exílio. *Aqui en la Frontera* (2022), documentário brasileiro dirigido por Marcela Ulhoa & Daniel Tancredi, leva à fronteira entre o Brasil e a Venezuela, cenário das maiores crises relacionadas à migração da contemporaneidade na América Latina. Nesse espaço de fronteira e acolhidas distintas, o documentário narra as histórias de três pessoas de origem venezuelana: Stephanny, jovem mãe de 21 anos que precisa retornar ao país para buscar sua filha; Francis, mulher trans, líder de um abrigo de refugiados militarizado do governo brasileiro, e Argenis, que, sob ameaça de despejo, organiza uma ocupação com mais de 300 venezuelanos em Boa Vista. No momento atual, não podemos pensar as migrações alheias aos fenômenos econômicos, políticos e, especialmente, ambientais. Eis o sentido de chamar a atenção para o tema da migração nesta mostra de cinema.

Para aprofundar a reflexão sobre a temática da migração contemporânea, presente nos três títulos, Pedro Russi, professor de jornalismo na Universidade da República do Uruguai (Udelar), conversou com Vera Silva Telles, professora da USP e coordenadora do grupo de pesquisa “Cidade e Trabalho”, que, em uma de suas frentes de pesquisa, trata da presença dos migrantes nas tramas da cidade, nos circuitos dos mercados informais de trabalho e moradia, e com Tiago Rangel Côrtes, que compõe um grupo de pesquisa e está desenvolvendo seu doutorado sobre migrações transnacionais contemporâneas em São Paulo.

PEDRO RUSSI (PR): *Como podemos pensar os sentidos em jogo para as pessoas que se colocam em movimento? Como refletir sobre as suas travessias e deslocamentos na migração?*

VERA SILVA TELLES & TIAGO RANGEL CÔRTEZ (VT & TC): Estima-se mais de um bilhão de migrantes em movimento no mundo. Deslocamentos de populações, intensos fluxos migratórios sempre existiram e acompanham a história das sociedades e Estados nacionais em todos os quadrantes do planeta. Mas, nas últimas décadas, esses deslocamentos ganharam proporções inéditas, e isso tende a se acentuar nos próximos anos. Guerras entre países, conflitos armados, violência política, disputas entre gangues e milícias pelo controle das rotas de mercados legais e ilegais (drogas, armas, minérios...). Crise econômica prolongada. Destruição dos meios de vida sob impacto de desastres ambientais e alterações climáticas. Também: expulsões de populações de seus territórios de vida, nos campos, cidade e florestas, transformados em fronteiras de expansão dos mercados. Nas rotas



Recursos
Resources

dos vários fluxos migratórios que recortam países e regiões do mundo, é possível encontrar os sinais das complicações do mundo atual. Por isso se diz que as migrações podem ser tomadas como fio condutor, algo como um guia que nos faz apreender as macrotendências que se constelam neste mundo conflituoso e excludente e que ganham configurações diferenciadas conforme os lugares, tempos e espaços.

Mas há também outra maneira de reconstituir as histórias tecidas por entre as tragédias e dramas do mundo. E é isso que os três documentários nos fazem ver. Três situações diferentes, três lugares distintos do mundo. Cada qual coloca em cena homens e mulheres que se põem em movimento, que lidam com a difícil decisão de sair de seus locais de origem, que enfrentam travessias penosas, mais ou menos longas, mais ou menos perigosas, mas sempre incertas quanto ao que pode acontecer e quanto ao que podem esperar no lugar almejado de destino. Desejos de uma vida plausível de ser vivida. Eis o ponto que vale enfatizar, e que transparece em cada um dos três documentários: desde a decisão de partir, a travessia e os pontos de passagem ou de chegada, nada disso é possível sem que se mobilizem redes de afetos e de apoio entre pares e parceiros, vínculos construídos nes-

sas travessias e nessas passagens. Prestem atenção nas sociabilidades construídas em uma ocupação de moradia em Roraima, acolhendo venezuelanos recém-chegados (*Aqui en la Frontera*); nas interações e gestos afetivos de acolhimento, entre orientações, aconselhamentos e troca de experiências no “último refúgio” antes da temerária travessia do deserto do Saara (*O Último Refúgio*); também nos alojamentos de mexicanos e guatemaltecos à espera de documentação e permissão de trabalho em uma grande empresa canadense (*Recursos*). No miúdo dessas interações, nas várias situações em que ocorrem, há mundos sociais em construção, um “fazer-mundo” que finca suas marcas, suas histórias e suas experimentações por onde esses homens e mulheres passam e se instalam, provisoriamente ou não.

PR: *Nos três documentários, nos deparamos com três pontos de acolhimento/refúgio/abrigo diferentes, tanto na sua estrutura organizacional como também naquilo que podemos compreender como a espera e seus sentidos de futuro, além das vivências presentes, nesse instante de fronteira. Portanto, como pensar os riscos e ameaças, as esperanças ou desânimos, nesses pontos de acolhimento ou refúgio, à espera de vistos de trabalho ou do deserto?*

VT & TC: Em cada um dos filmes, vemos situações e questões diferentes. Entre os três, porém, há uma linha de intensidade comum: a indeterminação em relação ao futuro. A espera de algo que está por vir. Mas isso não é um tempo-espaço vazio. A indeterminação pode ser tomada como um entrelaçamento de muitos outros começos que podem ocorrer ou não. E a espera é feita dessas tramas relacionais – também sociopolíticas – encenadas em cada um dos três filmes. Sim, é um “fazer-mundo”, como dito linhas atrás. Mas é um fazer-mundo que se tece em torno das urgências da vida, “um dia de cada vez”, e que se alimenta de sonhos, expectativas, esperanças de um porvir – e também fabulações, tais como: no último refúgio à beira da imensidão do deserto, homens e mulheres ponderam os riscos de uma difícil travessia para chegar à almejada e imaginada Europa. Arriscar o imponderável da travessia? Ou retornar aos povoados de origem? Como lidar com a possibilidade de não conseguir realizar a travessia? Olhares fixos às telas dos celulares, parentes, amigos ou conhecidos que chegaram ao cobiçado destino, a Europa, alimentam o anseio pelo desconhecido. “O Facebook roubou o seu espírito”, alerta um gestor da Casa dos Migrantes para uma adolescente de Burquina Fasso.



O Último Refúgio
The Last Shelter

No caso do filme canadense (*Recursos*), a passagem foi feita, atravessou-se a fronteira. Mexicanos e guatemaltecos querem deixar histórias de violência e riscos de vida para trás. A espera é pelos documentos. Mas isso é demorado (de novo, a espera). Enquanto isso, portam o documento que autoriza ao trabalho por tempo determinado. E depois... bem, depois é depois, como se diz. Na persistência da indeterminação e das incertezas do momento, sonhos de um trabalho fixo, de uma estabilidade de vida que permita projetar um futuro possível – comprar um carro, trazer os entes queridos que ficaram no país de origem ou enviar recursos para os pais e parentes.

Na fronteira entre Brasil e Venezuela, espera-se por oportunidades de trabalho (*Aqui en la Frontera*). Espera-se também por uma vaga no programa nacional de interiorização de venezuelanos, lidando com as incertezas do que podem encontrar nas cidades para as quais seriam encaminhados: São Paulo, Rio de Janeiro e outras. As relações de afeto, os conflitos e os sonhos que se misturam e se atravessam produzem um mundo falado em portunhol, redes de aliança e de enfrentamento dos agouros do presente. A violência policial, intolerâncias, agressões xenófobas estão ali, à espreita. A tensão latente está

presente de ponta a ponta nesse filme, compõe o cenário de esperanças, indeterminações, incertezas e ressoa nas tramas desse “fazer-mundo” – vínculos solidários, redes de afetos e apoios, trocas e interações vão se tecendo, no dia a dia, no fio da navalha.

PR: *Diante do exposto, considero interessante avançar e problematizar o conceito de fronteiras, para além das definições político-administrativas, porque as fronteiras são modulares e diferenciadas conforme geopolíticas e políticas locais. Isso também nos permite pensar sobre o corpo como fronteira, como em estado de trânsito. Dessa maneira, estaríamos ampliando o conceito básico ou elemental de fronteira.*

VT & TC: “Fronteira é o lugar vago e indeterminado, criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. É um constante estado de transição” – frase de Gloria Anzálúa colocada como epígrafe do filme brasileiro-venezuelano. As fronteiras não são estanques. Tampouco se confundem com “limite”. As fronteiras existem para serem atravessadas. Operadores desses atravessamentos, os migrantes nos ajudam a compreender de que matéria elas são constituídas. No filme malinês (*O Último Refúgio*), o deserto do Saara, pontilhado por grupos armados e forças militares da Al-Qaeda, dificulta a travessia de quem vislumbra um dia chegar à Argélia e, depois, rumar à Europa.

Não se trata de tomar as fronteiras político-administrativas entre países como desimportantes. Sim, importam, e muito. Mas elas são porosas. E têm efeitos de poder que marcam os corpos das pessoas em mobilidade conforme os códigos e normativas de cada país. O migrante ganha estatutos diferenciados: o “clandestino”, a ser contido por forças policiais, o “refugiado” e os tortuosos caminhos institucionais-burocráticos para sua incorporação no país, ou o “solicitante de refúgio”, com acesso precário a direitos. A fronteira se inscreve no acesso diferenciado aos documentos. No Canadá, as restrições são bem maiores do que no Brasil. Aqui, os “solicitantes de refúgio” conseguem carteira de trabalho, cartão do SUS e um CPF, documentos que legalmente possibilitariam acesso à conta bancária, vaga de trabalho formal ou atenção à saúde, ainda que nem sempre esses direitos se efetivem – tudo é negociado e agenciado conforme situações e contextos de vida. Por outro lado, a fronteira se inscreve no corpo do migrante – no corpo venezuelano que aciona imaginários políticos e se torna alvo de xenofobias variadas na região (*Aqui en la Frontera*).

O drama vivido pelos “latinos” assim que atravessam a fronteira canadense é outro (*Recursos*). A fronteira é objetivada nos regramentos institucionais que selecionam os tipos de emprego disponíveis aos migrantes – experiência anterior e qualificações profissionais não valem muita coisa, ou, pior, podem atrapalhar a inserção na empresa, como adverte um funcionário também “latino” da seção de recrutamento de migrantes da multinacional. E é assim que eles são encaminhados para a empresa que se apresenta como a grande e generosa oportunidade de emprego para os recém-chegados – o grande frigorífero, o mais importante do Canadá. Uma funcionária avisa: as empresas não se dispõem a contratar requerentes de asilo para cargos em que se exige treinamento – é tempo perdido caso a pessoa não consiga o papel e perca a autorização de trabalho. E o trabalhador é aconselhado de que, para conseguir asilo, precisa construir seu dossiê e provar ao juiz que tem bons planos para ficar no país.

As leis do Estado, regras e normativas que regulam passagens e (im)possibilidades circulam como referências que pautam os deslocamentos migrantes. É por isso que se diz que as fronteiras são móveis, inscrevem-se no corpo migrante, são internalizadas e afetam suas condutas, suas formas de se organizar e de se articular. No Brasil, isso também passa pela forma como o governo federal, sobretudo o exército brasileiro, se vincula com agências transnacionais de apoio aos refugiados. No filme canadense, a ênfase está na relação com o emprego e a exigência de domínio da língua, o francês, para conseguir um número de registro da assistência nacional. No Mali, a presença das regras estatais é distante, quase evanescente, e o que parece regular os movimentos é a ajuda humanitária, que se corporifica na gestão da Casa dos Migrantes. O gesto de acolhimento e proteção é acompanhado por aconselhamentos que evocam os riscos da travessia do deserto, as dificuldades quase insuperáveis para a instalação em solo europeu, o insucesso quase certo – e, então, por que não o retorno?

PR: *O que pensar dos sonhos, projetos e desejos de uma vida plausível como força que move as pessoas a migrar, a se deslocar? De que forma isso entra no jogo migratório, considerando-se as disposições das empresas que se aproveitam, para enriquecer o mercado de trabalho, dessa condição de desespero, precariedade e incerteza das vidas e seus destinos?*

VT & TC: A força, o impacto e a beleza dos três documentários estão



Aqui en la Frontera
On the Border

no modo como eles são capazes de fazer ver como operam as práticas desse “fazer-mundo” que estamos aqui enfatizando. Seja no Mali, no Canadá ou em Roraima, assim como em qualquer lugar em que migrantes circulem, se instalem e tentem (re)construir suas vidas, há práticas de engendramento de mundos que passam a compor com as histórias locais, interagir com os habitantes de cada lugar, mobilizar recursos e mediações políticas para garantir possibilidades de vida.

Não se trata de romantizar essas histórias. Longe disso. Violências, exclusões, perseguições estão cravadas nesses percursos. As redes de afeto e apoio, alianças e vínculos construídos nos deslocamentos e nos locais de passagem, tudo isso é mobilizado para administrar, enfrentar e contornar violências, riscos de morte e sofrimentos – e evitar cair no desespero, na desesperança e destruição. É disso que depende a vida e as possibilidades de vida.

Por outro lado, o filme canadense nos alerta para as formas insidiosas com as quais empresas e mercados locais podem se aproveitar justamente dos sonhos e afetos desses homens e mulheres que fogem de histórias de violências, perseguições, rupturas e sofrimentos. A indeterminação e as incertezas que regem suas vidas, essa espera

indefinida, os coloca em disponibilidade, prontos para aceitar brechas possíveis dos hoje expansivos e proliferantes mercados de trabalho precário. A riqueza, fortuna e prestígio de uma grande empresa, o frigorífico canadense, se alimenta dessas formas de aproveitamento e captura dos sonhos e projetos que mobilizam migrantes em busca de uma vida plausível de ser vivida.

PR: *Para encerrar esta conversa, o que sentiram ao ver os três documentários?*

VT & TC: Os filmes vistos em conjunto trazem a necessidade de se pensar o estatuto da aliança e da forma coletiva de se produzir mundo. Cada um, a seu modo, denuncia um mundo desigual, ao mesmo tempo que apresenta o afeto e as alianças como motores para a ação que produz a vida. As fronteiras, os estatutos legais, os Estados nacionais e o capitalismo não são dados imutáveis, mas construídos e reiterados cotidianamente por todos nós. Assim, cabe a todos os engajados na luta assumir a tarefa de desativação desses dispositivos de poder.

PEDRO RUSSI é doutor e Mestre em Comunicação (UNISINOS-Brasil). Atualmente é docente na Universidad de la República Uruguay (UdelaR/CENUR-LN) no Departamento de Ciências Sociais. É também Coordenador do Grupo METICs (Modos Epistemológicos, Teorías Interdependientes y Complejidad Social) e Diretor do CISECO (Centro Internacional de Semiótica e Comunicação).

TIAGO RANGEL CÔRTEZ é mestre e doutorando em sociologia pela USP, onde desenvolve pesquisa sobre as migrações transnacionais contemporâneas a partir do prisma urbano. É também técnico do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

VERA SILVA TELLES é professora sênior do Departamento de Sociologia da USP e é coordenadora do grupo de pesquisa “Cidade e Trabalho”. Faz pesquisas e publicações sobre ilegalismos urbanos. Sobre a questão migratória, publicou recentemente, com seus parceiros de pesquisa, “As tramas políticas das cenas de protesto” (*Le Monde Diplomatique Brasil*, 2022).

Migration and Borders in Three Documentaries

At the 12th Ecofalante Film Festival, three documentaries propose different views to understand the migration processes. These are perspectives that expose what is often silenced. *Resources* (Canada, 2021), by Hubert Caron-Guay & Serge-Olivier Rondeau, portrays the need for labor for the meat industry, which is undergoing significant development in Quebec. In order to continue producing competitively in the logic of the capitalist-driven system, optimizing production, they hire asylum seekers. We see especially Latin American men and women. In the vicinity of the factories, only corn grows. In *The Last Shelter* (Mali/France/South Africa, 2021), a documentary by the Malian Ousmane Samassékou, the images, silences, and conversations of the migrants take place south of the Sahara desert, in the House of Migrants, a temporary shelter for those who seek to reach Europe by crossing Africa. Illusions and uncertainties, dreams and fears for their lives and destinies are experienced in this place. The intimacy experienced in the spaces of this refuge anticipates the coming future, with hope, uncertainty, and the melancholy of exile. *On the Border* (2022), a Brazilian documentary directed by Marcela Ulhoa & Daniel Tancredi, takes us to the border between Brazil and Venezuela, scene of the biggest migration-related crises of contemporaneity in Latin America. In this space of border and dis-

tinguished ways of welcoming, the documentary narrates the stories of three people of Venezuelan origin: Stephanny, a young mother of 21 who needs to return to the country to look for her daughter; Francis, a trans woman, leader of a militarized refugee shelter run by the Brazilian government, and Argenis, who, under threat of eviction, organizes an occupation with more than 300 Venezuelans in Boa Vista. At the present moment, we cannot think about migrations apart from economic, political, and, especially, environmental phenomena. This is why we are calling attention to the theme of migration in this Film Festival.

To reflect further on the theme of contemporary migration, present in these three titles, Pedro Russi, professor of journalism at the Universidad de la República Uruguay (UdelaR) talked with Vera Silva Telles, professor at the University of São Paulo (USP) and coordinator of the research group “City and Work”, who, in one of her research fronts, deals with the presence of migrants in the city’s fabric, in the circuits of the informal labor and housing markets, and with Tiago Rangel Côrtes, who is part of a research group and is developing his doctorate on contemporary transnational migrations in São Paulo.

PEDRO RUSSI (PR): *How can we think about the meanings at stake for people who put themselves on the move? How can we reflect on their crossings and displacements in migration?*

VERA SILVA TELLES & TIAGO RANGEL CÔRTEES (VT & TC): It

is estimated that there are more than a billion migrants on the move in the world. Displacements of populations, intense migratory flows have always existed and have accompanied the history of societies and nation-states in all quadrants of the planet. But in recent decades, these displacements have taken on unprecedented proportions, and this tends to get worse in the coming years. Wars between countries, armed conflicts, political violence, disputes between gangs and militias for the control of legal and illegal market routes (drugs, weapons, minerals...). Prolonged economic crisis. Destruction of livelihoods under the impact of environmental disasters and climate change. Also: Evictions of populations from their living territories, in fields, cities, and forests, transformed into frontiers of market expansion. In the routes of the various migratory flows that cut across countries and regions of the world, it is possible to find the signs of the complications of today’s world. That is why it is said that migrations can be taken as a conducting thread, something like a guide that makes us apprehend the macro-tendencies that are constellated in this conflicting and excluding world and that gain different configurations according to places, times, and spaces.

But there is also another way to reconstitute the stories woven through the tragedies and dramas of the world. And this is what the three documentaries make us see. Three different situations, three different places in the world. Each one brings into play men and women who set themselves in motion, who deal with

the difficult decision of leaving their places of origin, who face painful crossings, more or less long, more or less dangerous, but always uncertain as to what may happen and what they can expect at the desired place of destination. The desire for a life that is plausible to be lived. This is the point worth emphasizing, and it comes through in each of the three documentaries: from the decision to leave, the crossing, and the points of passage or arrival, none of this is possible without mobilizing networks of friendship and support among peers and partners, bonds built in these crossings and in these passages. Pay attention to the socialities built in a housing occupation in Roraima, welcoming recently arrived Venezuelans (*On the Border*); in the interactions and loving gestures of welcoming, among guidance, counseling, and exchange of experiences in the “last shelter” before the fearful crossing of the Sahara desert (*The Last Shelter*); also in the lodgings of Mexicans and Guatemalans waiting for documentation and work permits in a large Canadian company (*Resources*). In the midst of these interactions, in the various situations in which they occur, there are social worlds under construction, a “making-of-the-world” that sets its marks, its stories, and its experiences wherever these men and women pass and settle, temporarily or not.

PR: *In the three documentaries, we come across three different reception/refuge/shelter points, both in their organizational structure and also in what we can understand as the waiting and its meanings of the*

future, besides the present experiences, in this border instant. Therefore, how to think about the risks and threats, the hopes or discouragements, in these points of welcoming or refuge, waiting for work visas or the desert?

VT & TC: In each of the films, we see different situations and issues. Between the three, however, there is a common thread of intensity: indeterminacy regarding the future. The waiting for something to come. But this is not an empty space-time. Indeterminacy can be taken as an interweaving of many other beginnings that may or may not occur. And the waiting is made of these relational — also sociopolitical — entanglements staged in each of the three films. Yes, it is a “making-of-the-world”, as said lines before. But it is a making-of-the-world that is woven around the urgencies of life, “one day at a time,” and that is fed by dreams, expectations, hopes for the future — and also fabrications, such as: in the last refuge on the edge of the immensity of the desert, men and women ponder the risks of a difficult crossing to reach the longed-for and imagined Europe. To risk the imponderable of the crossing? Or return to the villages of origin? How to deal with the possibility of not making the crossing? Stares fixed on cell phone screens, relatives, friends, or acquaintances who have reached the coveted destination, Europe, feed the longing for the unknown. “Facebook has stolen your spirit,” warns a manager at the House of Migrants to a teenage girl from Burkina Faso.

In the case of the Canadian film (*Resources*), the crossing has been

done, the border has been crossed. Mexicans and Guatemalans want to leave behind stories of violence and life risks. The wait is for the documents. But this is time-consuming (again, the waiting). Meanwhile, they carry the document that authorizes them to work for a determined period of time. And afterward... well, afterward is afterward, as they say. In the persistence of the indeterminacy and the uncertainties of the moment, dreams of a steady job, of a stable life that allows them to project a possible future — to buy a car, to bring their loved ones that stayed in their country of origin, or to send resources to their parents and relatives.

On the border between Brazil and Venezuela, the migrants wait for job opportunities (*On the Border*). They also wait for a place in the national program of interiorization of Venezuelans, dealing with the uncertainties of what they can find in the cities to which they would be sent: São Paulo, Rio de Janeiro, and others. The emotional bonds, the conflicts, and the dreams that intersect produce a world spoken in Portuguese, networks of alliance and of confrontation against the omens of the present. Police violence, intolerance, xenophobic aggressions are there, lurking. The latent tension is present from end to end in this film, it composes the scenario of waits, indeterminations, uncertainties, and resonates in the intricacies of this “making-of-the-world” — solidary bonds, networks of affection and support, exchanges and interactions are woven, day by day, on the razor’s edge.

PR: *In view of the above, I think it is interesting to advance and problematize the concept of borders, beyond political-administrative definitions because borders are modular and differentiated according to local geopolitics and policies. This also allows us to think about the body as a border, as being in a state of transit. In this way, we would be extending the basic or elemental concept of border.*

VT & TC: “Border is the vague and indeterminate place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is a constant state of transition” — a phrase by Gloria Anzúlia placed as the epigraph of the Brazilian-Venezuelan film. Borders are not watertight. Neither are they to be confused with “limit.” Borders exist to be crossed. The migrants, as operators of these crossings, help us to understand how they are constituted of matter. In the Malian film (*The Last Shelter*), the Sahara desert, dotted by armed groups and Al-Qaeda military forces, makes the crossing difficult for those who envision one day reaching Algeria and then heading to Europe.

This is not to take political-administrative borders between countries as unimportant. Yes, they do matter, and a lot. But they are porous. And they have power effects that mark the bodies of people in mobility according to the codes and norms of each country. The migrant gains different statutes: the “clandestine,” to be contained by police forces, the “refugee” and the tortuous institutional-bureaucratic paths for his or her incorporation into the country, or the “refuge seeker,” with

precarious access to rights. The border is inscribed in unequal access to documents. In Canada, the restrictions are much greater than in Brazil. Here, the “refuge seekers” get a work card, a SUS card, and a CPF, documents that would legally allow access to a bank account, a formal job position, or health care, even though these rights do not always materialize — everything is negotiated and arranged according to life situations and contexts. On the other hand, the border is inscribed in the migrant’s body — in the Venezuelan body that triggers political imaginaries and becomes the target of various xenophobia in the region (*On the Border*).

The drama experienced by “Latinos” once they cross the Canadian border is another (*Resources*). The border is objectified in the institutional regulations that select the types of jobs available to migrants — previous experience and professional qualifications are not worth much, or, worse, can hinder the insertion in the company, as an employee also “Latino” of the multinational company’s migrant recruitment section warns. And this is how they are referred to the company that presents itself as the big and generous job opportunity for the newcomers — the big meat packing plant, the most important in Canada. One employee warns: companies are unwilling to hire asylum seekers for positions where training is required — it is time lost if the person does not get the paper and loses the work permit. And the worker is advised that in order to get asylum, they need to build their file and prove to the judge that they have

good plans to stay in the country.

The laws of the State, rules and norms that regulate passages and (im)possibilities circulate as references that guide migrant displacements. That is why it is said that borders are mobile, are inscribed in the migrant body, are internalized, and affect his or her behaviors, his or her ways of organizing and articulating themselves. In Brazil, this also goes through the way the federal government, especially the Brazilian army, links up with transnational refugee support agencies. In the Canadian film, the emphasis is on the relationship with employment and the requirement of mastering the language, French, to get a national assistance registration number. In Mali, the presence of state rules is distant, almost evanescent, and what seems to regulate the movements is humanitarian aid, which is embodied in the management of the House of Migrants. The gesture of welcoming and protection is accompanied by advice that evokes the risks of crossing the desert, the almost insurmountable difficulties of settling on European soil, the almost certain failure — and then, why not return?

PR: *What to think of the dreams, projects, and desires for a plausible life as a driving force that moves people to migrate, to relocate? How does that play into the migratory game, considering that companies are willing to take advantage of this condition of desperation, precariousness, and uncertainty of lives and their destinies in order to enrich the labor market?*

VT & TC: The strength, the impact,

and the beauty of the three documentaries are in their ability to show how the practices of the “making-of-the-world” that we are emphasizing here operate.

Whether in Mali, Canada, or Roraima, as in any place where migrants move around, settle, and try to (re)build their lives, there are practices of making-of-the-world that engage with local histories, interact with the inhabitants of each place, and mobilize resources and political mediations to guarantee life possibilities.

This is not to romanticize these stories. Far from it. Violence, exclusion, and persecution are embedded in these journeys. The networks of affection and support, the alliances and bonds built during the displacements and in the places of passage, all of this is deployed to manage, face, and circumvent violence, risks of death, and suffering — and to avoid descending into despair, hopelessness, and destruction. That is what life and the possibilities of life depend on.

On the other hand, the Canadian film warns us against the insidious ways in which companies and local markets can take advantage precisely of the dreams and affections of these men and women who are fleeing from histories of violence, persecution, ruptures, and suffering. The indetermination and uncertainties that govern their lives, this indefinite waiting, put them on standby, ready to accept possible gaps in the now expansive and proliferating precarious labor markets. The wealth, fortune, and prestige of a big company, the Canadian meatpacking company,

feeds on these ways of taking advantage of and capturing the dreams and projects that mobilize migrants in search of a plausible life to live.

PR: *To close this conversation, what did you feel when watching the three documentaries?*

VT & TC: The films seen together bring up the need to think about the alliance statute and the collective way of producing the world. Each in its own way denounces an unequal world, while at the same time presenting love and alliances as engines for the action that produces life. Borders, legal statutes, national States, and capitalism are not immutable data but are constructed and reiterated daily by all of us. Thus, it is up to all those engaged in the struggle to take on the task of deactivating these devices of power.

PEDRO RUSSI has a Ph.D. and Master in Communication (UNISINOS-Brazil), and is currently a Professor at the Universidad de la República Uruguay (UdelaR/CENUR-LN) in the Department of Social Sciences. He is also the Coordinator of the METICs Group (Epistemological Modes, Interdependent Theories, and Social Complexity) and Director of CISECO (International Center for Semiotics and Communication).

TIAGO RANGEL CÔRTEZ has a Master degree and is a Ph.D. candidate in Sociology at the University of São Paulo (USP), where he is developing research on contemporary transnational migrations from an urban perspective. He is also a technician at DIEESE (Inter-Union Department of Statistics and Socioeconomic Studies).

VERA SILVA TELLES is a Senior professor at the Department of Sociology of the University of São Paulo, where she coordinator of the “City and Work” research group. She does research and writes publications on urban illegalism. Regarding migration issues, she recently published, with her research partners, “As tramas políticas das cenas de protesto” [The Protest Scenes’ Political Plots] (*Le Monde Diplomatique Brasil*, 2022).



A Apropriação

The Grab

EUA, 2022, 104'

No novo documentário da diretora de *Blackfish* (2013), um jornalista investigativo descobre a verdade por trás do dinheiro, da influência e da lógica que envolvem os esforços secretos para controlar os recursos mais vitais do planeta — comida e água.

In the newest documentary by the director of Blackfish (2013), an investigative journalist uncovers the truth behind the money, influence, and rationale that goes into the covert efforts to control the most vital resources on the planet — food and water.



DIREÇÃO DIRECTOR
Gabriela Cowperthwaite
PRODUÇÃO PRODUCER
Nathan Halverson,
Amanda pike, Bly Pagon
Faust, Nicole Rocklin,
Gabriela Cowperthwaite
ROTEIRO SCRIPT
Gabriela Cowperthwaite
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jonathan Ingalls
EDIÇÃO EDITOR
Davis Coombe
CONTATO CONTACT
apike@revealnews.org



A Felicidade Vale 4 Milhões

Happiness is £4 Million

CHINA/EUA, 2022, 27'

Uma jovem jornalista idealista é encarregada de traçar o perfil do maior especulador imobiliário da China. Mas como ela pode escrever um perfil sobre um homem cuja visão de mundo obcecada por dinheiro ela despreza?

An idealistic, young journalist is tasked with profiling China's biggest real estate speculator. But how can she write a profile about a man whose money-obsessed worldview she despises?



DIREÇÃO DIRECTOR
Weixi Chen, Kai Wei
PRODUÇÃO PRODUCER
Hao Wu
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Weixi Chen, Kai Wei
EDIÇÃO EDITOR
Runze Yu, Weixi Chen
CONTATO CONTACT
hao@tripodmedia.com



A Máquina do Petróleo

The Oil Machine

REINO UNIDO, 2022, 82'

A *Máquina do Petróleo* explora o complexo envolvimento econômico, histórico e emocional com o petróleo à medida que avançamos rumo ao colapso climático. Desde a descoberta de enormes campos deste combustível fóssil na costa da Escócia até sua privatização em massa durante a era Thatcher, este documentário abrangente revela como o petróleo se tornou o motor invisível que impulsiona as políticas públicas e econômicas do Reino Unido. Reunindo uma ampla gama de vozes de diversos setores, o filme pergunta: “como podemos desmantelar essa máquina, e quão rápido?”

The Oil Machine explores the complex economic, historical, and emotional entanglement with oil as we move towards climate collapse. From the discovery of huge fields of this fossil fuel off the coast of Scotland to its mass privatization during the Thatcher era, this comprehensive documentary reveals how oil has become the invisible engine that drives UK public and economic policy. Bringing together a wide range of voices from diverse sectors, the film asks, “how can we dismantle this machine, and how fast?”



DIREÇÃO DIRECTOR
Emma Davie
PRODUÇÃO PRODUCER
Sonja Henrici
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Julian Schwanitz
EDIÇÃO EDITOR
Martin Kayser Landwehr
CONTATO CONTACT
sonja@sonjahenrici.com



Águas do Pastaza

Waters of Pastaza

PORTUGAL, 2022, 62'

Isolada na floresta tropical amazônica vive uma comunidade de crianças em profunda intimidade com a natureza à sua volta. Entre as águas do rio Pastaza e o topo das árvores, essas crianças vivem o seu cotidiano de forma quase autônoma e com um forte senso de colaboração.

Secluded in the Amazon rainforest lives a community of children in deep intimacy with the nature around them. Between the waters of the Pastaza River and the treetops, these children live their daily lives almost autonomously and with a strong sense of collaboration.



DIREÇÃO DIRECTOR
Inês T. Alves
PRODUÇÃO PRODUCER
Ico Costa, Inês T. Alves
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Inês T. Alves
EDIÇÃO EDITOR
Inês T. Alves
CONTATO CONTACT
oublaum.producao@gmail.com



Amianto: Crônica de um Desastre Anunciado

The Asbestos Grave: Chronicle of a Disaster Foretold

BÉLGICA, 2021, 90'

Durante mais de 20 anos, o uso generalizado do amianto na Europa foi retratado por uma jornalista da televisão nacional belga em diversos programas. Neste documentário-denúncia, a montagem desse rico acervo evidencia como a direção da indústria do amianto sabia dos riscos que o material oferecia para a saúde, e como sua insistente ocultação dos perigos deste produto “milagroso” e muito rentável levou à doença e à morte de inúmeros trabalhadores e suas famílias.



DIREÇÃO DIRECTOR
Marie-Anne Mengeot,
Nina Toussaint
PRODUÇÃO PRODUCER
Marie-Anne Mengeot,
Nina Toussaint
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Hélène Motteau
ROTEIRO SCRIPT
Marie-Anne Mengeot,
Nina Toussaint
EDIÇÃO EDITOR
Juliette Kergoat,
Guillaume Nolevaux
CONTATO CONTACT
contact@iotaproduction.
com

For more than 20 years, the widespread use of asbestos in Europe has been portrayed by a Belgian national television journalist in several programs. In this denouncing documentary, the editing of this rich archive highlights how the management of the asbestos industry knew the risks the material offered to health, and how their insistent concealment of the dangers of this “miraculous” and very profitable product led to the illness and death of countless workers and their families.



Amor e Luta em Tempos de Capitalismo

A Guide to Love and Fighting Capitalism

FRANÇA, 2022, 92'

Eles são os primeiros a serem chamados pela mídia quando há crises e escândalos no mundo financeiro. Monique Pinçon-Charlot e Michel Pinçon são um casal de sociólogos franceses conhecidos por sua pesquisa de mais de cinco décadas sobre desigualdade e os ultra-ricos. Quando o movimento dos coletes amarelos irrompe no coração da capital francesa, eles são forçados a deixar a tranquilidade de sua aposentadoria de lado.



DIREÇÃO DIRECTOR
Basile Carré-Agostini
PRODUÇÃO PRODUCER
Frédéric Dubreuil
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Basile Carré-Agostini
ROTEIRO SCRIPT
Basile Carré-Agostini
EDIÇÃO EDITOR
Clémence Carré, Basile Carré-Agostini
CONTATO CONTACT
theo.lionel@
thepartysales.com

They are the first to be called upon by the media when there are crises and scandals in the financial world. Monique Pinçon-Charlot and Michel Pinçon are a couple of French sociologists known for their more than five decades of research on inequality and the ultra-rich. When the yellow vests movement erupts in the heart of the French capital, they are forced to put the tranquility of their retirement aside.



Aralkum

Aralkum

UZBEQUISTÃO/ALEMANHA, 2022, 13'

Uma paisagem desértica, como se fosse de outro planeta. Alguns navios encalhados, solitários e enferrujados. A vegetação rasteira do deserto cresce ao seu redor, segurando a areia durante as tempestades impiedosas. Aralkum, o deserto de Aral, é o fundo do mar despido, a última coisa a restar do mar de Aral. Entrelaçando várias texturas cinematográficas, *Aralkum* reinventa o mar de Aral seco, permitindo a um velho pescador içar as velas uma última vez.

A desert landscape, as if from another planet. A few stranded ships, lonely and rusting. The scrubby desert vegetation grows around them, holding back the sand during merciless storms. Aralkum, the Aral desert, is the bare seabed, the last thing left of the Aral Sea. Interweaving various cinematic textures, Aralkum reinvents the dry Aral sea, allowing an old fisherman to hoist his sails one last time.



DIREÇÃO DIRECTOR
Daniel Asadi Faezi,
Mila Zhluktenko
PRODUÇÃO PRODUCER
Fozil Yunusov, Daniel
Asadi Faezi, Mila
Zhluktenko
ROTEIRO WRITER
Daniel Asadi Faezi,
Mila Zhluktenko
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER
Sadrididdin Shakhbiddinov
EDIÇÃO EDITOR
Daniel Asadi Faezi,
Mila Zhluktenko
CONTATO CONTACT
contact@asadifaezi.com



Davi e Golias: O Caso de Dewayne Johnson Contra Monsanto

Into the Weeds: Dewayne “Lee” Johnson vs. Monsanto Company

CANADÁ, 2022, 96'

O herbicida mais usado no mundo causa câncer? *Davi e Golias: O Caso de Dewayne Johnson Contra Monsanto* segue a história do jardineiro Lee Johnson em sua luta por justiça contra a gigante agroquímica Monsanto (agora Bayer, que comprou a empresa em 2018), fabricante do herbicida Roundup.

Does the most widely used weed killer in the world cause cancer? Into the Weeds: Dewayne “Lee” Johnson vs. Monsanto Company follows the story of groundskeeper Lee Johnson and his fight for justice against agricultural giant Monsanto (now Bayer, which bought the company in 2018), the manufacturer of the weed killer, Roundup.



DIREÇÃO DIRECTOR
Jennifer Baichwal
PRODUÇÃO PRODUCER
Jennifer Baichwal,
Nicholas de Pencier
ROTEIRO WRITER
Jennifer Baichwal
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER
Nicholas de Pencier,
John Price
EDIÇÃO EDITOR
Roland Schlimme,
David Wharnsby
CONTATO CONTACT
sales@sphere-films.com



Deep Rising: A Última Fronteira

Deep Rising

EUA, 2022, 93'

Deep Rising: A Última Fronteira é um retrato urgente das intrigas geopolíticas e corporativas em torno do acesso irrestrito à última fronteira: o solo dos oceanos. A promessa das mil utilidades de um tipo de metal que se encontra enterrado neste solo até agora intocado dá início a uma corrida pela promissora fonte de energia. Narrado pelo ator e produtor executivo Jason Momoa, o documentário alerta para esta nova ameaça ao delicado equilíbrio dos oceanos — tão vital para a vida na Terra.

Deep Rising is an urgent portrait of the geopolitical and corporate intrigues surrounding unfettered access to the last frontier: the ocean floor. The prospect of the many uses for a type of metal that lies buried in this hitherto untouched soil kicks off a race for the promising energy source. Narrated by actor and executive producer Jason Momoa, the documentary warns of this new threat to the delicate balance of the oceans — so vital to life on Earth.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Matthieu Rytz
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Matthieu Rytz
ROTEIRO *SCRIPT*
Helen Scales,
Matthieu Rytz
EDIÇÃO *EDITOR*
Elisa Borora
CONTATO *CONTACT*
matt@rytz.co



Delikado

Delikado

EUA/REINO UNIDO/FILIPINAS/CHINA/AUSTRÁLIA, 2022, 94'

Com sua rica biodiversidade e beleza natural, a ilha de Palawan, nas Filipinas, é um dos destinos turísticos mais visitados da Ásia. Mas, para uma pequena rede de defensores do meio ambiente, este local idílico mais parece um campo de batalha. *Delikado* acompanha três defensores ambientais em sua luta para proteger Palawan da exploração ilegal de suas florestas, rios e montanhas, em um dos países com a maior taxa de assassinatos de ambientalistas.

With its rich biodiversity and natural beauty, the island of Palawan in the Philippines is one of Asia's most visited tourist destinations. But for a small network of environmental crusaders, it is more akin to a battlefield. Delikado follows three environmental defenders as they fight to protect Palawan from the illegal exploitation of its forests, rivers, and mountains, in one of the countries with the highest murder rate of environmentalists.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Karl Malakunas
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Marty Syjuco, Michael Collins, Kara Magsanoc-Alikpala, Karl Malakunas
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Tom Bannigan
ROTEIRO *SCRIPT*
Laura Nix, Michael Collins, Karl Malakunas
EDIÇÃO *EDITOR*
Michael Collins, Eric Daniel Metzgar
CONTATO *CONTACT*
ella@metfilm.co.uk



Duas Vezes Colonizada

Twice Colonized

GROENLÂNDIA/DINAMARCA/CANADÁ, 2023, 92'

Aaju Peter é uma renomada advogada e ativista inuíte da Groenlândia que defende os direitos humanos dos povos indígenas do Ártico e uma feroz protetora de suas terras ancestrais. Ela trabalha para levar seus colonizadores no Canadá e na Dinamarca à justiça e emprega seu espírito efusivo e inteligência esclarecedora para provocar auto-exame e responsabilidade pessoal entre os ocidentais por impor seus modos coloniais.

Aaju Peter is a renowned lawyer and Inuit activist who defends the human rights of the indigenous peoples of the Arctic and a fierce protector of her ancestral lands. She strives to bring her colonizers in Canada and in Denmark to justice and employs her effusive spirit and sharp wit to provoke self-examination and personal responsibility among the Westerners for imposing their colonial ways.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lin Alluna

PRODUÇÃO PRODUCER
Emile Hertling Péronard,
Alethea Arnaquq-Baril, Stacey Aglok
MacDonald, Bob Moore

ROTEIRO WRITER
Aaju Peter

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Iris Ng, Glauco Bermudez,
David Bauer, Lin Alluna

EDIÇÃO EDITOR
Mark Bukdahl

CONTATO CONTACT
welcome@
autlookfilms.com



Filhos do Katrina

Katrina's Babies

EUA, 2022, 81'

Em 2005, o furacão Katrina não apenas destruiu grande parte da cidade de Nova Orleans, mas também mudou para sempre a vida de muitos jovens. O cineasta Edward Buckles Jr. tinha 13 anos quando isso aconteceu. Em seu documentário de estreia, ele dá voz aos que foram expulsos de suas casas e abandonados pelo governo da época.

In 2005, Hurricane Katrina not only destroyed large parts of the city of New Orleans, but also changed the lives of many young people forever. Filmmaker Edward Buckles Jr. was 13-years-old when it happened. In his first documentary, he gives voice to those who were forced from their homes and abandoned by the government at the time.



DIREÇÃO DIRECTOR
Edward Buckles Jr.

PRODUÇÃO PRODUCER
Edward Buckles Jr.,
Audrey Rosenberg,
Rebecca Teitel

ROTEIRO WRITER
Edward Buckles Jr.,
Luther Clement Lam,
Audrey Rosenberg

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Edward Buckles Jr.

EDIÇÃO EDITOR
Luther Clement
Lam, Fiona Otway

CONTATO CONTACT
info@houseoftheyoung.
com



Forrageadores

Foragers

PALESTINA, 2022, 65'

Este filme híbrido retrata os dramas em torno da prática da busca e coleta de plantas silvestres comestíveis na Palestina/Israel. Para os forrageadores palestinos, as leis que proíbem a coleta do *akkoub andza'atar* são um “véu ecológico” para mascarar uma legislação que os aliena ainda mais de suas terras, enquanto os representantes do Estado israelense insistem na necessidade de preservar uma planta tida como ameaçada. Ao retratar os praticantes recorrentes dessa longa tradição que não se deixam intimidar por multas e julgamentos, *Forrageadores* captura a alegria e o conhecimento que estão incorporados nessas tradições, assim como a resistência às proibições da lei.

This hybrid film portrays the dramas surrounding the practice of foraging and gathering edible wild plants in Palestine/Israel. For Palestinian foragers, laws prohibiting the gathering of the akkoub andza'atar are an “ecological veil” to mask legislation that further alienates them from their land, while representatives of the Israeli state insist on the need to preserve a plant perceived as endangered. By portraying the relentless practitioners of this long-standing tradition who are undeterred by fines and trials, Foragers captures the joy and knowledge that is embedded in these traditions, as well as the resistance to the prohibitions of the law.



DIREÇÃO DIRECTOR
Jumana Manna
PRODUÇÃO PRODUCER
Jumana Manna
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Marte Vold, Ashraf Dowani, Yaniv Linton
EDIÇÃO EDITOR
Jumana Manna, Katrin Ebersohn
CONTATO CONTACT
jumana.manna@gmail.com



Free Money

Free Money

EUA/QUÊNIA, 2022, 77'

Quando a renda básica universal (RBU) chega à aldeia queniana de Kogutu, vidas mudam para sempre. A GiveDirectly, uma das ONGs de crescimento mais rápido do século XXI, está enviando dinheiro gratuitamente aos moradores da aldeia como parte do maior experimento de RBU do mundo, com doze anos de duração. Os cineastas juxtapõem a história desses jovens economistas, financiados pelo Vale do Silício e convencidos de que encontraram um algoritmo infalível para acabar com a pobreza mundial, com retratos de quenianos locais, cujas vidas estão sendo dramaticamente impactadas para o bem e para o mal.

When universal basic income (UBI) comes to the Kenyan village of Kogutu, lives are forever changed. GiveDirectly, one of the fastest growing nonprofits of the 21st century, is sending the villagers free money for twelve years as part of the world's largest UBI experiment. The filmmakers juxtapose the story of these young economists, bankrolled by Silicon Valley and convinced that they have found an infallible algorithm to end world poverty, with portraits of local Kenyans whose lives are being dramatically impacted for better and for worse.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lauren DeFilippo, Sam Soko
PRODUÇÃO PRODUCER
Amanda Pollak, Jordan Fudge, Jeremy Allen, Lauren DeFilippo, Sam Soko
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Vanessa Carr, Nyasha Kadandara, Wambui 'Bo' Muigai
EDIÇÃO EDITOR
Ryan Mullins, Raúl Santos, Mila Aung-Thwin
CONTATO CONTACT
sales@dogwoof.com



Girl Gang

Girl Gang

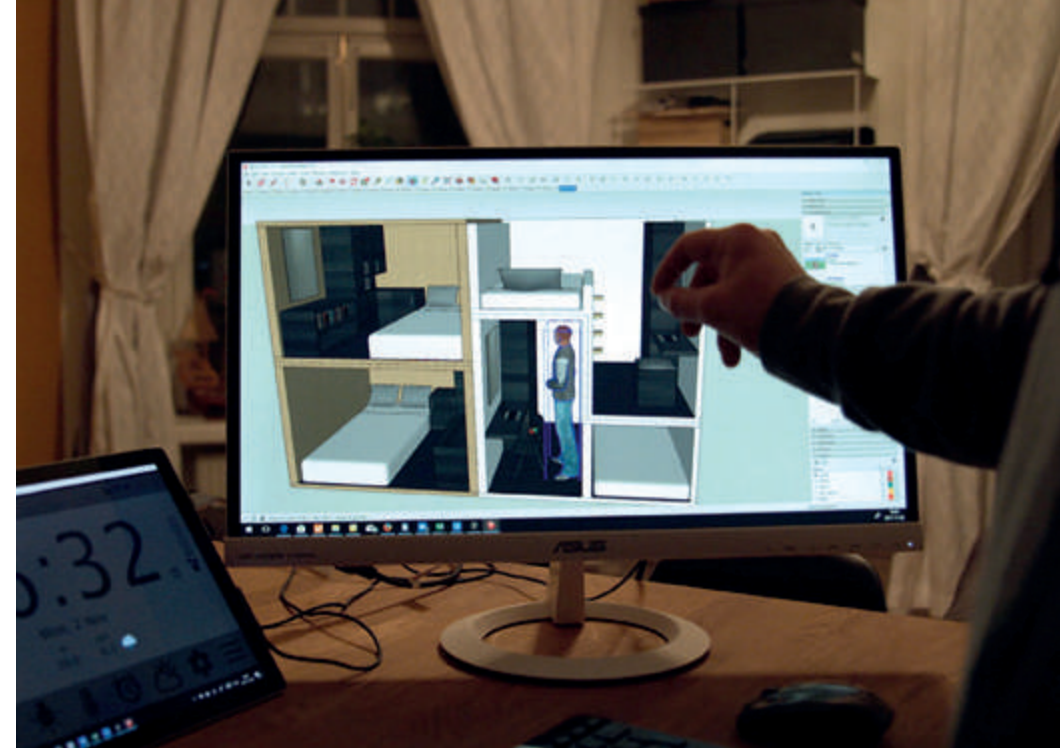
SUÍÇA/ALEMANHA, 2022, 96'

Ser um influencer é o sonho de muitos adolescentes; tudo parece tão fácil — você grava alguns vídeos por dia, usa algumas *tags* inteligentes e os seguidores, brindes e dinheiro vêm logo na sequência. Mas, embora este retrato de Leonie, uma adolescente de 14 anos de Berlim, seja enquadrado como um conto de fadas, as aparências enganam.

Being an influencer is many a teenager's dream, and it all seems so easy — you shoot a couple of videos a day, use some clever tags, and the followers, freebies and cash come pouring in. But although this portrait of 14-year-old Leonie from Berlin is framed as a fairy tale, appearances can be deceptive.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Susanne Regina Meures
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Christian Frei
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Susanne Regina Meures
EDIÇÃO *EDITOR*
Katja Dringenberg
CONTATO *CONTACT*
info@riseandshine-berlin.de



Good Life

Good Life

SUÉCIA/LITUÂNIA/FINLÂNDIA, 2022, 72'

Good Life adentra os bastidores de uma *start-up* de convivência (*co-living*) que inspira seus inquilinos a administrar toda a sua vida como uma operação comercial. O que acontece quando a narrativa corporativa se torna parte do seu eu mais íntimo e a comunidade se transforma em uma mercadoria?

Good Life lets you in behind the curtain of a *co-living start-up* that inspires its tenants to run their entire life as a business operation. What happens when corporate storytelling becomes part of one's innermost self and community becomes a commodity?



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Marta Dauliute,
Viktorija Šiaulyte
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Marta Dauliute,
Viktorija Šiaulyte
ROTEIRO *SCRIPT*
Marta Dauliute,
Viktorija Šiaulyte
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Elisabeth Marjanović
Cronvall
EDIÇÃO *EDITOR*
Niklas Kullström
CONTATO *CONTACT*
cecilia@mdemc.se



Lixo Fora de Lugar

Matter Out of Place

ÁUSTRIA, 2022, 106'

Lixo Fora de Lugar é um filme sobre dejetos que se espalham pelo mundo, nos mais remotos cantos do planeta. Nikolaus Geyrhalter segue os rastros de nosso lixo ao redor do mundo e lança luz sobre a infinita luta das pessoas para ter controle sobre uma vasta quantidade de lixo.

Matter Out of Place is a film about the waste that is spreading around the world, in the far corners of the planet. Nikolaus Geyrhalter follows the trails of our garbage around the world and sheds light on the endless struggle of people to have control over a vast amount of garbage.



DIREÇÃO DIRECTOR
Nikolaus Geyrhalter
PRODUÇÃO PRODUCER
Nikolaus Geyrhalter,
Michael Kitzberger,
Wolfgang Widerhofer,
Markus Glaser
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Nikolaus Geyrhalter
EDIÇÃO EDITOR
Samira Ghahremani
CONTATO CONTACT
welcome@
autlookfilms.com



Nação Lakota Contra os Estados Unidos

Lakota Nation vs United States

EUA, 2022, 120'

Nação Lakota Contra os Estados Unidos narra a jornada dos indígenas Lakota para recuperar Black Hills, terra sagrada que foi roubada apesar da existência de tratados que garantiam a eles a posse desta terra. Um retrato marcante e oportuno da resistência, o filme explora as maneiras pelas quais a América ignorou sua dívida com as comunidades indígenas e pondera o que pode ser feito hoje para reparar os erros do passado.

Lakota Nation vs. United States chronicles the Lakota Indians' quest to reclaim the Black Hills, sacred land that was stolen in violation of treaty agreements. A searing, timely portrait of resistance, the film explores the ways America has ignored its debt to Indigenous communities, and ponders what might be done today to repair the wrongs of the past.



DIREÇÃO DIRECTOR
Jesse Short Bull,
Laura Tomaselli
PRODUÇÃO PRODUCER
Benjamin Hedin
ROTEIRO WRITER
Layli Long Soldier
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Kevin Phillips
EDIÇÃO EDITOR
Laura Tomaselli
CONTATO CONTACT
international@
maggpictures.com



Nada Dura para Sempre

Nothing Lasts Forever

EUA, 2022, 87'

Você conseguiria distinguir um diamante autêntico de um *fake*? E se a diferença não importar mais? Quase um século atrás, o cartel de diamantes – o gigante conglomerado DeBeers – encurralou o mercado do amor eterno com o slogan “um diamante é para sempre”; hoje, uma onda de diamantes sintéticos cuja inautenticidade é quase indetectável inunda os mercados globais de pedras preciosas, ameaçando expor o artifício que sustenta uma indústria multibilionária.

Can you tell the real thing from a fake? What if the difference no longer matters? The DeBeers diamond cartel cornered the market on eternal love with “A diamond is forever,” but now a wave of undetectable synthetic diamonds has flooded global gem markets, threatening to expose the artifice that props up a multi-billion-dollar industry.



DIREÇÃO DIRECTOR

Jason Kohn

PRODUÇÃO PRODUCER

Jason Kohl, Amanda Branson Gill, Jared Ian Goldman

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Heloisa Passos

EDIÇÃO EDITOR

Paul Marchand,

Jack Price

CONTATO CONTACT

sales@dogwoof.com



O Cuidado em Tempos Impiedosos

Ruthless Times - Songs of Care

FINLÂNDIA, 2021, 85'

O progressivo envelhecimento da sociedade está exercendo uma grande pressão sobre o sistema de saúde finlandês, que foi privatizado segundo um modelo de receita capitalista – ou melhor, um modelo de perda, pois há simplesmente mais idosos necessitados do que o sistema consegue suportar. Entre entrevistas e cenas de um sistema de saúde maltratado, um coral de cuidadoras mal remuneradas canta canções de descontentamento e reclamações anônimas.

An increasingly aging society is putting great pressure on the Finnish health care system, which has been privatized according to a capitalist revenue model — or rather a loss model, because there are simply more elderly people in need than the system can handle. In between interviews and scenes from the battered health care system, a choral of underpaid caregivers sing songs of discontent and anonymous complaints.



DIREÇÃO DIRECTOR

Susanna Helke

PRODUÇÃO PRODUCER

Timo Korhonen

ROTEIRO WRITER

Markku Heikkinen,

Susanna Helke

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Sari Aaltonen

EDIÇÃO EDITOR

Markus Leppälä, Inka

Lahti, Samu Kuukka

CONTATO CONTACT

timo.korhonen@

roadmovies.fi



O Retorno da Inflação

The Return of Inflation

ALEMANHA, 2022, 90'

A inflação atinge o mundo com força total: mesmo em países industrializados ricos, muitas pessoas subitamente não têm dinheiro suficiente para se alimentar de forma adequada ou pagar suas contas. “A inflação é uma espécie de luta pelo poder”, diz o historiador econômico Adam Tooze. O documentário mostra quais mecanismos contribuíram para o retorno da inflação e como pessoas de diferentes meios sociais reagem a ela — na Alemanha, França, Turquia e Estados Unidos.



DIREÇÃO DIRECTOR
Matthias Heeder
PRODUÇÃO PRODUCER
Jörg Bundschuh,
Moritz Bundschuh
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Roland Wagner,
Frederic T. Kuntz
EDIÇÃO EDITOR
Moritz Henne
CONTATO CONTACT
info@riseandshine-berlin.de

Inflation is hitting with full force: even in rich industrialized countries, many people suddenly don't have enough money to feed themselves properly or pay their bills. "Inflation is a kind of power struggle," says economic historian Adam Tooze. The documentary shows which mechanisms have contributed to the return of inflation and how people from different social milieus react to it — in Germany, France, Turkey, and the US.



O Sonho Americano e Outros Contos de Fadas

The American Dream and Other Fairy Tales

EUA, 2022, 87'

Sobrinha-neta de Walt Disney, Abigail Disney faz parte de uma das famílias mais bem sucedidas do país. Neste filme, a documentarista e ativista social aborda a profunda crise de desigualdade nos Estados Unidos, usando o legado de sua família como um estudo de caso para explorar criticamente a intersecção entre racismo, poder corporativo e o sonho americano.



DIREÇÃO DIRECTOR
Abigail Disney,
Kathleen Hughes
PRODUÇÃO PRODUCER
Aideen Kane, Abigail
Disney, Kathleen Hughes
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jeff Hutchens,
James Mills
EDIÇÃO EDITOR
David Cohen
CONTATO CONTACT
impact@
americandreamdoc.com

Grandniece of Walt Disney, Abigail Disney is part of one of the most successful families in the United States. In The American Dream and Other Fairy Tales, the filmmaker and philanthropist grapples with America's profound inequality crisis, using her family's legacy as a case study to critically explore the intersection of racism, corporate power, and the American Dream.



O Último Refúgio

The Last Shelter

FRANÇA/MALI/ÁFRICA DO SUL, 2021, 85'

Ao sul do deserto do Saara fica a Casa dos Migrantes, um abrigo temporário para aqueles que cruzam a África tentando chegar à Europa. Neste documentário de estilo observacional, o cineasta malinês Ousmane Samassékou encontra esses viajantes cheios de ilusões, mas sem certezas, pois suas vidas parecem suspensas durante o tempo que habitam este lugar – a última parada antes da perigosa travessia do deserto que os separa do continente europeu.

In the deep south of the Sahara Desert lies the House of Migrants, a temporary shelter for those crossing Africa trying to reach Europe. In this observational-style documentary, Malian filmmaker Ousmane Samassékou meets these travelers who are full of illusions but empty of certainties, for their lives seem suspended during the time they inhabit this place — the last stop before the dangerous desert crossing that separates them from the European continent.



DIREÇÃO DIRECTOR
Ousmane Samassékou
PRODUÇÃO PRODUCER
Estelle Robin You,
Andrey S. Diarra, Don
Edkins, Tiny Mungwe
ROTEIRO WRITER
Ousmane Samassékou
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ousmane Samassékou,
Amath Niane,
Mahamad Rajel
EDIÇÃO EDITOR
Céline Ducreux
CONTATO CONTACT
info@steps.co.za



Para Além de Estradas

Not Just Roads

ÍNDIA/SUÍÇA/ALEMANHA, 2021, 67'

Parte de um programa do governo indiano, rodovias estão sendo construídas a uma taxa sem precedentes de 23 quilômetros por dia. O programa visa a abrir novos espaços para a emergente classe média indiana. Esses corredores urbanos rasgam o território ocupado por aldeias, bairros populares, nômades e seus rebanhos, assim como trilhas ecológicas. Este filme retrata a construção de uma dessas estradas pela perspectiva de atores humanos e não humanos.

Part of a program of the Indian government, highways are being constructed at an unprecedented rate of 23 kilometers per day. The program aims to open new territories for the emerging Indian middle class. These urban corridors tear through territories occupied by villagers, working class neighborhoods, nomads and their herd as well as native trails. This film captures the story of one such highway outside Delhi, from the perspective of human and non-human actors.



DIREÇÃO DIRECTOR
Nitin Bathla, Klearjos
Eduardo Papanicolaou
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Nithin Bathla
EDIÇÃO EDITOR
Klearjos Eduardo
Papanicolaou
CONTATO CONTACT
notjustroadsfilm@gmail.com



Recursos

Resources

CANADÁ, 2021, 99'

A indústria da carne está crescendo em Quebec, no Canadá, onde grandes fábricas usam métodos de produção padronizados para converter vastos rebanhos de gado em carne. Para que possam continuar produzindo a preços competitivos, contratam migrantes requerentes de asilo. Nos campos adjacentes às fábricas, não cresce nada além de milho. Neste sistema movido pelo capitalismo, tudo e todos estão à serviço da otimização da produção.

The meat industry is booming in Quebec, Canada, where huge factories use standardized production methods to convert vast herds of livestock into meat. To continue producing at competitive rates, asylum seekers are hired. In the fields nearby, only corn grows. Everything that takes place here is in service to optimizing production.



DIREÇÃO DIRECTOR
Hubert Caron-Guay,
Serge-Olivier Rondeau
PRODUÇÃO PRODUCER
Hubert Caron-Guay,
Serge-Olivier Rondeau
ROTEIRO SCRIPT
Hubert Caron-Guay,
Serge-Olivier Rondeau
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Serge-Olivier Rondeau
EDIÇÃO EDITOR
Anouk Deschênes
CONTATO CONTACT
cvatrinet@f3m.ca



Uma História de Ossos

A Story of Bones

REINO UNIDO, 2022, 95'

A remota ilha de Santa Helena é mais conhecida por ser o lugar onde Napoleão Bonaparte passou seus últimos anos de exílio e foi finalmente enterrado. Quando o governo britânico decide construir um aeroporto comercial nesse minúsculo território sob seu domínio, se depara com uma antiga vala comum onde são encontrados os restos de mais de 8000 “africanos libertos”. Começa aí a jornada da consultora de patrimônio ambiental e cultural namibiana Annina, que luta pela dignidade dessas mulheres, homens e crianças que também passaram seus últimos dias na ilha, mas cuja memória ainda precisa ser reconhecida.

The remote island of St. Helena is best known for being the place where Napoleon Bonaparte spent his last years of exile and was finally buried. When the British government decides to build a commercial airport in this tiny territory under their rule, they come across an ancient mass grave where the remains of over 8,000 “liberated Africans” are found. Here begins the journey of Namibian environmental and cultural heritage consultant Annina, who fights for the dignity of these women, men, and children who also spent their last days on the island, but whose memory has yet to be recognized.



DIREÇÃO DIRECTOR
Joseph Curran, Dominic
Aubrey de Vere
PRODUÇÃO PRODUCER
Yvonne Isimeme Ibasebo
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Joseph Curran, Dominic
Aubrey de Vere
EDIÇÃO EDITOR
James Scott
CONTATO CONTACT
info@cinephil.com



Xaraasi Xanne (Vozes Cruzadas)

Xaraasi Xanne - Crossing Voices

FRANÇA/ALEMANHA/MALI, 2022, 127'

A partir de arquivos raros, *Xaraasi Xanne* narra a aventura da Somankidi Coura, uma cooperativa agrícola fundada em 1977 no Mali por migrantes da África Ocidental retornados da França. A história deste projeto utópico de regresso à terra segue um caminho tortuoso e lança luz sobre a violência da agricultura colonial e os desafios ecológicos na África hoje

Drawing from rare archives, Xaraasi Xanne chronicles the adventure of Somankidi Coura, an agricultural cooperative founded in 1977 in Mali by West African migrants returned from France. The story of this utopian project of returning to the land follows a tortuous path and sheds light on the violence of colonial agriculture and ecological challenges in Africa today.



DIREÇÃO DIRECTOR

Bouba Touré,
Raphaël Grisey

PRODUÇÃO PRODUCER

Olivier Marboeuf

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Bouba Touré

EDIÇÃO EDITOR

Raphaël Grisey, Chaghig
Arzoumanian

CONTATO CONTACT:

rgrisey@googlemail.com



Estreia Mundial

World Premiere





Parceiros da Floresta
Forest Partners



Escute, A Terra Foi Rasgada
Listen: The Land Was Torn



Cinzas da Floresta
Ashes of the Forest



Cinzas da Floresta

Ashes of the Forest

BRASIL, 2023, 77'



DIREÇÃO DIRECTOR

André D'Elia

PRODUÇÃO PRODUCER

Jonaya de Castro

e André Libério

ROTEIRO SCRIPT

André D'Elia, Júlia

Salah e Mundano

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

André D'Elia

EDIÇÃO EDITOR

Júlia Salah

CONTATO CONTACT

cinedelia@gmail.com

Cinzas da Floresta é um filme documentário que mostra a importância das brigadas voluntárias de combate a incêndios florestais no Brasil no contexto de mudanças climáticas e descontrole dos incêndios na Amazônia. O filme acompanha uma ação de ativismo do grafiteiro Mundano, que, ao viajar por um Brasil em chamas, coleta cinzas com o intuito de produzir a tinta usada em sua mais nova obra de arte.

Ashes of the Forest is a documentary film that shows the importance of volunteer fire brigades in Brazil in the context of climate change and uncontrolled fires in the Amazon. The film follows an act of activism by graffiti artist Mundano, who, while traveling through a burning Brazil, collects ashes in order to produce the paint used in his newest work of art.



Cinzas da Floresta
Ashes of the Forest

Escute, A Terra Foi Rasgada

Listen: The Land Was Torn

BRASIL, 2022, 88'

A partir do universo de três povos indígenas pressionados pela destruição causada pelo garimpo, o filme propõe uma aproximação do pensamento dos Yanomami, Munduruku e Mebêngôkre (Kayapó), na formação de uma aliança histórica em defesa dos territórios. É, portanto, uma narrativa sobre resistência e resiliência, na figura de uma união inédita que firma a manutenção de seus territórios físicos e subjetivos. Para além da destruição causada pelo garimpo, este é um filme sobre a impossibilidade de separação entre a existência indígena e o seu território.



DIREÇÃO DIRECTOR
Cassandra Melo,
Fred Rahal
PRODUÇÃO PRODUCER
Bruno Weis, Luísa Molina
e Roberto Almeida
ROTEIRO SCRIPT
Camila Mouri
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Cassandra Melo,
Fred Rahal
EDIÇÃO EDITOR
Fred Rahal, Cassandra
Mello, Cecília Engels
CONTATO CONTACT
escute@
teiadocumenta.com

Based on the universe of three indigenous peoples under pressure from the destruction caused by mining, the film proposes an approximation with the Yanomami, Munduruku, and Mebêngôkre thought in the formation of a historical alliance in defense of their territories. It is, therefore, a narrative about resistance and resilience, in the figure of an unprecedented union that upholds the maintenance of their physical and subjective territories. In addition to the destruction caused by mining, this is a film about the impossibility of separating indigenous existence from their territory.



Parceiros da Floresta
Forest Partners



Escute, A Terra Foi Rasgada
Listen: The Land Was Torn



Parceiros da Floresta

Forest Partners

BRASIL, 2022, 48'

Parceiros da Floresta é um filme-manifesto de uma nova visão de economia florestal sustentável e inclusiva como estratégia para mitigação e adaptação às mudanças climáticas. O documentário evidencia o potencial econômico da floresta em pé a partir de casos de sucesso no cinturão tropical do mundo, promovendo uma visão de desenvolvimento econômico e social centrado na biodiversidade.

Forest Partners is a film-manifesto of a new vision of sustainable and inclusive forest economy as a strategy for mitigation and adaptation to climate change. The documentary highlights the economic potential of standing forests from successful cases in the tropical belt of the world, promoting a vision of economic and biodiversity-centered social development.



DIREÇÃO DIRECTOR

Fred Rahal Mauro

ROTEIRO SCRIPT

Juliana Tinoco, Fred
Rahal Mauro

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Marcio Isensee e Sá

EDIÇÃO EDITOR

Ica Martinez, Fred
Rahal Mauro

CONTATO CONTACT

tinocojuliana@gmail.com



Competição Latino- Americana

Latin American Competition



A Invenção do Outro
The Invention of the Other

A **Mostra Ecofalante de Cinema** é conhecida por abordar temas socioambientais relevantes e urgentes em seus filmes, e a *Competição Latino-Americana* é um reflexo cinematográfico das questões que impactam o Brasil e todo o continente. Locais que muitos de nós conhecemos apenas através de notícias — como as fronteiras amazônicas e o nosso Brasil profundo — ganham vida na tela e nos levam a uma reflexão profunda sobre a relação entre o homem e a natureza.

Nesta edição, os povos indígenas e seus territórios são temas centrais em grande parte das produções selecionadas para a *Competição Latino-Americana*. Além disso, os 33 filmes escolhidos também abordam discussões fundamentais sobre racismo, migração e trabalho.

Nos últimos quatro anos, testemunhamos de perto o descaso com os povos indígenas sul-americanos, o avanço desenfreado do garimpo e da agropecuária invasiva e o abandono nas políticas de proteção às florestas. De forma crítica, imediata ou observacional, obras como *A Invenção do Outro*, *Amazônia*, *A Nova Minamata?* e *Vento na Fronteira* nos trazem um recorte dessas realidades e nos convidam a refletir sobre possíveis mudanças nesse cenário.

Em *Odisseia Amazônica*, somos transportados para as majestosas águas do rio Amazonas e sua histórica relação com os povos que o habitam, enquanto em *No Vazio do Ar* testemunhamos a precariedade da aviação, o preconceito e o crime nos céus que encobrem a floresta. Em *Aqui en la Frontera*, somos confrontados diretamente com



Deuses do México
Gods of Mexico

a questão da imigração entre fronteiras amazônicas, e em *Perlimps*, somos convidados a explorar de maneira lúdica a possibilidade de encontrar acordos de paz entre fronteiras e culturas diversas.

No contexto do Pacífico, encontramos semelhanças marcantes com nossas vivências no Sul, como é evidenciado no filme *A Ferrugem*, que retrata o ato de resistência de viver no campo, assim como na obra *A Praia dos Enchaquirados*, que aborda a invisibilidade das pessoas transgênero, ou no filme *Mamá*, que fala sobre o abandono paterno em uma sociedade religiosa e patriarcal que recrimina mulheres e mães solo.

Enquanto víamos nossas florestas e povos indígenas na pauta da mídia, o racismo estrutural continuava sendo ignorado e os movimentos que surgiam para dar voz a isso, como “Vidas Negras Importam”, se tornavam um grito de resistência e existência. Filmes como *Exu e o Universo*, *Diálogos com Ruth de Souza* e *Deuses do México* demonstram que a resiliência, a resistência e a voz dos movimentos sociais são forças que podem mudar o curso da história. É preciso celebrar e honrar os que vieram antes de nós.

Esta seleção de filmes é um convite para repensarmos nosso papel no mundo e na construção de novas narrativas, além de nos instigar a participar de uma transformação significativa em direção a um futuro mais justo e sustentável, onde o meio ambiente e a diversidade cultural sejam valorizados e preservados.



Odisseia Amazônica
Veins of the Amazon

The **Ecofalante Film Festival** is known for addressing relevant and urgent socio-environmental issues in its films, and the *Latin American Competition* is a cinematographic reflection of the issues that impact Brazil and the entire continent. Places that many of us know only through news reports — such as the Amazonian borders and our deep Brazil — come to life on screen and lead us to a deep reflection on the relationship between man and nature.

In this edition, indigenous peoples and their territories are central themes in most of the productions selected for the *Latin American Competition*. In addition, the 33 selected films also address fundamental discussions about racism, migration, and labor.

Over the past four years, we have witnessed up close the neglect of South American indigenous peoples, the rampant advance of mining and invasive farming, and the neglect of forest protection policies. Critically, immediately, or observationally, works such as *The Invention of the Other*, *The Amazon, A New Mimanata?* and *The Wind Blows the Border* bring us a glimpse of these realities and invite us to reflect on possible changes in this scenario.

In *Veins of the Amazon*, we are transported to the majestic waters of the Amazon River and its historical relationship with the people who inhabit it, while in *In the Void of Air* we witness the precariousness of aviation, prejudice, and crime in the skies above the forest. In *On the Border*, we are directly confronted



Vento na Fronteira
The Wind Blows the Border

with the issue of immigration across Amazonian borders, and in *Perlimps*, we are invited to playfully explore the possibility of finding peace agreements across borders and diverse cultures.

In the Pacific context, we find striking similarities with our experiences in the South, as evidenced in the film *The Rust*, which portrays the act of resistance of living in the countryside, as well as in *The Beach of Enchaquirados*, which addresses the invisibility of transgender people, or in the film *Mom*, which talks about paternal abandonment in a religious and patriarchal society that reprimands women and solo mothers.

While we saw our forests and indigenous people on the media's agenda,

structural racism continued to be ignored, and the movements that emerged to give voice to this, like “Black Lives Matter,” became a cry of resistance and existence. Films like *Esu and the Universe*, *Conversations with Ruth de Souza*, and *Gods of Mexico* demonstrate that resilience, resistance, and the voice of social movements are forces that can change the course of history. We must celebrate and honor those who came before us.

This selection of films is an invitation to rethink our role in the world and in the construction of new narratives, and urges us to participate in a significant transformation towards a more just and sustainable future, where the environment and cultural diversity are valued and preserved.



Competição Latino-Americana Competição Longas - Júri

Latin American Competition

Feature Competition - Jury

Anna Muylaert

Diretora, produtora e roteirista. Formada em Cinema na Escola de Comunicações e Artes (ECA) na USP, realizou diversos curtas-metragens, além de publicar críticas de cinema em jornais e revistas. No começo da década de 1990, trabalhou com a criação e roteiro de programas da TV Cultura, como *Castelo Rá-Tim-Bum* (1994-1997) e *Mundo da Lua* (1991-1992). Em 2002, Anna Muylaert dirigiu seu primeiro longa-metragem, o premiado *Durval Discos*. Após isso, dirigiu mais cinco longas, tendo como destaque o filme *Que Horas Ela Volta?* (2015), que acumulou mais de trinta indicações e vinte prêmios ao redor do mundo.

Director, producer, and screenwriter. She studied filmmaking at the School of Communications and Arts (ECA) at the University of São Paulo (USP), and made several short films, besides publishing film reviews in newspapers and magazines. In the early 1990s, she worked with creation and scriptwriting for TV Cultura programs, such as Castelo Rá-Tim-Bum (1994-1997) and Mundo da Lua (1991-1992). In 2002, Anna Muylaert directed her first feature film, the award-winning Durval Records. After that, she directed five more features, with the highlight being the film The Second Mother (2015), which accumulated more than thirty nominations and twenty awards around the world.

Helena Ignez

Com mais de 60 anos de produção nas artes, realizou mais de 40 filmes como atriz e diretora. Homenageada na Ásia e na Europa, no 20º Fribourg Festival, no 17º Festival of Kerala, no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro e na 45ª Mostra de São Paulo (Prêmio Leon Cakoff). Fez seu primeiro filme como atriz do curta *Pátio*, em 1959, e inúmeros filmes do Cinema Novo. Diretora de sete longas e cinco curtas: *Reinvenção da Rua*, *A Miss e o Dinossauro - Bastidores da Belair*, *Canção de Baal*, *Luz nas Trevas - A Volta do Bandido da Luz Vermelha*, *Feio, Eu?*, *Poder dos Afetos*, *Ossos*, *Ralé*, *A Moça do Calendário*, *Fakir*, *Fogo Baixo*, *Alto Astral* e *A Alegria É a Prova dos Nove*.

With over 60 years of production in the arts, she has made over 40 films both as actress and director. She was honored in Asia and in Europe, at the 20th Fribourg Festival, at the 17th Kerala Festival, at the Cinema Brazil Grand Prize, and at the 45th São Paulo Festival (Leon Cakoff Award). She made her debut as an actress in the short film Pátio, in 1959, and countless films of the Cinema Novo. She has directed seven feature films and five shorts: Re-Inventing the Street - A Reflection, The Beauty Queen and the Dinosaur - Making-off Belair, Baal's Song, Light in Darkness - The Return of Red Light Bandit, Ugly, Me?, Power of Affections, Bones, Ralé: The Lower Depths, My Calendar Girl, Fakir, Fogo Baixo, Alto Astral, and Joy Is the Acid Test.

Zienhe Castro

É artista amazônica de Belém do Pará, cineasta, gestora/produtora de projetos culturais e roteirista na produtora ZFilmes Produções e diretora no Instituto Culta da Amazônia, que promove projetos socioculturais e socioambientais na Amazônia parense. Atua como produtora cultural há mais de 30 anos. É fundadora, diretora geral e curadora do Festival Pan-Amazônico de Cinema - AMAZÔNIA (FI) DOC, que promove há 14 anos a democratização do acesso, o debate, a difusão e premiação de filmes documentários e ficções da cinematografia produzida nos 9 países Pan-Amazônicos.

She is an Amazonian artist from Belém do Pará, a filmmaker, manager/producer of cultural projects and scriptwriter at ZFilmes Produções, and director at the Instituto Culta da Amazônia, which promotes socio-cultural and socio-environmental projects in the Amazon region of Pará. She has been working as a cultural producer for over 30 years. She is founder, general director, and curator of the Pan-Amazonian Film Festival - AMAZÔNIA (FI) DOC, which has promoted, for 14 years, the democratization of access, the debate, promotion, and awarding of documentary films and fiction films produced in the 9 Pan-Amazonian countries.



A Ferrugem

The Rust

COLÔMBIA, 2021, 84'

Jorge é o único de sua geração que decidiu ficar no campo. Aproximam-se as festividades e o reencontro com sua ex-namorada Andrea. No meio da celebração, ele entenderá que ficar em sua terra é um ato de amor e resistência.

Jorge is the only one of his generation who decided to stay in the countryside. The festivities and the reunion with his ex-girlfriend Andrea are approaching. In the midst of the celebration, he will understand that staying in his land is an act of love and resistance.



DIREÇÃO DIRECTOR
Juan Sebastian Mesa
PRODUÇÃO PRODUCER
Alexander Arbeláez,
José Manuel Duque,
David Hurst
ROTEIRO SCRIPT
Juan Sebastián Mesa
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
David Correa Franco
EDIÇÃO EDITING
Etienne Boussac,
Juan Cañola
CONTATO CONTACT
monocicloaudiovisual@
gmail.com



A Invenção do Outro

The Invention of the Other

BRASIL, 2022, 144'

A Funai realiza a maior expedição das últimas décadas na Amazônia para tentar encontrar e estabelecer o primeiro contato com um grupo de indígenas isolados da etnia dos Korubos, em estado de vulnerabilidade, e ainda promover um delicado reencontro com parte da família já contactada poucos anos antes.

The National Indigenous People Foundation (FUNAI) undertakes the largest expedition in recent decades in the Amazon to try to find and establish first contact with a group of isolated Korubo Indians, who are in a state of vulnerability, and also to promote a delicate reunion with part of the family that had been contacted a few years earlier.



DIREÇÃO DIRECTOR
Bruno Jorge
PRODUÇÃO PRODUCER
Bruno Jorge
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Bruno Jorge
EDIÇÃO EDITING
Bruno Jorge
CONTATO CONTACT
bruno@brunojorge.com



A Praia dos Enchaquirados

The Beach of Enchaquirados

EQUADOR, 2021, 87'

Vicky pesca durante o dia; de noite é dona de um bar. Através dela, conhecemos uma comunidade trans que faz parte de uma vila de pescadores na costa do Equador. Será que com o tempo aprendemos a aceitar o outro ou, pelo contrário, as diferenças obscurecem nossa capacidade de olhar?

Vicky goes fishing during the day; at night she runs a bar. Through her, we are introduced to a trans community that is part of a fishing village on the coast of Ecuador. Can we learn to accept others over time, or have differences obscured our ability to see?



DIREÇÃO DIRECTOR
Iván Mora Manzano
PRODUÇÃO PRODUCER
Alfredo Mora Manzano
ROTEIRO SCRIPT
Ivan Mora Manzano
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ivan Mora Manzano
EDIÇÃO EDITING
Emmanuel Blanchard,
Ivan Mora Manzano
CONTATO CONTACT
amoramanzano@
gmail.com



Amazônia, A Nova Minamata?

The Amazon, A New Minamata?

BRASIL, 2022, 76'

Este documentário acompanha a saga do povo Munduruku para conter o impacto destrutivo do garimpo de ouro em seu território ancestral, enquanto revela como a doença de Minamata, decorrente da contaminação por mercúrio, ameaça hoje os habitantes de toda a Amazônia.

This documentary follows the Munduruku people's saga to contain the destructive impact of gold mining on their ancestral territory while revealing how Minamata disease from mercury contamination now threatens the inhabitants of the entire Amazon.



DIREÇÃO DIRECTOR
Jorge Bodanzky
PRODUÇÃO PRODUCER
João Roni, Nuno Godolphim
ROTEIRO SCRIPT
Nuno Godolphim,
Tiago Carvalho
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Paulo Gambale Maká
EDIÇÃO EDITING
Bruna Callegari
ELENCO CAST
Alessandra Korap
Munduruku, Dr.
Erik Jennings
CONTATO CONTACT
acompanhamento@
oceanfilms.com.br



Aqui en la Frontera

On the Border

BRASIL, 2022, 86'

Filmado na fronteira entre o Brasil e a Venezuela em meio a uma das maiores crises migratórias da América Latina, *Aqui en la Frontera* conta a história de três venezuelanos com vivências de acolhida bem distintas. O filme retrata Stephanny, uma jovem mãe de 21 anos que precisa retornar ao país para buscar sua filha; Francis, uma mulher trans e liderança de um abrigo de refugiados militarizado do governo brasileiro, e Argenis, que organiza uma ocupação com mais de 300 venezuelanos em Boa Vista, sob ameaça de despejo.

Filmed on the border between Brazil and Venezuela in the midst of one of the biggest migratory crises in Latin America, On the Border tells the story of three Venezuelans with very different experiences of acceptance. The film portrays Stephanny, a young 21-year-old mother who must return to her country to pick up her daughter; Francis, a trans woman and leader of a militarized refugee shelter run by the Brazilian government; and Argenis, who organizes an "occupation" with over 300 Venezuelans in Boa Vista under threat of eviction.



DIREÇÃO DIRECTOR
Marcela Ulhoa,
Daniel Tancredi
PRODUÇÃO PRODUCER
Marcela Ulhoa, Daniel
Tancredi, Thiago Briglia
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Daniel Tancredi
EDIÇÃO EDITING
Luiz Pretti
CONTATO CONTACT
platoofilmesrr@gmail.com



Deuses do México

Gods of Mexico

MÉXICO/EUA, 2022, 97'

Um documentário que investiga as formas de resistência à modernização no México rural, retratando a grande diversidade dos povos originários e afrodescendentes em todo o país. É uma homenagem ao ser humano, ao seu trabalho diário e a quem luta para preservar sua identidade cultural.

A documentary that investigates the forms of resistance to modernization in rural Mexico, portraying the great diversity of the original peoples and Afro-descendants throughout the country. It is a tribute to human beings, to their daily work, and to those who struggle to preserve their cultural identity.



DIREÇÃO DIRECTOR
Helmut Dosantos
PRODUÇÃO PRODUCER
Fulgura Frango
ROTEIRO SCRIPT
Helmut Dosantos
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Helmut Dosantos,
Ernesto Pardo, Martín
Boege, François Pesant,
Peter Buntaine, Fernando
Muñoz, Diego Rodríguez
García, Kacper Czubak
EDIÇÃO EDITING
Ybrán Asuad
CONTATO CONTACT
contact@fulgura-
frango.com



Diálogos com Ruth de Souza

Conversations with Ruth de Souza

BRASIL, 2022, 107'

Ruth de Souza inaugura a existência de atrizes negras no palco, na televisão e no cinema do Brasil. Os encontros da atriz de 98 anos com a jovem diretora Juliana Vicente são a gênese de novas percepções, que cruzam diálogos, memórias e um universo mitológico.

Ruth de Souza launches the existence of black actresses on stage, television, and cinema in Brazil. The encounters between the 98-year-old actress and the young director Juliana Vicente are the genesis of new perceptions that cross dialogues, memories, and a mythological universe.



DIREÇÃO DIRECTOR
Juliana Vicente
PRODUÇÃO PRODUCER
Juliana Vicente
ROTEIRO SCRIPT
Juliana Vicente
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Lilis Soares, Ana Paula Mathias
EDIÇÃO EDITING
Washington Deoli
CONTATO CONTACT
leticia@pretaportefilmes.com.br



Exu e o Universo

Esu and the Universe

BRASIL/NIGÉRIA/ESLOVÊNIA/ESPANHA, 2022, 85'

No Brasil, país onde a liberdade de culto está sob ataque e o racismo é sistêmico, um professor nigeriano e sua comunidade lutam para provar que seu deus Exu não é o diabo. *Exu e o Universo* é um filme sobre a descolonização do pensamento e a influência do povo Iorubá no Brasil e ao redor do mundo.

In Brazil, a country where freedom of worship is under attack and racism is systemic, a Nigerian teacher and his community struggle to prove that their god Esu is not the devil. Esu and the Universe is a film about the decolonization of thought and the influence of the Yoruba people in Brazil and around the world.



DIREÇÃO DIRECTOR
Thiago Zanato
PRODUÇÃO PRODUCER
Chica Barbosa
ROTEIRO SCRIPT
Thiago Zanato, Prof. King, Marcos Valadão (Nasi)
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Marco Antônio Ferreira
EDIÇÃO EDITING
Danilo Conceição dos Santos
CONTATO CONTACT
encalientefilmes@gmail.com



Mamá

Mom

MÉXICO, 2022, 80'

Como mexicano tzotzil, cresci entre a sacralidade da Virgem de Guadalupe e a Mãe Terra. Como filho de mãe solteira, cresci entre provocações por não ter pai e culpando minha mãe por isso; cresci entre a adoração e o desprezo pela mãe. *Mamá* é um diálogo entre mãe e filho que exploram suas contradições, que se conhecem e se reconhecem, que refletem sobre a violência naturalizada e sua reprodução.

As a Mexican Tzotzil, I grew up between the sacrality both of the Guadalupe Virgin and Mother Earth. As son of a single mother, I grew up among the derision of not having a father and blaming my mother for it. Mom is a dialogue between mother and son exploring their contradictions, knowing and recognizing each other, and reflecting on naturalized violence and its reproduction.



DIREÇÃO DIRECTOR
Xun Sero
PRODUÇÃO PRODUCER
Daniela Contreras,
Nicolas Défossé
ROTEIRO SCRIPT
Xun Sero
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
José A. Jiménez,
Xun Sero
EDIÇÃO EDITING
Nicolas Défossé
CONTATO CONTACT
contacto@
terraostrafilms.com



No Vazio do Ar

In the Void of Air

BRASIL, 2022, 72'

Na tentativa de entender o que leva alguém a desejar tornar-se piloto na Amazônia, uma atividade mal remunerada e, muitas vezes, fatal, a autora resolve retornar ao pequeno aeroporto em que seu tio voava, 30 anos após sua morte. Enquanto a pista parece ruir, os pilotos nos falam sobre precariedade, preconceito e crime nos céus que encobrem a floresta.

In an attempt to understand why someone would want to become a pilot in the Amazon, an underpaid and often fatal activity, the author decides to return to the small airport where her uncle used to fly, 30 years after his death. While the runway seems to collapse, the pilots tell us about the precariousness, prejudice, and crime in the skies that cover the forest.



DIREÇÃO DIRECTOR
Priscilla Brasil
PRODUÇÃO PRODUCER
Priscilla Brasil
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Brunno Regis, Gustavo
Godinho, Andre
Morbach, Igor Teixeira
EDIÇÃO EDITING
Priscilla Brasil
CONTATO CONTACT
prisbrasil@
greenvision.com.br



Odisseia Amazônica

Veins of the Amazon

PERU, 2021, 72'

Na Amazônia, o principal meio de transporte de mercadorias e pessoas desde os tempos do *boom* da borracha são as balsas que navegam pelo majestoso rio Amazonas. Ao mesmo tempo que transportam produtos do mercado global em troca de mercadorias exóticas da selva, elas também constituem um espaço distinto de transição para seus viajantes, que incluem ribeirinhos, comerciantes e indígenas.

In the Amazon, the main means of transportation for goods and people since the rubber boom times are the barges that navigate the majestic Amazon River. While they transport products from the global market in exchange for exotic jungle goods, they also constitute a distinctive transitional space for their travelers, which include river dwellers, traders, and indigenous people.



DIREÇÃO DIRECTOR

Terje Toomistu, Alvaro Sarmiento, Diego Sarmiento

PRODUÇÃO PRODUCER

Alvaro Sarmiento, Diego Sarmiento, Terje Toomistu

ROTEIRO SCRIPT

Álvaro Sarmiento, Terje Toomistu

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Terje Toomistu, Diego Sarmiento

EDIÇÃO EDITING

Fabricao Deza, Diego Sarmiento, Alvaro Sarmiento, Alex Cruz

CONTATO CONTACT

cinemaexpandido@gmail.com



Perlimps

Perlimps

BRASIL, 2022, 80'

A jornada de aventura e fantasia de Claé e Bruô, agentes secretos de reinos rivais. Eles precisam superar suas diferenças e unir forças na busca pelos Perlimps, criaturas misteriosas capazes de encontrar um caminho para a paz em tempos de guerra.

The adventurous and fantastical journey of Claé and Bruô, secret agents from rival kingdoms. They must overcome their differences and join forces in the search for the Perlimps, mysterious creatures capable of finding a path to peace in times of war.



DIREÇÃO DIRECTOR

Alê Abreu

PRODUÇÃO PRODUCER

Laís Bodanzky, Luiz Bolognesi, Ernesto Soto Canny

ROTEIRO SCRIPT

Alê Abreu

EDIÇÃO EDITING

Alê Abreu

ELENCO CAST

Giulia Benite, Lorenzo Tarantelli, Stênio Garcia

CONTATO CONTACT

elaine@vitrinefilmes.com.br



Vento na Fronteira

The Wind Blows the Border

BRASIL, 2022, 77'

O filme se passa na violenta fronteira do Brasil com o Paraguai, coração do agronegócio brasileiro. A equipe acompanha o crescimento do poder político ruralista e suas ligações íntimas com o governo de Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo, retrata a intimidade da resistência feminina indígena na região, seus ideais comunitários e sua luta pelo planeta.

The film is set on the violent border between Brazil and Paraguay, the heart of Brazilian agribusiness. The team follows the growth of ruralist political power and its close ties to the government of Jair Bolsonaro. At the same time, it portrays the intricacies of indigenous women's resistance in the region, their communal ideals, and their struggle for the planet.



DIREÇÃO DIRECTOR

Laura Faerman,
Marina Weis

PRODUÇÃO PRODUCER

Julio Matos, Luís Ludmer,
Rodrigo Díaz Díaz

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Alziro Barbosa

EDIÇÃO EDITING

Laura Faerman,
Marina Weis

CONTATO CONTACT

contato@laboratoriocisco.
org



Competição Latino-Americana Competição Curtas - Júri

Latin American Competition

Short Film Competition - Jury

Guilherme Moura Fagundes

É doutor em antropologia pela Universidade de Brasília e professor do departamento de antropologia da Universidade de São Paulo. Foi pesquisador visitante na Universidade de Princeton (2021-2022) e no Collège de France (2017), onde é membro do grupo “Anthropologie de la vie”. Atua nas áreas de antropologia da técnica e da vida, com ênfase na tecnodiversidade dos manejos ecológicos. Foi membro da comissão editorial do *Anuário Antropológico* e, atualmente, integra a equipe da *Revista de Antropologia*.

He has a Ph.D. in anthropology from the University of Brasília and is a professor in the anthropology department of the University of São Paulo. He was a visiting researcher at Princeton University (2021-2022) and at the Collège de France (2017), where he is a member of the group “Anthropologie de la vie”. He works in the fields of anthropology of technique and anthropology of life, with an emphasis on the technodiversity of ecological management. He was a member of the editorial committee of the Anuário Antropológico and is currently a member of the editorial board of the Revista de Antropologia.

Kátia Coelho

Primeira mulher a dirigir a fotografia de um longa-metragem no Brasil, ganhou mais de 30 prêmios em festivais nacionais e internacionais. Com *Tônica Dominante*, dirigido por Lina Chamie, recebeu o Kodak Vision Award-Woman in Film, e APCA, Associação Paulista de Críticos de Arte; da mesma diretora, fotografou *A Via Láctea*, que representou o Brasil no Festival de Cannes. Foi professora de cinematografia na ECA/USP, onde fez sua dissertação de mestrado. Desenvolve projetos na Veríssimo Produções, onde fez a produção executiva e o roteiro do longa-metragem *Terra de Ciganos*, dirigido por Naji Sidki, em lançamento.

The first woman to direct the photography of a feature film in Brazil, she won more than 30 prizes in national and international festivals. With Tonic Dominant, directed by Lina Chamie, she received the Kodak Vision Award-Woman in Film, and APCA, Paulista Association of Art Critics; by the same director, she photographed The Milky Way, which represented Brazil at Cannes Festival. She taught cinematography at ECA/USP, where she wrote her Master's thesis. She develops projects at Veríssimo Produções, where she was executive producer and script writer for the feature film Terra de Ciganos, directed by Naji Sidki, currently being released.

Thomaz Pedro

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com bolsa CNPq, é pesquisador, professor e documentarista. Doutorando pelo programa interdisciplinar DIVERSITAS da FFLCH/USP, pesquisa a produção audiovisual entre os povos indígenas do Alto Xingu, onde atua desde 2015. Foi professor de cinema na Universidade Anhembí Morumbi e no Centro Universitário SENAC. Dirigiu os documentários *Tião Paineira* (2012), *Osiba Kangamuke - Vamos Lá, Criançada* (2016), *Terminal 3* (2017), *Surara* (2017) e *Tapajós Ameaçado* (2021).

Master in Communication and Semiotics from PUC-SP, with a CNPq scholarship, he is a researcher, professor, and documentary filmmaker. Ph.D. candidate in the interdisciplinary program DIVERSITAS at FFLCH/USP, he researches audiovisual production among indigenous peoples of the Alto Xingu, where he has been working since 2015. He was a cinema professor at Anhembí Morumbi University and SENAC University Center. He directed the documentaries Tião Paineira (2012), Osiba Kangamuke - Let's Go, Children (2016), Terminal 3 (2017), Surará: A Fight for the Tupinambá Land (2017), and Threatened Tapajós (2021).



A Febre da Mata

Jungle Fever

BRASIL, 2022, 10'



DIREÇÃO DIRECTOR
Takumã Kuikuro
PRODUÇÃO PRODUCER
Nathalia Scarton
ROTEIRO WRITER
Takumã Kuikuro,
Nathalia Scarton
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFER
Takumã Kuikuro,
Marrayury Kuikuro
EDIÇÃO EDITING
Kuikuro, Nathalia Scarton
CONTATO CONTACT
takuma.progdoc@gmail.com

O pajé e sua família saem para pescar. Durante a pesca, uma onça se aproxima e começa a esturrar assustada em busca de ajuda. Seu grito é um alerta. O pajé retorna imediatamente à aldeia e alerta seu povo do perigo que se aproxima. Ele busca força espiritual na pajelança à medida que sua preocupação cresce. O fogo invade a floresta e os animais fogem em busca de abrigo, mas muitos não resistem e morrem. A floresta arde em chamas e, depois, a seca é extrema.

A shaman and his family go out fishing. While fishing, a jaguar approaches and begins to growl for help in fear. Its roar is a warning. The shaman returns to the village immediately and warns his people of the approaching danger. He seeks spiritual strength in shamanism as his concern grows. Fire invades the forest and the animals flee for shelter, but many cannot resist and die. The forest burns in flames and then there's extreme drought.



Aribada

Aribada

COLÔMBIA/ALEMANHA, 2022, 30'

Em *Aribada*, a cor resplandecente e as imagens oníricas da região cafeeira da Colômbia se transformam em uma paisagem viva, um espaço entre o documentário e a mitologia, onde Las Traviesas, um grupo de mulheres trans do povo emberá, compartilham conhecimentos e reinventam rituais. Encantada com a beleza e o poder de seus *jais* (espíritos), Aribada decide se juntar às Traviesas para criar sua própria comunidade trans* futurista.

In Aribada, the resplendent color and dreamlike images of Colombia's coffee-growing region become a living landscape, a space between documentary and mythology, where Las Traviesas, a group of trans women from the Emberá people, share knowledge and reinvent rituals. Enchanted by the beauty and power of their jais (spirits), Aribada decides to join the Traviesas to create her own trans futurist community.*



DIREÇÃO DIRECTOR
Simon(e) Jaikiriuma Paetau, Natalia Escobar em colaboração com Zamanta Enevia
PRODUÇÃO PRODUCER
Simon(e) Jaikiriuma Paetau, Natalia Escobar
ROTEIRO WRITER
Friederike Hirz em colaboração com "Las Traviesas"
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Luciana Riso
EDIÇÃO EDITING
Simon(e) Jaikiriuma Paetau
ELENCO CAST
"Las Traviesas": Doris Nembaregama, Zamanta Enevia, Beroniga Tascon, Emilce Aizama, Andrea Nembaregama, Katy Tuave, Bella Wuasorna
CONTATO CONTACT
studiomanagerlapaetau@gmail.com



Chão de Fábrica

Lunch Break

BRASIL, 2021, 24'

1979. As máquinas desligam para o horário do almoço dentro de uma metalúrgica de São Bernardo do Campo. Quatro operárias comem dentro do banheiro feminino. Entre risos e conflitos, cada uma guarda seu segredo.

1979. The machines shut down for lunch break inside a metallurgical plant in São Bernardo do Campo. Four workers eat inside the women's restroom. Between laughter and conflicts, each one keeps her secret.



DIREÇÃO DIRECTOR
Nina Kopko
PRODUÇÃO PRODUCER
Letícia Friedrich
ROTEIRO WRITER
Nina Kopko, Tainá Muhringer
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Anna Julia Santos
EDIÇÃO EDITING
Lis Paim
ELENCO CAST
Alice Marcone, Carol Duarte, Helena Albergaria, Joana Castro
CONTATO CONTACT
leticia@boulevardfilmes.com.br



Entre a Colônia e as Estrelas

Between the Colony and the Stars

BRASIL, 2022, 49'

Colônia Juliano Moreira, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Estelar trabalha em um hospital psiquiátrico e tem visões do passado. Durante uma crise hídrica no estado, recebe Kalil, seu irmão mais novo, para morar em sua casa. Em meio às divergências políticas e identitárias entre ambos, Estelar percebe que é preciso coragem para rever suas posições conservadoras. Ela inicia uma jornada que a levará aonde residem todas as diferenças, tempos, abismos e mistérios entre nós.

Colônia Juliano Moreira, West Zone of Rio de Janeiro. Estelar works in a psychiatric hospital and has visions of the past. During a water crisis in the state, she receives Kalil, her younger brother, to live in her house. Amidst the political and identity differences between them, Estelar realizes that it takes courage to review her conservative positions. She begins a journey that will take her to where all the differences, times, abysses, and mysteries between us lie.



DIREÇÃO DIRECTOR

Lorrán Dias

PRODUÇÃO PRODUCER

João Gilberto Lopes,
Gleyser Ferreira, Gabriela
Freitas, Erika Candido

ROTEIRO WRITER

Lorrán Dias

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Suelen Menezes

EDIÇÃO EDITING

Clarissa Ribeiro

ELENCO CAST

Timbuca Hai, Lorre Motta,
Ana Flavia Cavalcanti,
Tadáskia, Erotilde Beata

CONTATO CONTACT

contatofistaile@gmail.com



Estrelas do Deserto

Desert Lights

CHILE, 2022, 19'

No meio do deserto do Atacama, Antay (12) vê sua cidade desaparecer devido à seca. Juntamente com seus amigos e seu pequeno time de futebol, ele tentará agarrar-se aos últimos raios de sol, aos fragmentos de sua infância e aos laços com aqueles que ainda resistem.

In the middle of the Atacama desert, Antay (12) sees his town disappearing due to droughts and neglect. Alongside his friends and the football team they have formed, they will try to hang onto the last sun rays, their childhood fragments, and the ties with those who still resist.



DIREÇÃO DIRECTOR

Katherina Harder Sacre

PRODUÇÃO PRODUCER

Selva González, Elliot
Morfi, Katherina Harder

ROTEIRO WRITER

Rubens Juárez

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Diego Lazo

EDIÇÃO EDITING

Roberto Salinas

ELENCO CAST

Bastián Bravo, Luciano
González, Josefa Aguilar,
Catalina Saavedra

CONTATO CONTACT

katherina@

volcanicafilms.cl



Fantasma Neon

Neon Phantom

BRASIL, 2022, 20'

Um entregador de aplicativo sonha em ter uma moto. Disseram a ele que tudo seria como um filme musical.

A delivery man dreams of having a motorcycle. He was told everything would be like a musical film.



DIREÇÃO DIRECTOR
Leonardo Martinelli
PRODUÇÃO PRODUCER
Ayssa Yamaguti Norek,
Leonardo Martinelli,
Rafael Teixeira
ROTEIRO WRITER
Leonardo Martinelli
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Felipe Quintelas
EDIÇÃO EDITING
Lobo Mauro
ELENCO CAST
Dennis Pinheiro,
Silvero Pereira
CONTATO CONTACT
fantasmaneonfilme@
gmail.com



Fantasmagoria

Fantasmagoría

CHILE/FRANÇA/SUIÇA, 2022, 14'



No meio do Deserto do Atacama, são encontrados vestígios da última indústria de nitrato, enquanto os habitantes testemunham o colapso de uma indústria localizada no ponto mais seco da Terra.

In the middle of the Atacama Desert, traces of the last nitrate industry are found, while the residents witness the crash of an industry located in the driest place on Earth.

DIREÇÃO DIRECTOR
Juan Francisco González
PRODUÇÃO PRODUCER
Laura Gabay, Anibal
Jofré, Felipe Morgado
ROTEIRO WRITER
Juan Francisco González,
Mariana Camelio
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Juan Francisco González
EDIÇÃO EDITING
Juan Francisco González
CONTATO CONTACT
jfrancisgonzalez@
gmail.com



Fogo no Mar

Fire in the Sea

ARGENTINA, 2022, 15'

Impulsionado por um sonho e por meio do uso de fotos, animação 3D e um desenho de som sofisticado, este comovente trabalho em primeira pessoa evoca a relação entre a política do estado argentino — na esteira da onda de privatizações na década de 1990 — e a morte de um jovem pai, trabalhador demitido da estatal de gás.

Triggered by a dream, and through the use of photos, 3D animation and refined sound design, this moving first-person work evokes the relationship between Argentinian state policy — in the wake of the wave of privatization in the 1990s — and the death of a young father, a worker dismissed from the state-owned gas company.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Sebastián Zanzottera
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Nacho Losada
ROTEIRO *WRITER*
Sebastián Zanzottera
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Sebastián Zanzottera
EDIÇÃO *EDITING*
Tatiana Mazú González
CONTATO *CONTACT*
antesmuertocine@gmail.com



Infantaria

Infantry

BRASIL, 2022, 24'

Joana quer virar mocinha. Dudu quer o pai. Verbena, que chegou sem ser convidada, esconde o que quer.

Joana wants her first period. Dudu wants his father. Verbena, who nobody invited, hides what she wants.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Laís Santos Araújo
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Pedro Krull
ROTEIRO *WRITER*
Laís Santos Araújo
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Wilssa Esser
EDIÇÃO *EDITING*
Laís Santos Araújo
ELENCO *CAST*
Ane Oliva, Ana Luiza
Ferreira, Francisco Nunes,
Karolayne Rayssa
CONTATO *CONTACT*
agudacinema@gmail.com



Levante pela Terra

Uprising for the Land

BRASIL, 2022, 30'

Em junho de 2022, em Brasília, era realizado o acampamento Levante Pela Terra. Lideranças indígenas de todas as regiões do Brasil se reuniram na capital federal para lutar contra o PL490 — o denominado “PL do marco temporal”.

In June 2022, in Brasilia, the “Levante Pela Terra” [Uprising for the Land] encampment was taking place. Indigenous leaders from all regions of Brazil gathered in the federal capital to fight against the PL490 — the so-called ‘Temporal Milestone Bill’.



DIREÇÃO DIRECTOR
Marcelo Cuhexê Krahô
PRODUÇÃO PRODUCER
Cuhexê Krahô e Carol Leão
ROTEIRO WRITER
André Gregory e Gabriela Daldegan
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
João Vasconcelos
EDIÇÃO EDITING
Gabriela Daldegan e João Vasconcelos
CONTATO CONTACT
krahofilmes@gmail.com



Mãri Hi – A Árvore do Sonho

Mãri Hi

BRASIL, 2023, 17'

Quando as flores da árvore Mãri desabrocham, surgem os sonhos. As palavras de um grande xamã conduzem uma experiência onírica através da sinergia entre cinema e sonho yanomami, apresentando poéticas e ensinamentos dos povos da floresta.



When the flowers of the Mãri hi tree blossom, dreams emerge. The words of a great shaman lead an oneiric experience through the synergy between cinema and Yanomami dreams, presenting poetics and teachings of the forest people.

DIREÇÃO DIRECTOR
Morzaniel Italmari
PRODUÇÃO PRODUCER
Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha
ROTEIRO WRITER
Morzaniel Italmari
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Morzaniel Italmari
EDIÇÃO EDITING
Morzaniel Italmari, Rodrigo Ribeiro-Andrade, Julia Faraco e Carlos Eduardo Cecon
ELENCO CAST
Davi Kopenawa
CONTATO CONTACT
margarida@aruacfilmes.com.br



Paulo Galo: Mil Faces de um Homem Leal

Rise and Burn: Paulo Galo

BRASIL, 2022, 19'

Paulo “Galo” Lima ganhou destaque com o movimento dos entregadores antifascistas e, em 2021, foi preso após a ação que ateou fogo na estátua do Borba Gato, em São Paulo. Para ele, “faltou tempo” dentro da cadeia. Conheça a verdadeira história de Galo.

Paulo “Galo” Lima gained prominence with the movement of the anti-fascist delivery men. In 2021 he was arrested after setting fire to the Borba Gato statue in São Paulo. For him, there was “not enough” jail time. Get to know the true story of Galo.



DIREÇÃO DIRECTOR
Iuri Salles, Felipe Larozza
PRODUÇÃO PRODUCER
Iuri Salles
ROTEIRO WRITER
Iuri Salles
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Felipe Larozza
EDIÇÃO EDITING
Victor Ciappina
CONTATO CONTACT
arapuafilmes@gmail.com



Quem de Direito

The Rightful

BRASIL, 2022, 21'



A organização popular pelo acesso à terra marca o território do vale do Guapiaçu (Cachoeiras de Macacu, RJ); as mobilizações recentes contra um projeto de barragem colocam também a água como elemento de disputa.

Popular organization for access to land marks the territory of the Guapiaçu Valley (Cachoeiras de Macacu, RJ); recent mobilizations against a dam project also have water as an element of dispute.

DIREÇÃO DIRECTOR
Ana Galizia
PRODUÇÃO PRODUCER
Ana Galizia e
Guilherme Farkas
ROTEIRO WRITER
Ana Galizia
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ana Galizia
EDIÇÃO EDITING
Luciano Carneiro
ELENCO CAST
Dionizio de Jesus,
Raiene Evangelista,
Mariana Ferreira, Sara
Gomes e Silas Borges
CONTATO CONTACT
sobrenadafilmes@
gmail.com



Solmatalua

Solmatalua

BRASIL, 2022, 15'

Em uma onírica odisseia afro-diaspórica, paisagens e vielas encontram-se nas encruzilhadas do tempo. *Solmatalua* percorre um vertiginoso itinerário por territórios ancestrais e contemporâneos, realizando uma mística viagem que resgata memórias e busca possíveis futuros.

In a dreamlike Afro-Diasporic odyssey, landscapes and alleys meet at the crossroads of time. Solmatalua follows a vertiginous itinerary through ancestral and contemporary territories, making a mystical journey that recovers memories and searches for possible futures.



DIREÇÃO DIRECTOR
Rodrigo Ribeiro-Andrade
PRODUÇÃO PRODUCER
Rodrigo Ribeiro-Andrade,
Eryk Rocha, Mariana
Mansur, Bernardo Oliveira
ROTEIRO WRITER
Rodrigo Ribeiro-Andrade
EDIÇÃO EDITING
Rodrigo Ribeiro-Andrade,
Julia Faraco, Carlos
Eduardo Cecon
CONTATO CONTACT
contato@gatamaior.
com.br



Tekoha

Tekoha

BRASIL, 2022, 15'

O incêndio de uma casa familiar Guarani Kaiowá (por seguranças de fazendeiros; Tekoha Ava'te, 6 de setembro de 2021) e de uma casa de reza Guarani Kaiowá (por membros de igreja pentecostal; Tekoha Itay Ka'Agwyrusu, 29 de dezembro de 2021) – violências criminosas registradas em vídeo pelo próprio povo Guarani Kaiowá. *Tekoha* é a definição de terra indígena, território étnico e vital dos povos originários do Brasil – um lugar onde se é.

The burning of a Guarani Kaiowá family home (by ranchers' security guards; Tekoha Ava'te, September 6, 2021) and of a Guarani Kaiowá prayer house (by Pentecostal church members; Tekoha Itay Ka'Agwyrusu, December 29, 2021) — criminal violence recorded on video by the Guarani Kaiowá people themselves. Tekoha is the definition of indigenous land, the ethnic and vital territory of Brazil's original peoples — a place where one is.



DIREÇÃO DIRECTOR
Carlos Adriano
PRODUÇÃO PRODUCER
Carlos Adriano
ROTEIRO WRITER
Carlos Adriano
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Povo Guarani Kaiowá,
Carlos Adriano
EDIÇÃO EDITING
Carlos Adriano
CONTATO CONTACT
adriano.carlos.ca@
gmail.com



Terremoto

Earthquake

BRASIL, 2022, 26'

Niky, Nicolson e Ralph, três irmãos haitianos sobreviventes do terremoto de 2010 e recém-chegados ao Brasil, tentam se adaptar à vida escolar na periferia de Contagem enquanto o Brasil passa por uma de suas maiores crises econômicas e sanitárias.

Niky, Nicolson, and Ralph, three Haitian brothers, survivors of the 2010 earthquake and newcomers to Brazil, try to adapt to school life in the outskirts of Contagem while Brazil goes through one of its biggest economic and health crises.



DIREÇÃO DIRECTOR
Gabriel Martins
PRODUÇÃO PRODUCER
Luna Gomides
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Leonardo Feliciano
EDIÇÃO EDITING
Victor Furtado
CONTATO CONTACT
contato@filmesdeplastico.com.br



Thuë Pihí Kuuwi: Uma Mulher Pensando

Thuë Pihí Kuuwi

BRASIL, 2023, 9'

Primeiro filme dirigido e filmado por mulheres yanomami na comunidade Watorikí, na região do Demini, Terra Indígena Yanomami, a obra apresenta a reflexão de uma mulher yanomami sobre a relação de um xamã com yãkona, o rapé ritualístico que inicia o indígena no conhecimento xamânico de seu povo.

The first film directed and filmed by Yanomami women in the Watorikí community, in the Demini region of Yanomami Indigenous Land, this work presents the reflection of a Yanomami woman on the relationship between a shaman and yãkona, the ritualistic snuff that initiates the indigenous person into the shamanic knowledge of his people.



DIREÇÃO DIRECTOR
Aida Harika Yanomami,
Edmar Tokorino
Yanomami, Roseane
Yariana Yanomami
PRODUÇÃO PRODUCER
Eryk Rocha e Gabriela
Carneiro da Cunha
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Roseane Yariana
Yanomami
EDIÇÃO EDITING
Aida Harika Yanomami,
Edmar Tokorino
Yanomami, Carlos
Eduardo Ceccon,
Julia Faraco, Rodrigo
Ribeiro-Andrade
CONTATO CONTACT
margarida@
aruacfilmes.com.br



Um Tempo para Mim

A Time for Me

BRASIL, 2022, 21'

Florência fica menstruada pela primeira vez no mesmo dia em que ocorre um eclipse da Lua. Criada pela avó, ela segue a rotina e os costumes de sua tradição mbya guarani. Recolhida do convívio social, Florência vive uma transformação.

Florência gets her first period on the very day of a moon eclipse. Raised by her grandmother, she follows the routine and customs of her Mbya Guarani tradition. Withdrawn from social life, Florência experiences a transformation.



DIREÇÃO DIRECTOR
Paola Mallmann
PRODUÇÃO PRODUCER
Paola Mallmann e
Beto Rodrigues
ROTEIRO WRITER
Paola Mallmann
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Pamela Hauber
EDIÇÃO EDITING
Tyrell Spencer
ELENCO CAST
Juliana Timoteo, Clarice
Benite, Patricia Ferreira,
Elza Chamorro
CONTATO CONTACT
paolamallmann@
gmail.com



XAR - Sonho de Obsidiana

XAR - Obsidian Dream

BRASIL, 2022, 13'

Ao despertar de um sonho ancestral, o jovem maya kaqchikel Edgar Calel realiza um ritual artístico no pavilhão da Bienal de São Paulo. Entre aspirações e memórias, seu percurso espiritual vai conduzi-lo para ser incorporado ao seu animal de poder.

Awakening from an ancestral dream, the young Maya Kaqchikel Edgar Calel performs an artistic ritual in the pavilion of the São Paulo Biennial. Between aspirations and memories, his spiritual journey will lead him to be incorporated into his power animal.



DIREÇÃO DIRECTOR
Fernando Pereira dos
Santos, Edgar Calel
PRODUÇÃO PRODUCER
Fernando Pereira
dos Santos
ROTEIRO WRITER
Edgar Calel e Fernando
Pereira dos Santos
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Chico Bahia
EDIÇÃO EDITING
Tom Laterza
ELENCO CAST
Edgar Calel
CONTATO CONTACT
fer.cine.pereira@
gmail.com



Xixiá - Mestre dos Cânticos Fulni-ô

Xixiá - Master of Fulni-ô Chants

BRASIL, 2022, 20'

De um sonho nos anos 1970, nascem as cafurnas do povo Fulni-ô, cânticos na língua Yaathe, criadas e cantadas pelo mestre Abdon dos Santos, ancião considerado um verdadeiro patrimônio vivo do povo indígena Fulni-ô.

From a dream in the 1970s, the Fulni-ô people's "cafurnas" were born. These are chants in the Yaathe language, created and sung by Master Abdon dos Santos, an elder considered to be a true living heritage of the Fulni-ô indigenous people.



DIREÇÃO DIRECTOR

Hugo Fulni-ô

PRODUÇÃO PRODUCER

Coletivo Fulni-ô
de Cinema

ROTEIRO WRITER

Coletivo Fulni-ô
de Cinema

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Waya Ferreira de Sá

EDIÇÃO EDITING

Hugo Fulni-ô, João
Paulo Ribeiro

ELENCO CAST

Abdon dos Santos,
Lenivaldo de Matos,
Sarapó dos Santos

CONTATO CONTACT

coletivofulniodecinema@
gmail.com



Concurso Curta Ecofalante

Ecofalante Short Film Contest



O Concurso Curta Ecofalante é um estímulo à produção audiovisual brasileira, incentivando aqueles que estão no início de suas carreiras. Apresentamos uma seleção criteriosa de filmes universitários, de alunos de escolas técnicas e de cursos livres de cinema. Os filmes concorrem a **Melhor Curta Ecofalante** – com prêmio de R\$ 4.000,00 – e **Melhor Filme pelo Público**.

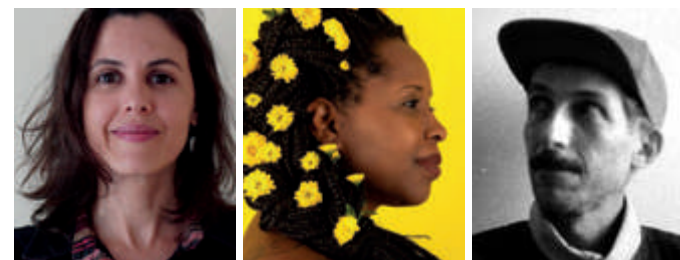
Um estímulo a jovens realizadores

A partir da 9ª edição da Mostra, o critério estabelecido para a inscrição dos filmes no Concurso Curta foi ampliado para abarcar temáticas que dialoguem com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela ONU na Agenda 2030. Criada em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação para os próximos 15 anos com objetivos que visam ao desenvolvimento sustentável do planeta – são 17 ODS, que abrangem temas como erradicação da pobreza, combate às mudanças climáticas e redução de desigualdades. Em sua 12ª edição, o festival selecionou 18 filmes para o Concurso Curta Ecofalante.

The Ecofalante Short Film Contest is an incentive to Brazilian audiovisual production, encouraging those who are at the beginning of their careers. We present a careful selection of films by college students as well as students of technical schools, high schools and free cinema courses. Two prizes will be awarded: an audience award for Best Film by the Audience, and R\$ 4,000.00 for the winner of Best Ecofalante Short Film.

An incentive for young filmmakers

Since the 9th edition of the Film Festival, the criteria established for the application of films to the Short Film Contest has been expanded to include themes that dialogue with the Sustainable Development Goals (SDGs), proposed by the UN in the 2030 Agenda. Created in 2015, the 2030 Agenda for Sustainable Development is an action plan for the next 15 years with goals aimed at the sustainable development of the planet – there are 17 SDGs, covering topics such as eradication of poverty, fighting climate change, and reducing inequalities. In its 12th edition, the Festival has selected 18 films for the Ecofalante Short Film Contest.



Competição Latino-Americana Competição Curtas - Júri

Latin American Competition

Short Film Competition - Jury

Joana Moncau

Jornalista e documentarista, atualmente integra a cooperativa audiovisual Zungu Coop Producciones. Co-dirigiu o curta *Mensageiras da Amazônia*, que ganhou o prêmio de melhor curta-metragem eleito pelo júri na *Competição Latino-Americana* da 11ª edição da Mostra Ecofalante de Cinema (2022). Co-dirigiu o longa-metragem *Tampouco* e o curta *Tão Longe*, ambos sobre a imigração venezuelana para o Brasil, co-produzidos pela Repórter Brasil e National Geographic Society (2021). Co-dirigiu os curtas *Monocultura da Fé* (2018), sobre a violência de grupos evangélicos contra xamãs guarani-kaiowás, que foi um dos três finalistas do Dig Awards 2018 e indicado ao prêmio Gabriel García Márquez 2019. Produz material para Repórter Brasil, Agência Pública, *Le Monde Diplomatique Brasil*, Al Jazeera, Doha Debates, entre outros.

Journalist and documentary filmmaker, she is currently part of the audiovisual cooperative Zungu Coop Producciones. She co-directed the short film Messengers of the Amazon, which won the jury prize for best short film in the Latin American Competition of the 11th edition of the Ecofalante Film Festival (2022). She co-directed the feature film Neither and the short film Faraway, both about Venezuelan immigration to Brazil, co-produced by Repórter Brasil and National Geographic Society (2021). She co-directed the short films Monoculture of Faith (2018), about the violence of evangelical groups against Guarani-Kaiowás shamans, which was one of the three finalists in the Dig Awards 2018 and was nominated for the Gabriel García Márquez Award 2019. She produces material for Repórter Brasil, Agência Pública, Le Monde Diplomatique Brasil, Al Jazeera, Doha Debates, among others.

Izabel de Fátima Cruz Melo

Pesquisadora e professora. Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde coordena o projeto de pesquisa “Festivais de Cinema na Bahia: Histórias, Trajetórias e Transformações”. Autora dos livros “Cinema é Mais que Filme”: Uma História das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978) (2016) e Cinema, Circuitos Culturais e Espaços Formativos: Sociabilidade e Ambiência na Bahia (1968-1978) (2022), além de participar de outras publicações em livros e revistas. Também colabora com festivais, participando de curadorias, palestras e júris.

Sergio Silva

Sergio Silva é cineasta, roteirista e programador. Foi curador da Cinemateca Brasileira entre 2012 e 2020 e apresentou programas em festivais como Doclisboa e Mostra SP, e instituições como Centro Cultural Dragão do Mar, Cinesesc e Centro Cultural Banco do Brasil. Diretor e roteirista de filmes como A Terra Segue Azul Quando Saio do Trabalho (2021), Estamos Todos na Sarjeta, Mas Alguns de Nós Olham as Estrelas (2020), Febre (2017) e Minha Única Terra É na Lua (2017).

Researcher and professor, she has a Ph.D. in Audiovisual Media and Processes from ECA-USP, and is a professor at the State University of Bahia (UNEB), where she coordinates the research project “Film Festivals in Bahia: Stories, Trajectories and Transformations.” Author of the books “Cinema é Mais que Filme”: Uma História das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978) (2016) and Cinema, Circuitos Culturais e Espaços Formativos: Sociabilidade e Ambiência na Bahia (1968-1978) (2022), besides participating in other publications in books and magazines. She also collaborates with festivals, participating in curatorships, lectures, and juries.

Filmmaker, screenwriter, and programmer, he was a curator at Cinemateca Brasileira between 2012 and 2020 and presented programs in festivals such as Doclisboa and Mostra SP, and institutions such as Centro Cultural Dragão do Mar, Cinesesc, and Centro Cultural Banco do Brasil. Director and screenwriter of films such as The Earth Is Still Blue When I Get Off Work (2021), We Are All in the Gutter, But Some of Us Are Looking at the Stars (2020), Febre (2017), and My Only Earth is the Moon (2017).



A Nossa Festa Já Vai Começar

Our Party Is About to Start

BRASIL, 2022, 14'

Sempre atenta, Tia Antônia observa e memoriza por décadas a dança da gente, dos carros e das máquinas cruzando a BR-135, rodovia que liga o quilombo Centro dos Violas — lugar onde nascemos — ao quilombo Fé em Deus, ambos povoados de Santa Rita (MA). Migrações e encontros demarcam o contexto de formação das nossas comunidades, e é na festa que tudo se cruza e se faz coletivo. Tambores anunciam um presente possível de permanência e sossego.

Always attentive, Tia Antônia has observed and memorized over the decades the dance of the people, the cars, and the machines crossing the BR-135, the road that connects the quilombo Centro dos Violas — the place where we were born — to the quilombo Fé em Deus, both villages located in Santa Rita (MA). Migrations and encounters mark the shaping context of our communities, and it is at the party that everything converges and becomes collective. Drums announce a possible present of permanence and peacefulness.



DIREÇÃO DIRECTOR
Cadu Marques

PRODUÇÃO PRODUCER
Cadu Marques

ROTEIRO WRITER
Cadu Marques

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Pablo Monteiro

EDIÇÃO EDITOR
Pablo Monteiro

ELENCO CAST
Comunidade do
Quilombo Vila
Fé em Deus

CONTATO CONTACT
bichodagua.av@
gmail.com



As Lavadeiras do Rio Acaraú Transformam a Embarcação em Nave de Condução

The Washerwomen of the Acaraú River Transform the Caravel into a Starship

BRASIL, 2021, 12'

O fluxo das águas do Rio Acaraú, que atravessa a cidade de Sobral, no Ceará, conta uma história na qual o esfregar e o voar fazem parte do mesmo gesto coletivo.

The flow of the waters of the Acaraú River, which crosses the city of Sobral, in Ceará, tells a story in which rubbing and flying are part of the same collective gesture.



DIREÇÃO DIRECTOR
kulumym-açu
PRODUÇÃO PRODUCER
Cristiane Pires
ROTEIRO WRITER
kulumym-açu
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ana Aline Furtado
EDIÇÃO EDITOR
Lucas Santos,
Eduardo Moreira
ELENCO CAST
Akwa Rodrigues da
Silva, kulumym-açu
e Tulipa Magalhães
CONTATO CONTACT
assunasartes@gmail.com



Concha de Água Doce

Freshwater Shell

BRASIL, 2022, 12'

Após anos vivendo na capital, Ariel retorna à sua cidade natal no litoral com uma nova identidade de gênero. Ele terá de lidar com todos os sentimentos que ficaram internalizados durante essa ausência, ao mesmo tempo que reencontra sua irmã mais nova, Ana.

After years of living in the capital, Ariel returns to his hometown on the coast with a new gender identity. He will have to deal with all the feelings that have been internalized during this absence, while reuniting with his younger sister, Ana.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lau Azevedo e João Pires
PRODUÇÃO PRODUCER
Luísa Schwengber
e Victor Sartori
ROTEIRO WRITER
Lau Azevedo, João Pires,
Gustavo Leandro, Nathan
Kaspary e Victor Sartori
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Nicolas Cunha
EDIÇÃO EDITOR
Gabriela Stein
ELENCO CAST
Aren Gallo, Natália
Tarnowski, Betina
da Costa Franco e
Eduarda Homenhuck
CONTATO CONTACT
lauraazevedo@gmail.com



Da Ponte pra Cá

Filming in the Hood

BRASIL, 2022, 23'

Quem vê *close* não vê corre! O documentário traz narrativas de quatro coletivos de produção audiovisual na periferia da Zona Sul de São Paulo — Grajaú, Vila Missionária, Cidade Ademar e Capão Redondo. Com câmeras meio quebradas, tripés improvisados, canos de PVC e celular para captar áudio, eles contam as histórias de seus territórios e os desafios de fazer cinema na periferia da capital paulista.

This documentary brings narratives from four audio-visual production collectives on the outskirts of São Paulo's South Zone – Grajaú, Vila Missionária, Cidade Ademar, and Capão Redondo. With half-broken cameras, improvised tripods, PVC pipes, and cell phones to capture audio, they tell the stories of their territories and the challenges of making films on the outskirts of São Paulo.



DIREÇÃO DIRECTOR

Isabela da Silva Alves

PRODUÇÃO PRODUCER

Isabela Alves, Letícia Lima e Mariana dos Santos

ROTEIRO WRITER

Isabela Alves, Letícia Lima e Mariana dos Santos

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Isabela Alves, Letícia Lima e Mariana dos Santos

EDIÇÃO EDITOR

João Vitor Oliveira

ELENCO CAST

Vic de Carvalho, Bruno Maciel, Lincoln Péricles, Thais Scabio e André Novais

CONTATO CONTACT

isabelaxalves@outlook.com



(D)elas - Mulheres Pretas e o Direito de Ocupar

Mahins: Black Women and the Right to Occupy

BRASIL, 2022, 21'

A carência de políticas públicas, a dificuldade de autonomia financeira e a falta de legislações específicas para gêneros fazem com que a mulher exerça um papel mais vulnerável na sociedade. A partir desse contexto de segregação, insegurança e exclusão urbana, foi se tornando clara a necessidade da mobilização das mulheres em prol de moradia digna, segura e acessível. Desempenhando papel principal na organização e consolidação das ocupações urbanas, elas quebram o estigma construído perante as normas de liderança e se tornam as principais responsáveis por esse movimento.

The lack of public policies, the difficulty of obtaining financial autonomy, and the lack of specific legislation for genders cause women to play a more vulnerable role in society. From this context of segregation, insecurity, and urban exclusion, the need for women's mobilization in favor of decent, safe, and accessible housing became clear. Playing the main role in the organization and consolidation of urban occupations, they break the stigma built before the leadership norms and become the main actors in this movement.



DIREÇÃO DIRECTOR

Bruna Lazari Antonio

PRODUÇÃO PRODUCER

Gabriela Moreira, Gabriella Pinheiro e Gabriele Lima

ROTEIRO WRITER

Bruna Lazari Antonio

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Bruna Lazari Antonio

e Olívia Costa

EDIÇÃO EDITOR

Olívia Costa

CONTATO CONTACT

brunalazaria@gmail.com



Deus Não Deixa

God Won't Allow It

BRASIL, 2023, 20'

Anos atrás, Miguel deixou de se apresentar como Mika Sapequinha: cortou os cabelos, largou as saias e criou uma nova versão para si. Frequentador da Igreja Evangélica, hoje ele enfrenta uma turbulenta jornada de autoconhecimento.

Years ago, Miguel stopped presenting himself as Mika Sapequinha: he cut his hair, abandoned his skirts, and created a new version of himself. Attending an Evangelical Church, today he faces a turbulent journey of self-knowledge.



DIREÇÃO DIRECTOR
Marçal Vianna
PRODUÇÃO PRODUCER
Hans Spelzon,
Érica de Freitas
ROTEIRO WRITER
Marçal Vianna
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Gustavo Pessoa
EDIÇÃO EDITOR
Frank Sá
ELENCO CAST
Miguel Bispo,
Leandro Araújo
CONTATO CONTACT
marcal.captioner@
gmail.com



Fique na Luz

Stay in the Light

BRASIL, 2022, 21'

Três irmãos moradores da periferia de São Paulo sonham em viver da música, mas as dificuldades que enfrentam para sobreviver fazem com que o sonho pareça impossível. Cada irmão vive um ritmo musical diferente: samba, rap e funk compõem as trilhas sonoras que tecem a narrativa, assim como as gerações que cada um representa. Enquanto os irmãos batalham para alcançar os seus sonhos, o tráfico, a violência e o fim do mês são os desafios que eles precisam superar.

Three brothers living on the outskirts of São Paulo dream of making a living from music, but the difficulties they face to survive make their dream appear impossible. Each brother lives a different musical rhythm: samba, rap, and funk make up the soundtracks that weave the narrative, as well as the generations that each one represents. As the brothers struggle to achieve their dreams, trafficking, violence, and the end of the month are the challenges they must overcome.



DIREÇÃO DIRECTOR
David Alves
PRODUÇÃO PRODUCER
João Buk
ROTEIRO WRITER
David Alves
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
André Prata
EDIÇÃO EDITOR
André Prata
CONTATO CONTACT
atovirtual@gmail.com



Medo na Minha Pele

Fear in My Skin

BRASIL, 2021, 10'

Relatos fortes e imagens densas buscam traduzir o sentimento indescritível e assustador deixado pelo racismo. A obra é atravessada pela sensação constante de que o medo, para pessoas negras, antes de qualquer coisa, passa pela pele.

Strong stories and dense images seek to translate the indescribable and frightening feeling left by racism. The work is permeated by the constant sensation that fear, for black people, before anything else, lies in their skin.



DIREÇÃO DIRECTOR
Braion Souza
PRODUÇÃO PRODUCER
Davi Marques
ROTEIRO WRITER
Escrita coletiva
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Thalys Maia
EDIÇÃO EDITOR
Davi Marques
CONTATO CONTACT
contato@enoisnafita.
com.br



O Fundo do Ar É Cinza

The Bottom of the Air Is Gray

BRASIL, 2022, 14'

No Brasil de 2022, as máquinas são instrumentos do desenvolvimento e também da destruição, e têm seu apogeu em períodos sombrios da política brasileira. Estamos próximos do fim? Haverá algo, além de cinzas?

In 2022 Brazil, machines are instruments of development as well as destruction, and they have their heyday in dark periods of Brazilian politics. Are we near the end? Will there be anything left besides ashes?



DIREÇÃO DIRECTOR
Carolina Magalhães
PRODUÇÃO PRODUCER
Carolina Magalhães
ROTEIRO WRITER
Carolina Magalhães
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Carolina Magalhães
EDIÇÃO EDITOR
Julia Hettenhousen
CONTATO CONTACT
carolvmagalhaes@
gmail.com



Olho d'Água

Water Spring

BRASIL, 2022, 15'

Zé Felipe e Dona Maria formam um casal simpático que, há muito tempo, vive em um lugar isolado nas cordilheiras de Acari (RN). Lá, eles encontraram o refúgio de que precisavam para viver uma vida simples. Apesar de ser um lugar muito bonito, a Serra do Abreu não é um lugar tão fácil para se viver. E o segredo da permanência do casal neste lugar está dentro do olho d'água.

Zé Felipe and Dona Maria are a nice couple who, for a long time, have lived in an isolated place in the mountains of Acari (RN). There, they found the refuge they needed to live a simple life. Despite being a very beautiful place, the Serra do Abreu is not such an easy place to live. And the secret of the couple's permanence in this place is inside the water spring.



DIREÇÃO DIRECTOR
João Batista e Ivan Russo
PRODUÇÃO PRODUCER
João Batista
ROTEIRO WRITER
João Batista
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ivan Russo
EDIÇÃO EDITOR
João Batista
ELENCO CAST
Maria Lima e José Felipe
CONTATO CONTACT
joabatista.acari@gmail.com



Paola

Paola

BRASIL, 2022, 16'

Paola e Ziel cresceram no território indígena Karapotó, no interior de Alagoas, porém acabaram seguindo caminhos diferentes. O filme é um reencontro na cidade de Recife, em um ritual de cura e afeto, revivendo laços de amizades.

Paola and Ziel grew up in the Karapotó indigenous territory in the backlands of Alagoas but ended up going their separate ways. The film is a reunion in the city of Recife, in a ritual of healing and affection, reviving the bonds of friendships.



DIREÇÃO DIRECTOR
Ziel Karapotó
PRODUÇÃO PRODUCER
Karkará Tunga e Ubiratã Pariri
ROTEIRO WRITER
Ana Paola Karapotó, Karkará Tunga, Ubiratã Pariri e Ziel Karapotó
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Abiniel J Nascimento, Karkará Tunga, Mitsy Queiroz e Ubiratã Pariri
EDIÇÃO EDITOR
Karkará Tunga
ELENCO CAST
Ana Paola Karapotó e Ziel Karapotó
CONTATO CONTACT
tungakarkara@gmail.com



Pescadoras em Rede: As Mulheres da Gamboa de Baixo

The Fisherwomen of Gamboa de Baixo

BRASIL, 2022, 14'

Registro das mulheres pesqueiras do quilombo urbano da Gamboa de Baixo, localizado em Salvador, este curta tem o intuito de contribuir para o reconhecimento desta prática ancestral, intrínseca à vida das suas fazedoras e a este território.

A record of the fishing women of the urban quilombo of Gamboa de Baixo, located in Salvador, this short film aims to contribute to the recognition of this ancestral practice, intrinsic to the lives of its women workers and to this territory.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lucas Ribeiro, Luísa Caria
PRODUÇÃO PRODUCER
Ana Caminha, Lucas Ribeiro, Luísa Caria
ROTEIRO WRITER
Atailon Matos, Flora Tavares, Lucas Ribeiro, Luísa Caria, Marina Muniz, Marina Novaes, Matheus Tanajura e Zara Rodrigues
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Lucas Ribeiro, Luísa Caria
EDIÇÃO EDITOR
Luísa Caria
CONTATO CONTACT
lucasribeirosousa@live.com



Piratinin

Piratinin

BRASIL, 2023, 16'

Na cidade de Piratini, interior do Rio Grande do Sul, um casal tem uma vida repleta de atividades cotidianas. Em um dia comum, eles relembram o passado, suas origens, aqueles que se foram e a ligação com o interior gaúcho, onde viveram por toda sua vida.

In the town of Piratini, in the countryside of Rio Grande do Sul, a couple leads a life full of daily activities. On an ordinary day, they reminisce about the past, their origins, those who have left, and the connection with the gaúcho countryside, where they have lived all their lives.



DIREÇÃO DIRECTOR
Leonardo Härter
PRODUÇÃO PRODUCER
Pedro Bournoukian Moura
ROTEIRO WRITER
Leonardo Härter, Pedro Bournoukian Moura, João Werlang, Solano Santos, Yago Souza
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Solano Santos
EDIÇÃO EDITOR
João Werlang
ELENCO CAST
Tânia Maria Cunha Duarte, Nai Teixeira Duarte
CONTATO CONTACT
pedrobournoukian@gmail.com



Puba

Puba

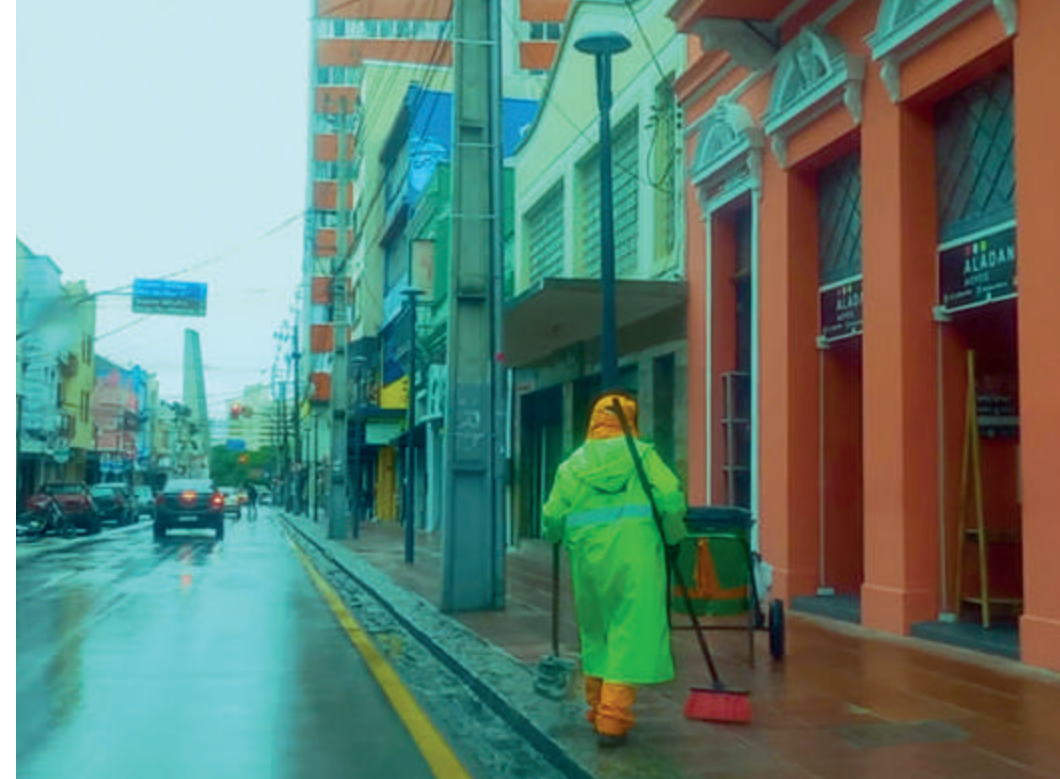
BRASIL, 2022, 14'

Diante de secas devastadoras e de uma população retirante, Puba sobrevive como um território acolhedor para o universo de vidas que abriga.

In the face of devastating droughts and a retreating population, Puba survives as a welcoming territory for the universe of lives it shelters.



DIREÇÃO DIRECTOR
Bruno Bressam,
Esther Arruda, Isaac
Branco, Leão Neto
PRODUÇÃO PRODUCER
Esther Arruda, Leão Neto
ROTEIRO WRITER
Bruno Bressam,
Esther Arruda, Isaac
Branco, Leão Neto
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Bruno Bressam
EDIÇÃO EDITOR
Leão Neto
ELENCO CAST
Francisco Cinesio
Nunes de Lima
CONTATO CONTACT
peleazulproducoes@
gmail.com



Reticências

Ellipsis

BRASIL, 2022, 6'

Garis e coletores de lixo percorrem as ruas, quase sempre invisíveis. Essa realidade, no entanto, esconde seres humanos sensíveis que anseiam pelo mínimo: respeito.

Street cleaners and garbage collectors roam the streets, almost always invisible. This reality, however, hides sensitive human beings who yearn for the minimum: respect.



DIREÇÃO DIRECTOR
Mia Marzy
PRODUÇÃO PRODUCER
Luiz Fênix
ROTEIRO WRITER
Mia Marzy
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Mia Marzy
EDIÇÃO EDITOR
Mia Marzy
CONTATO CONTACT
miamarzy@gmail.com



Sou Point 44, Amor, um Arco-íris Multicolor

I am Point 44, Love, a Multicolor Rainbow

BRASIL, 2022, 19'

Em 1995, numa pequena cidade do litoral do estado do Rio de Janeiro, David Araújo inicia uma trajetória histórica marcada por afetos, lutas, carnavais e revoluções.

In 1995, in a small town on the coast of the state of Rio de Janeiro, David Araújo begins a historical trajectory marked by affection, fights, carnivals, and revolutions.



DIREÇÃO DIRECTOR
Márcio Paixão
PRODUÇÃO PRODUCER
Dalila Tardelli
ROTEIRO WRITER
Márcio Paixão
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Márcio Paixão
EDIÇÃO EDITOR
Márcio Paixão
ELENCO CAST
Raquel Glamurosa,
Peteca, Nilma de
Oliveira, João Félix e
Leandro Corrêa
CONTATO CONTACT
marciopaixao@id.uff.br



T de Tubarão

T for Tubarão

BRASIL, 2022, 25'

Vivências, memórias e relatos se apresentam nesta produção que fala sobre vidas e tempos de uma comunidade no Subúrbio Ferroviário de Salvador, denunciando a intervenção industrial e os danos causados por ela, bem como a ressignificação do espaço por moradores locais.

Experiences, memories, and stories are presented in this production that talks about the lives and times of a community in the Suburban Railway District of Salvador, denouncing the industrial intervention and the damage caused by it, as well as the re-signification of the space by local residents.



DIREÇÃO DIRECTOR
Pólen Acácio
PRODUÇÃO PRODUCER
QUIAL Tubarão
ROTEIRO WRITER
Pólen Acácio
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Pólen Acácio
EDIÇÃO EDITOR
Pólen Acácio
ELENCO CAST
Emanuel França, Neto
Arouca, Rildo Messias,
Ana Maria, Marise Lima,
Janete, Anita, Natureza
França, Guilherme
Almeida, Murilo Costa
CONTATO CONTACT
polenacacio@gmail.com



Xicas de Ianlá

Xicas of Ianlá

BRASIL, 2022, 8'

Elix e Ashley relatam como se descobriram artistas travestis, e como a arte gerou uma conexão única entre elas dentro desse contexto.

Elix and Ashley relate how they discovered themselves as transvestite artists, and how art generated a unique connection between them within this context.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Juliane S. C.

PRODUÇÃO *PRODUCER*
Thales Bizarria

ROTEIRO *WRITER*
Jennifer Barros

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Giulia Araujo

EDIÇÃO *EDITOR*
Max Simões

CONTATO *CONTACT*
contato@enoisnafita.
com.br



Sessão Infantil

Kid's Program





A Viagem do Príncipe

The Prince's Voyage

FRANÇA/LUXEMBURGO, 2019, 77'

Um príncipe estrangeiro é encontrado desacordado na costa de um país longínquo e de hábitos culturais diferentes. Considerando-o estranho e primitivo, dois cientistas resolvem estudá-lo. Para isso, prendem o príncipe no museu onde trabalham, lugar onde toda sorte de animais e plantas são objetificados para fins de pesquisa. Nesse local, o príncipe fará amizade com o jovem Tom, que irá apresentá-lo a esse novo país, um mundo construído em detrimento da floresta e da natureza, cujos habitantes se creem únicos e são dominados por diversos tipos de medos.

DIREÇÃO DIRECTOR
Jean-François Laguionie,
Xavier Picard
PRODUÇÃO PRODUCER
Armelle Glorennec,
Éric Jacquot
ROTEIRO SCRIPT
Anik Le Ray, Jean-
François Laguionie
ANIMAÇÃO ANIMATION
Yann Martinat,
Joachim Henrard
EDIÇÃO EDITOR
Patrick Ducruet
CONTATO CONTACT
thomas.sparfel@
diplomatie.gouv.fr

A foreign prince is found unconscious on the coast of a distant country with different cultural habits. Considering him strange and primitive, two scientists decide to study him. To do so, they lock the prince up in the museum where they work, a place where all sorts of animals and plants are objectified for research purposes. There, the prince befriends young Tom, who introduces him to this new country, a world built at the expense of the forest and nature, whose inhabitants believe themselves to be unique and are dominated by various types of fears.



Realidade Virtual

Virtual Reality

Amazônia Viva é um projeto da Iniciativa Inter-Religiosa pelas Florestas Tropicais (IRI Brasil), com roteiro e direção do premiado cineasta Estevão Ciavatta, da Pindorama Filmes, e apoio do Instituto Clima e Sociedade (iCS) e da Conservação Internacional Brasil. O filme é uma das principais ferramentas de sensibilização, formação e engajamento de lideranças e comunidades religiosas e do público em geral sobre a preservação da Amazônia e a defesa dos direitos dos povos indígenas. Ele é disponibilizado gratuitamente para todos os interessados em promover a conscientização da proteção da floresta.

Liderada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a IRI Brasil existe para apoiar lideranças e comunidades religiosas para que elas possam ampliar sua contribuição para a preservação do equilíbrio climático, a conservação e o uso sustentável das florestas e a proteção dos direitos dos povos indígenas e das comunidades locais.

Amazônia Viva was commissioned by the Interfaith Rainforest Initiative (IRI Brazil), scripted and directed by award-winning filmmaker Estevão Ciavatta, from Pindorama Filmes, and funded by the Institute for the Climate and Society (iCS) and Conservation International Brazil. The film is one of the main tools for raising awareness, training, and engaging religious leaders and communities, as well as the general public, about preserving the Amazon and defending the rights of indige-

nous peoples. The film is available free of charge to anyone interested in promoting awareness of forest protection.

Led by the United Nations (UN), IRI Brazil exists to support religious leaders and communities so that they can increase their contribution to the preservation of the climate balance, the conservation and sustainable use of forests, and the protection of indigenous peoples and local communities.

*Conheça mais sobre o trabalho da IRI Brasil nas redes sociais:
Learn more about IRI Brazil visiting:*

iribrasil.org

amazoniavr.com.br

 @iribrasil

 @brasiliri | @iri_brasil



Amazônia Viva

Amazônia Viva

BRASIL, 2022, 10'

Diante da destruição da Amazônia, a líder indígena Raquel Tupinambá nos leva, numa jornada espiritual, ao coração da floresta.

Faced with the destruction of the Amazon, the indigenous leader Raquel Tupinambá takes us on a spiritual journey into the heart of the forest.

DIREÇÃO *DIRECTOR*
Estêvão Ciavatta
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Pindorama Filmes,
Studio KwO e IRI Brasil
ROTEIRO *SCRIPT*
Estêvão Ciavatta
EDIÇÃO *EDITOR*
Luana Bazhuni
ELENCO *CAST*
Raquel Tupinambá
CONTATO *CONTACT*
contato@pindoramafilmes.
com.br



Sessão Especial

Special Screening





Mulheres na Conservação

Women in Conservancy

BRASIL, 2023, 47'

Mulheres na Conservação lança um olhar delicado e sensível sobre a vida e o trabalho de sete heroínas da luta ambiental. O documentário faz um recorte desse universo feminino que está à frente de ações e estudos sobre Conservação e Meio Ambiente no Brasil.

Women in Conservancy takes a gentle and sensitive look at the life and work of seven heroines of the environmental movement. The documentary is a portrait of this feminine universe that is at the forefront of actions and studies on Conservation and the Environment in Brazil.



DIREÇÃO *DIRECTOR*

Paulina Chamorro,

João Marcos Rosa

PRODUÇÃO *PRODUCER*

Sylvio Rocha, Paulina

Chamorro

ROTEIRO *SCRIPT*

Fernanda Polacow

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*

João Marcos Rosa,

Bruno Magalhães

EDIÇÃO *EDITOR*

Larissa Figueiredo, edt.

CONTATO *CONTACT*

contato@tochafilmes.

com.br



Atividades Paralelas

Parallel Activities



MASTERCLASS

Nossa Casa em Chamas: Sobre Filmes, Fins e Fraturas com Malcom Ferdinand

A **Mostra Ecofalante de Cinema**, em parceria com a Spcine, apresenta a *masterclass* online *Nossa Casa em Chamas: Sobre Filmes, Fins e Fraturas*, com Malcom Ferdinand (CNRS), filósofo martinicano e autor de *Uma Ecologia Decolonial*. Com moderação do antropólogo Guilherme Moura Fagundes (USP), a aula explora como o cinema *blockbuster* produz um imaginário sobre a catástrofe ecológica visto da perspectiva de famílias brancas, relegando os mundos racializados à condição de sem lugar na Terra, a serviço do *oikos* colonial.

MALCOM FERDINAND nasceu na Martinica em 1985. É engenheiro ambiental pela University College London (UCL) e doutor em filosofia política e ciência política pela Université Paris Diderot (Paris 7). Atualmente, é pesquisador do CNRS e atua no Irisso da Université Paris Dauphine-PSL (Paris 9). Em 2019, publicou seu primeiro livro, *Une Écologie Décoloniale* (2019, ed. du Seuil), que recebeu o Prêmio da Fondation de l'Écologie Politique. No Brasil, o livro saiu em 2022 pela editora Ubu sob o título *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*.



MASTERCLASS

Our House on Fire: On Films, Endings, and Fractures with Malcom Ferdinand

The **Ecofalante Film Festival**, in partnership with Spcine, presents the online *masterclass* *Our House on Fire: On Films, Endings, and Fractures*, with Malcom Ferdinand (CNRS), Martinican philosopher and author of *Decolonial Ecology*. Moderated by anthropologist Guilherme Moura Fagundes (USP), the class explores how *blockbuster* cinema produces an imagery about ecological catastrophe seen from the perspective of white families, relegating racialized worlds to the condition of placelessness on Earth, at the service of the colonial *oikos*.

MALCOM FERDINAND was born in Martinique in 1985. He has a degree in environmental engineering from University College London (UCL) and holds a Ph.D. in political philosophy and political science from Université Paris Diderot (Paris 7). He is currently a researcher at CNRS and works at Irisso at Université Paris Dauphine-PSL (Paris 9). In 2019, he published his first book, *Une Écologie Décoloniale* (2019, ed. du Seuil), which received the Fondation de l'Écologie Politique Prize. In Brazil, the book came out in 2022 by Ubu publishing house under the title *Uma Ecologia Decolonial: Pensar a Partir do Mundo Caribenho*.

WORKSHOP

A Prática do Cinema Documental com Jorge Bodanzky

A Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental e o cineasta e fotógrafo brasileiro Jorge Bodanzky, diretor de filmes de grande importância para o cinema nacional, tais quais *Iracema*, *Uma Transa Amazônica* (1974), *O Terceiro Milênio* (1981) e *Amazônia, A Nova Minamata?* (2023), propõem este *workshop* de formação em cinema documental para estudantes, jovens cineastas e os demais interessados em conhecer mais sobre a linguagem e a prática do cinema documental.

Por meio desta atividade, o cineasta transmitirá aos alunos um pouco de sua experiência de quase 50 anos atuando na área. O objetivo do curso é propor exercícios teóricos e práticos de maneira a permitir uma efetiva interação entre professor e alunos, possibilitando a estes aplicar preceitos do cinema documental em projetos concretos, sob a orientação de um dos mais experientes cineastas brasileiros vivos.

Com 30 vagas, o *workshop* vai acontecer no fim de semana dos dias 3 e 4 de junho, das 14h às 18h. No primeiro encontro, serão realizadas análises de filmes focadas principalmente no panorama atual do documentário brasileiro e mundial; serão apresentados trechos de filmes emblemáticos do gênero, incluindo a obra do próprio Bodanzky. No segundo encontro, os alunos que quiserem poderão trazer seus trabalhos para serem discutidos pelo grupo.

JORGE BODANZKY é cineasta e fotógrafo. Estudou arquitetura na UnB e cinema na Alemanha, nos anos 1960. Além de ter dirigido alguns dos clássicos do cinema brasileiro já mencionados acima, fotografou filmes como *Hitler, IIIº Mundo* (José Agrippino de Paula, 1968), *O Profeta da Fome* (Maurice Capovilla, 1969), *À Margem do Concreto* (Evaldo Mocarzel, 2005), entre outros. Também atua ministrando oficinas de cinema em diversos âmbitos.



WORKSHOP

The Practice of Documentary Cinema with Jorge Bodanzky

The Ecofalante Environmental Film Festival and the Brazilian filmmaker and photographer Jorge Bodanzky, director of some of the most important films in Brazilian cinema, such as *Iracema* (1974), *The Third Millennium* (1981), and *The Amazon, A New Minamata?* (2023), offer this workshop in documentary filmmaking for students, young filmmakers, and anyone else interested in learning more about the language and practice of documentary filmmaking.

In the workshop, the filmmaker will share with students some of his nearly 50 years of experience in the field. The objective of the course is to propose theoretical and practical exercises that will allow an effective interaction between teacher and students. The students will be able to apply the precepts of documentary cinema in concrete projects, under the guidance of one of the most experienced Brazilian filmmakers alive.

With 30 openings, the workshop will take place over the weekend of June 3 and 4, from 2 pm to 6 pm. In the first meeting, film analyses will be carried out, focusing mainly on the current panorama of Brazilian and world documentaries; excerpts from emblematic films of the genre, including Bodanzky's own work, will be presented. In the second meeting, students who wish to do so may bring their work to be discussed by the group.

JORGE BODANZKY is a filmmaker and photographer. He studied architecture at the University of Brasília (UnB) and cinema in Germany in the 1960s. Besides having directed some of the classics of Brazilian cinema mentioned above, he has photographed films such as *Hitler Third World* (José Agrippino de Paula, 1968), *The Prophet of Hunger* (Maurice Capovilla, 1969), *Squatting on the Fringes of São Paulo* (Evaldo Mocarzel, 2005), among others. He also teaches filmmaking workshops in various contexts.

EXPOSIÇÃO

O Brigadista da Floresta

A exposição intitulada “O Brigadista da Floresta” surgiu a partir de uma expedição realizada por Mundano, que percorreu as regiões afetadas pelas queimadas no país. Durante essa jornada, o artista e grafiteiro coletou cinzas provenientes de importantes ecossistemas brasileiros, como a Mata Atlântica, o Cerrado, a Amazônia e o Pantanal. Utilizando esse material, Mundano preparou a tinta necessária para a criação de um mural impressionante, instalado em uma empena com mais de 1.000m² na Rua Capitão-mor Jerônimo Leitão, em São Paulo. Essa obra, que é uma releitura da icônica pintura *O Lavrador de Café*, de Cândido Portinari, recebeu o nome de *O Brigadista da Floresta* e tem como objetivo prestar uma homenagem a todos os brigadistas florestais do Brasil. Esses profissionais, muitas vezes voluntários e com um trabalho invisível, desempenham um papel fundamental na preservação do meio ambiente, atuando no controle e prevenção das queimadas em diversas regiões do país.

Para ampliar a conscientização sobre essa temática e arrecadar fundos para as Redes Nacionais de Brigadas Voluntárias, Mundano compartilhou o material coletado com mais de 150 artistas de todo o Brasil, resultando em uma exposição coletiva no ano de 2022. Um recorte da exposição “O Brigadista da Floresta” estará em exibição no CCSP durante a **Mostra Ecofalante**, apresentando algumas das mais de 200 obras criadas.



EXHIBITION

The Forest Firefighter

The exhibition entitled “The Forest Firefighter” arose from an expedition undertaken by Mundano, who traveled through the regions affected by fires in the country. During this journey, the artist and graffiti artist collected ashes from important Brazilian ecosystems such as the Atlantic Forest, the Cerrado, the Amazon, and the Pantanal wetlands. Using this material, Mundano prepared the paint necessary to create an impressive mural, installed on a 1,000-square-meter building wall on Rua Capitão-mor Jerônimo Leitão, in São Paulo. This work, which is a retelling of the iconic painting *The Coffee Farmer* by Cândido Portinari, is called *The Forest Firefighter* and is intended as a tribute to all

forest firefighters in Brazil. These professionals, often volunteers and with an invisible work, play a major role in the preservation of the environment, acting in the control and prevention of fires in several regions of the country.

To raise awareness about this issue and raise funds for the National Volunteer Brigade Networks, Mundano shared the collected material with more than 150 artists from all over Brazil, resulting in a collective exhibition in the year 2022. A section of the exhibition “The Forest Firefighter” will be on display at CCSP during the **Ecofalante Festival**, presenting a few of the more than 200 works created.

O *Programa Ecofalante Universidades (PEU)*, extensão educacional da **Mostra Ecofalante de Cinema**, tem como missão contribuir para, através do cinema, enriquecer o processo educacional, potencializar a formação e despertar a consciência cidadã de estudantes de todos os níveis de ensino.

Por meio de uma seleção de filmes relacionados aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, o *PEU* leva a estudantes de todo o Brasil a reflexão e o debate em torno de importantes temas atuais (emergência climática, consumo, cidades, energia, tecnologia, conservação, economia, trabalho, saúde etc.).

Trabalhando com um cronograma anual, o *Programa* estimula e dá suporte a professores, educadores e instituições de ensino na criação de projetos e atividades em torno das obras audiovisuais do catálogo, além de fornecer aos educadores ferramentas pedagógicas para o uso dos filmes em sala de aula. A escolha dos filmes e a preparação de cada atividade é feita pela equipe da **Ecofalante** em conjunto com professores e coordenadores das instituições, levando em conta dinâmicas e projetos pedagógicos diversos e adaptando-se a diferentes realidades.

Desde 2021, as ações e atividades do *Programa Ecofalante Universidades* foram ampliadas e atingiram uma abrangência nacional graças à **Ecofalante Play** (<https://play.ecofalante.org.br>), nossa plataforma de *streaming* educacional gratuita, criada para possibilitar a realização de sessões de forma online, ampliando e democratizando o acesso aos filmes. Educadores(as), professores(as) e instituições parceiras podem se cadastrar, acessar o catálogo de filmes e solicitar sessões, seja para formação pessoal ou atividades com suas turmas.

Na edição deste ano da **12ª Mostra Ecofalante de Cinema**, mais uma vez teremos sessões sendo realizadas em Casas de Cultura e Centros Culturais da Prefeitura de São Paulo, Fábricas de Cultura e também Etecs e Universidades. A programação nessas unidades inclui também atividades educacionais após as exibições.



The *Ecofalante Universities Program (PEU)*, which is the educational extension of the **Ecofalante Film Festival**, has the mission of contributing, through cinema, to enrich the educational process, strengthen the development, and awaken the citizenship awareness of students at all levels of education.

Through a selection of films related to the 17 Sustainable Development Goals (SDGs) of the UN's Agenda 2030, the *PEU* brings the opportunity to reflect on and debate important current issues (climate emergency, consumption, cities, energy, technology, conservation, economy, work, health, etc.) to students all over Brazil.

Working with an annual schedule, the *Program* encourages and supports teachers, educators, and educational institutions in creating projects and activities around the audiovisual works in the catalog. It also provides educators with pedagogical tools to use the films in the classroom. The choice of films and the preparation of each activity is made by the **Ecofalante** team to-

gether with teachers and coordinators of the institutions, taking into account different dynamics and pedagogical projects, and adapting to different realities.

Since 2021, the actions and activities of the *Ecofalante Universities Program* have been expanded and reached a national scope thanks to **Ecofalante Play** (<https://play.ecofalante.org.br>), our free educational streaming platform, created to enable online sessions, expanding and democratizing access to films. Educators, teachers, and partner institutions can register, access the film catalog, and request sessions, either for personal development or for activities with their classes.

This year's edition of the **12th Ecofalante Film Festival** will once again include screenings in the Casas de Cultura and Cultural Centers of the São Paulo City Hall, in the Fábricas de Cultura, and also in Etecs [technical schools of the state of São Paulo] and Universities. The programming in these units also includes educational activities following the screenings.

12ª MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA

12TH ECOFALANTE ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL

Lei de Incentivo à Cultura

PATROCÍNIO SPONSORSHIP

White Martins
Valgroup
Mercado Livre
Spicine

APOIO SUPPORT

Evonik
Drogasil

APOIO INSTITUCIONAL INSTITUTIONAL SUPPORT

WWF-Brasil
Cinemateca da
Embaixada da França no
Brasil - Institut Français
Ministério do
Meio Ambiente e
Mudança do Clima

REALIZAÇÃO EXECUTION

Ecofalante
Ministério da Cultura

PRODUÇÃO PRODUCTION

Doc e Outras Coisas

CO-PRODUÇÃO COPRODUCTION

Química Cultural
Entretenimento

DIREÇÃO GERAL DIRECTOR

Chico Guariba

CURADORIA ARTISTIC DIRECTOR

Francisco Cesar Filho

PESQUISA DE FILMES FILM RESEARCH

Carolina Freitas da
Cunha, Luiza Magalhães,
Saulo Rosa

COMISSÃO DE SELEÇÃO SELECTION COMMITTEE

Carolina Freitas da Cunha,
Francisco Cesar Filho,
Issis Valenzuela, Liciane
Mamede, Márcia Vaz,
Marcio Miranda Perez,
Pedro Tinen, Saulo Rosa,
Thais de Almeida Prado

PRODUÇÃO EXECUTIVA EXECUTIVE PRODUCER

Daniela Guariba

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO PROGRAM COORDINATOR

Carolina Freitas da Cunha

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO PRODUCTION COORDINATOR

Química Cultural
Entretenimento

PRODUÇÃO PRODUCTION

**Panorama Internacional
Contemporâneo**
International Contemporary
Program

Carolina Freitas da Cunha

Competição Latino-Americana Latin American Competition

Saulo Rosa

Concurso Curta Ecofalante
Ecofalante Short Film Contest

Saulo Rosa
Programas Especiais
Special Programs

Liciane Mamede

Atividades Paralelas Parallel Activities

Carolina Freitas da Cunha
Sandro Duarte
Saulo Rosa
Thais Almeida Prado

COMUNICAÇÃO COMMUNICATION

Luiza Magalhães
Química Cultural
Entretenimento

RECEPTIVO GUEST COORDINATOR

Érika Fromm

COORDENAÇÃO DE MONITORIA MONITORS COORDINATOR

Fabiana Amorim,
Alexandre Amorim

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES UNIVERSIDADES

PRODUCTION
COORDINATOR SCHOOL &
UNIVERSITY CIRCUIT

Chico Guariba

Programa Ecofalante Universidades

School & University Program
Ariane Soares
José Mateus Rodrigues
Luana de Souza Arantes

Matheus Matias
De Menezes

CONCEPÇÃO VISUAL E DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Tadzio Saraiva

WEBSITE WEBSITE

Kingly Studio

VINHETA TRAILER

Animação
Animation

João Paulo Schlittler
Samuel de Souza

Trilha Score

Rafael Minerbo

ASSESSORIA DE IMPRENSA PRESS OFFICE

ATTI Comunicação
e Ideias

Eliz Ferreira &
Valéria Blanco

ENTREVISTAS INTERNACIONAIS INTERNATIONAL INTERVIEWS

Flávia Guerra

TRANSMISSÃO ONLINE ONLINE TRANSMISSION

acinegrafista

REGISTRO FOTOGRÁFICO STILL PHOTOGRAPHY

Marcos Finotti

CAPTAÇÃO AUDIOVISUAL VIDEO AND EDITING

Meridiano Filmes
Renato Helena
& Paulo Pla

TRADUÇÃO DE TEXTOS TRANSLATION

Helena Spalic

REVISÃO DE TEXTOS COPYDESK

Clara Spalic

IMPRESSÃO PRINT

Pigma - Gráfica
e Impressora

TRADUÇÃO, LEGENDAGEM E COPIAGEM DOS FILMES TRANSLATION, SUBTITLES AND COPY

Aspecto Digital

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS SIGN LANGUAGE TRANSLATION AND INTERPRETATION

SSato Produções

TROFÉU TROPHY

Design Possível,
Loucos pela X, Refazer
Arte em Madeira &
Giro Sustentável

GESTÃO DE PATROCÍNIO SPONSORSHIP MANAGEMENT

Química Cultural
Consultoria

MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS FUND RAISING

Doble Cultura
Kiko Vianello &
Fernanda Couto
Patrolink

FESTIVALS PARCEIROS PARTNER FESTIVALS

É Tudo Verdade
Mostra de Cinema
Árabe Feminino
Mostra de Cinemas
Africanos

PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES ECOFALANTE UNIVERSITY CIRCUIT

Centro Paula Souza
(CPS)

Centro Universitário
Estácio da Bahia

Escolas pelo Clima

FECAP

Fundação Santo André
(FSA)

Instituto Federal da Bahia
(IFBA)

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo
(PUC SP)

Reconnectta

Serviço Nacional de
Aprendizagem Comercial
(SENAC) de São Paulo

UniEVANGÉLICA
Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP)

Universidade Federal da
Bahia (UFBA)

Universidade Federal
da Integração Latino-
Americana (UNILA)

Universidade do Estado
da Bahia (UNEB)

Centro Universitário Jorge
Amado (Unijorge)

Universidade Federal de
São Carlos (UFSCar)

Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM)

Universidade Federal de
Uberlândia (UFU)

Universidade de Brasília
(UnB)

Universidade Federal de
Catalão (UFCat)

Universidade Federal do
ABC (UFABC)

Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia
(UFRB)

Universidade Federal
do Estado de São Paulo
(UNIFESP)

Universidade Federal
do Rio Grande do Sul
(FURG)

Universidade Estadual
Paulista (UNESP)

Universidade de São
Paulo (USP)

PARCEIROS PARTNERS

Akatu

Autossustentável

ClimaInfo

Conexão Planeta

eCycle

Engajamundo

Envolverde

Fórum Popular da
Natureza

GreenMe

Greenpeace Brasil

Grupo de Institutos e
Fundações de Empresas
- GIFE

Horizonte Educação e
Comunicação

Iniciativa Verde

Instituto Chão

Instituto Democracia e
Sustentabilidade - IDS

Instituto Socioambiental
- ISA

Le Monde Diplomatique
Brasil

Observatório do Clima

Poiesis

Revista Piauí

SOS Mata Atlântica

The Climate Reality
Project Brasil

Verdes Marias

AGRADECIMENTO ESPECIAL SPECIAL THANKS

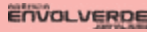
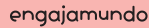
Eduardo Suplicy

Eliseu Gabriel

AGRADECIMENTOS THANKS

Adriano Medeiros da Rocha, Alain Sambène,
Alexandre Guimarães dos Santos Santana, Alice
Miguel de Paula Peres, Amanda Berk, Amanda Costa,
Ana Arruda, Ana Camila Esteves, Analu Bambirra, Ana
Carolina Justo, Ana Maria dos Santos Domiciano,
Ana Raquel Satim, Ana Sílvia Andreu da Fonseca,
Anderson Dutra e Silva, André Fischer, Andrea Roschel
Ribeiro, Ângela de Jesus Amaral, Angela Terumi
Fushita, Antonio Thomaz Junior, Armando Bulcão,
Audrey Andrade Gomes, Bernardo Perri Galegale,
Bete Barbosa, Carla Regina Silva, Carolina Cantarino
Rodrigues, Cécile Farkas, Cecília de Paula, Celio
Bermann, Cinemateca Uruguaya, Cláudia Abrahão
Hamada, Cláudia Mogadouro, Cláudio Apolinário,
Daniela Veríssimo, Djenane Santos, Dilton Alves Dória,
Durval de Campos Mantovaninni Junior, Eduardo
Murakami da Silva, Eduardo Reis Silva, Eduardo
Zanatta, Edson Paulo Souza, Edward Buckles Jr.,
Eliézer Giazzi, Elisa Ximenes, Fábio Augusto, Fábio
Barbosa, Fhelipe Crisóstomo, Fernanda da Rocha
Brando Fernandez, Gabriela Cowperthwaite, Gabriela
Farias Asmus, George Gurgel, Gesa Knolle, Gioconda
Caputo Guedes, Giovana Galvão Tavares, Gueifo
Ascanelli, Guilherme Bertissolo, Guilherme Moura
Fagundes, Gustavo Raulino, Haden Guest, Helber
Henrique Guedes, Helvio Moises, Ian Damasceno,
Inah Irenam, Ivie Nunes de Santana, Jamille Magno
Santana dos Santos, Jake Perlin, Jane de Almeida,
José Ramon, Julia Maria Carro, Julice Oliveira Dias dos
Santos, Julio Rocha, Julio Vainer, Kadja Maria Ribeiro
Parente, Karla Maria Silva de Faria, Lara Oliveira Lopes
Guedes, Laura Laganá, Leandro Alves de Oliveira, Lela
Queiroz, Leonardo Bião, Leonardo Ricco Medeiros,
Letícia Squeff, Lilian Miranda, Luciana Lopes, Luciana
Mello Ribeiro, Lucília Guerra, Luis Reis, Luiz Augusto
de Paula Souza, Marcos Sorrentino, Marcus Bastos,
Margarete de Souza Conrado, Maria Alice de Sousa
Carvalho Rocha, Maria Fernandes Gomide Dutra e
Silva, Maria Luísa Bonazzi Palmieri, Márcio Sartório,
Mariana Fix, Mariana Gago, Mariana Zagatti, Marília
Pimenta, Mauro GM Capelari, Midian Garcia, Mônica
Angélica, Mônica Guimarães, Murilo Salles, Nelma
Arônia, Norlan Silva, Otávio Savietto, Paola de Marco,
Patrícia Iglecias, Patrícia Moraes, Paulo Celso Moura,
Paulo Cesar Miguez de Oliveira, Paulo Henrique
Martinez, Pedro A. R. Maurano, Pedro Aguerre, Pedro
Lijeron Vargas, Rafael Almeida, Rafael de Camargo
Teixeira Santos, Renata Weinberger de Carvalho
Bermudes, Renato Aurélio Locilento, Rita Aquino, Rita
de Cássia Borges, Rusvênia Luiza Batista Rodrigues
da Silva, Luiza Guariba, Samara Carbone, Samuel
Zanatta, Sheila Feio, Silvana Di Blasio, Sílvia Finazzi,
Simone Braz, Thais Lopes Monteiro, Thais Sevieri
Chagas, Thais Tartalha Do Nascimento Lombardi,
Thalita Afonso Sampaio, Thalita Bartoccz de Assis,
Valquiria Monte Cassiano Rizzo, Verônica Guimarães,
Vivian da Silva Braz, Vladimir Carvalho, Waleska
Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Walter Tournier,
Wolney Honório Filho, Zelito Viana.

PARCERIAS



PARCEIROS EDUCACIONAIS





ECOfalante

A Ecofalante, Organização da Sociedade Civil (OSC), foi fundada em 2003 com o objetivo de criar e trabalhar em projetos que contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio da educação e da cultura. Dentro dessa proposta, nosso maior projeto é a *Mostra Ecofalante de Cinema*. O festival é o ponto de partida para as atividades educacionais que acontecem ao longo do ano através do *Programa Ecofalante Universidades*, que firma convênios com instituições de ensino de todo o país a fim de promover sessões de cinema gratuitas, com debates a partir dos títulos disponíveis na plataforma de *streaming Ecofalante Play*. A Ecofalante realiza ainda exibições, debates e atividades de formação em Etecs, CEUs, Fábricas de Cultura, entre outras instituições culturais. Nossos projetos são desenvolvidos por meio de uma rede de parcerias com instituições que atuam nas áreas de meio ambiente, educação, cultura e mídia.

Ecofalante, a Civil Society Organization (CSO), was founded in 2003. Its goal is to create and develop projects that can contribute to the sustainable development of the planet, through education and culture. In that scope, our main project is the *Ecofalante Environmental Film Festival*. The Festival is the starting point for our year-round educational projects, such as the *Ecofalante University Circuit*, which signs agreements with universities all over the country in order to promote free exhibitions of the films available on our streaming platform, *Ecofalante Play*. Moreover, Ecofalante organizes screenings, panels, and training activities in Etecs (technical schools of the state of São Paulo), CEUs, Fábricas de Cultura, and other Cultural institutions. Our projects are developed through a network of partnerships with institutions engaged in fields such as environment, education, culture, and media.

www.ecofalante.org.br

 /mostraecofalante

 @mostraeco

 /ecofalante

 @mostraecofalante

Ministério da Cultura e Ecofalante apresentam

12^a MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA 2023

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PATROCÍNIO



APOIO

PRODUÇÃO

CO-PRODUÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

